



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

UNIDADE DE CIÊNCIAS EXACTAS E HUMANAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

A DIMENSÃO RELACIONAL NO PROCESSO
DE SUPERVISÃO DE PROFESSORES

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ANEXOS

MARIA ROSA DOS SANTOS VIEGAS GONÇALVES

ORIENTADOR: PROF. DOUTOR CARLOS ALBERTO MARQUES SIMÕES

1998



TESES
SD

A dimensão relacional no
processo de supervisão de
professores - Gonçalves,

25977/12

3
Im 2º Vol. 1



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

UNIDADE DE CIÊNCIAS EXACTAS E HUMANAS

E

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

**A DIMENSÃO RELACIONAL NO PROCESSO
DE SUPERVISÃO DE PROFESSORES**

Dissertação de Mestrado em Supervisão

ANEXOS

MARIA ROSA DOS SANTOS VIEGAS GONÇALVES

ORIENTADOR: PROF. DOUTOR CARLOS ALBERTO MARQUES SIMÕES

1998

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

25/3/99 25977 12

371.13
GON. Dim

25 v.1
1

ÍNDICE DOS ANEXOS

ANEXO 1	
Relações Interpessoais no Processo de Supervisão	3
Questionário 1 - Aspectos Relacionais da Supervisão	4
Questionário 2 - Encorajamento do Supervisor	7
Questionário 3 - Atitudes Emocionais	9
 ANEXO 2	
Versão original do Questionário 2	12
Versão original do Questionário 3	18
 ANEXO 3	
Resultados obtidos no Questionário 1	20
Médias dos valores atribuídos pelos sujeitos	21
 ANEXO 4	
Resultados obtidos no Questionário 2	23
Médias dos valores atribuídos pelos sujeitos	24
 ANEXO 5	
Resultados obtidos no Questionário 3	26
Grelha de leitura do Questionário 3	27
 ANEXO 6	
Valores obtidos nos três questionários	29
Ordem decrescente dos valores obtidos nos três questionários	30
 ANEXO 7	
Guião da entrevista	32
 ANEXO 8	
Protocolo da entrevista ao sujeito 6	35
Protocolo da entrevista ao sujeito 8	42
Protocolo da entrevista ao sujeito 20	48
Protocolo da entrevista ao sujeito 21	53
 ANEXO 9	
1º tratamento da entrevista ao sujeito 20	59
 ANEXO 10	
Pré-categorização da entrevista ao sujeito 20	63
 ANEXO 11	
Distribuição das unidades de significação do sujeito 20	69
 ANEXO 12	
Distribuição provisória das unidades de significação	75
 ANEXO 13	
Distribuição das unidades de significação por categorias de análise	77

ANEXO 1

Relações Interpessoais no Processo de Supervisão

Questionário 1 - Aspectos Relacionais da Supervisão

Questionário 2 - Encorajamento do Supervisor

Questionário 3 - Atitudes Emocionais

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Escola Superior de Educação

RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO PROCESSO DE SUPERVISÃO

Os três questionários que se seguem inserem-se num estudo investigativo sobre as relações interpessoais no processo de supervisão e têm por objectivo recolher informações sobre aspectos relacionais gerados pelo supervisor no decurso da Prática Pedagógica.

Para a obtenção de tais informações solicito a sua indispensável colaboração, garantindo o anonimato e o sigilo das declarações prestadas.

Muito obrigada pela sua colaboração.

INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO DOS QUESTIONÁRIOS

- Leia devagar cada uma das perguntas e responda com a máxima sinceridade.
- Responda a todas as questões apresentadas.
- A cada pergunta, dê apenas uma resposta.
- Responda conforme o solicitado na parte superior de cada um dos questionários.

CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO:

Complete, indicando os dados solicitados:

1 - Idade: _____ anos

2 - Anos de serviço: _____ anos

3 - Anos como professora cooperante: _____ anos

QUESTIONÁRIO 1 ASPECTOS RELACIONAIS DA SUPERVISÃO

Considerando a sua função de supervisora dos alunos em formação inicial durante a Prática Pedagógica e as relações que com eles estabelece, assinale a resposta que mais corresponde ao seu caso, obedecendo à seguinte escala:

- 1 - Nunca
- 2 - Raramente
- 3 - Às vezes
- 4 - Frequentemente
- 5 - Sempre

BLOCO A

	1	2	3	4	5
1 - Mostra-se acolhedora?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 - Mostra-se calorosa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 - Percebe as angústias e inseguranças dos formandos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 - É capaz de se colocar no lugar dos formandos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5 - Ajuda os formandos a encontrar soluções?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6 - Sente que os constrange ou inibe?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7 - Costuma fazer gestos ou outros sinais que revelem a sua aprovação ou desaprovação?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8 - Mostra-se compreensiva?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9 - É sensível aos problemas pessoais dos formandos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10 - Compreende os formandos como pessoas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

BLOCO B

	1	2	3	4	5
11 - Percebe quando os formandos necessitam da sua ajuda?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- | | | | | | |
|----------------------------------------------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 12 - Mostra-se disponível? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 13 - Aconselha os formandos usando uma linguagem facilitadora? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 14 - Incute-lhes entusiasmo pelo trabalho a desenvolver? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 15 - Sente que é autêntica quando fala com os formandos? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 16 - Compreende as dificuldades que apresentam? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 17 - Aceita as iniciativas dos formandos? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 18 - Relaciona-se do mesmo modo com todos os formandos? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 19 - Ouve atentamente as suas opiniões? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 20 - Dá orientações concretas sobre o trabalho a desenvolver? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

BLOCO C

- | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 21 - Ajuda os formandos a reflectir sobre a sua prática? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 22 - Reforça positivamente o trabalho desenvolvido pelos formandos? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 23 - Aponta aspectos negativos? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 24 - Admoesta os formandos quando não agem segundo o seu aconselhamento? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 25 - Pede-lhes justificações sobre as suas decisões? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 26 - Insiste para que esclareçam os seus pontos de vista? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 27 - Interpela os formandos no sentido de os confrontar com as suas dúvidas? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

- 28 - Dá *feedback* crítico depois de realizadas as actividades?
- 29 - Questiona os formandos de forma a abrir-lhes pistas de reflexão?
- 30 - Ajuda-os a encontrar as soluções mais adequadas?

QUESTIONÁRIO 2 ENCORAJAMENTO DO SUPERVISOR

Qualquer que seja o nosso trabalho, todos gostamos, e até mesmo necessitamos, de receber algum estímulo ou encorajamento.

A fim de conhecer as atitudes dos supervisores que mais encorajam os formandos, tente recordar-se da sua experiência como supervisora e assinale o grau de concordância que atribui aos seguintes aspectos do encorajamento do supervisor.

BLOCO A

1 - Há supervisores que mostram ter confiança nos seus formandos.

Acha que os formandos se sentem encorajados:

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
1.1 - quando os supervisores lhes dizem abertamente que confiam neles?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.2 - quando os supervisores acreditam naquilo que os formandos dizem?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.3 - quando os supervisores lhes dizem que irão ser capazes de superar uma situação difícil?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

BLOCO B

2 - Há supervisores que ajudam os formandos nas suas dificuldades.

Acha que os formandos se sentem encorajados:

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
2.1 - quando os supervisores lhes dizem que têm possibilidades de vencer essas dificuldades?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.2 - quando os supervisores demonstram acreditar que são capazes de as vencer?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.3 - quando os supervisores se disponibilizam para os ajudarem a vencê-las?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

BLOCO C

3 - Há supervisores que se apercebem de que os formandos têm problemas na sua vida particular.

Acha que os formandos se sentem encorajados:

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
3.1 - quando os supervisores os escutam com atenção ao falarem dos seus problemas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.2 - quando os supervisores se mostram compreensivos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.3 - quando os supervisores os ajudam a reflectir sobre esses problemas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

BLOCO D

4 - Há supervisores que elogiam os seus formandos.

Acha que os formandos se sentem encorajados:

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
4.1 - quando os supervisores reforçam positivamente o seu desempenho?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.2 - quando os supervisores criticam formativamente o seu trabalho?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.3 - quando os supervisores lhes dizem que estão a progredir?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

BLOCO E

5 - Há supervisores que consideram a sua competência como um factor de estímulo.

Acha que os formandos se sentem encorajados:

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
5.1 - quando os supervisores revelam competência pedagógica?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.2 - quando os supervisores revelam competência científica?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.3 - quando os supervisores revelam competência humana?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

QUESTIONÁRIO 3 ATTITUDES EMOCIONAIS

Todas as situações da nossa vida nos despertam sentimentos mais ou menos intensos.

Considerando esta circunstância, assinale o seu nível de concordância ou discordância, envolvendo com um círculo o valor da escala de -4 a 4 que traduz a sua opinião, relativamente a cada uma das afirmações.

Considere como -4 o valor de maior discordância e como 4 o de maior concordância.

- | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|
| 1 - Entristece-me ver um estranho solitário num grupo. | -4 -3 -2 -1 0 1 2 3 4 |
| 2 - As pessoas dão demasiada importância ao afecto e sensibilidade dos animais. | -4 -3 -2 -1 0 1 2 3 4 |
| 3 - Muitas vezes acho que as manifestações de afecto em público são irritantes. | -4 -3 -2 -1 0 1 2 3 4 |
| 4 - Fico irritada com pessoas com pena de si mesmas. | -4 -3 -2 -1 0 1 2 3 4 |
| 5 - Fico nervosa se outras pessoas à minha volta me parecem nervosas. | -4 -3 -2 -1 0 1 2 3 4 |
| 6 - Acho uma estupidez as pessoas chorarem de felicidade. | -4 -3 -2 -1 0 1 2 3 4 |
| 7 - Tenho tendência a envolver-me emocionalmente com os problemas de um(a) amigo(a). | -4 -3 -2 -1 0 1 2 3 4 |
| 8 - Por vezes as palavras de uma canção de amor comovem-me profundamente. | -4 -3 -2 -1 0 1 2 3 4 |
| 9 - Tenho tendência para me descontrolar quando dou más notícias às pessoas. | -4 -3 -2 -1 0 1 2 3 4 |
| 10 - As pessoas que se encontram junto de mim têm grande influência no meu humor. | -4 -3 -2 -1 0 1 2 3 4 |
| 11 - A maior parte dos estranhos que encontro parecem-me frios e pouco emotivos. | -4 -3 -2 -1 0 1 2 3 4 |
| 12 - Preferia ter uma profissão em que não tivesse que contactar com pessoas do que ter que lidar sempre com elas. | -4 -3 -2 -1 0 1 2 3 4 |
| 13 - Não fico perturbada apenas porque um(a) amigo(a) me parece perturbado(a). | -4 -3 -2 -1 0 1 2 3 4 |

- | | | | | | | | | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|----|----|----|----|---|---|---|---|---|
| 14 - Gosto de ver pessoas abrir presentes. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 15 - As pessoas solitárias são provavelmente pouco amistosas. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 16 - Ver pessoas a chorar perturba-me. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 17 - Algumas canções fazem-me feliz. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 18 - Fico realmente envolvida com os sentimentos das personagens de um romance. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 19 - Fico muito zangada quando vejo alguém ser maltratado. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 20 - Sou capaz de ficar calma mesmo que as pessoas à minha volta estejam preocupadas. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 21 - Quando um(a) amigo(a) fala dos seus problemas tento mudar a conversa. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 22 - O riso de outra pessoa não me contagia. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 23 - Às vezes, no cinema, divirto-me com a quantidade de pessoas que choram à minha volta. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 24 - Sou capaz de tomar decisões sem ser influenciada pelos sentimentos das pessoas. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 25 - Não consigo continuar a sentir-me bem se as pessoas em meu redor estão deprimidas. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 26 - É-me difícil perceber porque é que algumas coisas perturbam tanto as pessoas. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 27 - Fico muito perturbada quando vejo um animal a sofrer. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 28 - Ficar absorvida por livros ou filmes é um bocado idiota. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 29 - Perturba-me ver pessoas idosas desamparadas. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 30 - Fico mais irritada do que comovida quando vejo alguém chorar. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 31 - Envolve-me muito quando vejo um filme. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 32 - Muitas vezes apercebo-me que fico calma apesar da excitação à minha volta. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 33 - As crianças pequenas às vezes choram sem nenhuma razão aparente. | -4 | -3 | -2 | -1 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |

ANEXO 2

Versão original do Questionário 2

Versão original do Questionário 3

José Tavares
Isabel Alarcão
Teresa Pajva Nazareth

CONSULTIVA DE ESTATÍSTICA
DO M. E (N.º 3.º DA PORTARIA
N.º 89/84 DE 10 FEVEREIRO)
Reg. n.º 122 | Em: 30/1/86

Q.2.1

QUESTIONÁRIO 2-E

(Novembro/Dezembro - 1985)

ENSINO SECUNDÁRIO



INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO

1. Não escreva o seu nome em parte nenhuma deste questionário.
2. Responda a todas as perguntas.
3. Responda apenas nos espaços que lhe são indicados.
4. Assinale a sua resposta com um X dentro do quadrado respectivo. Assim:
5. A cada pergunta, dê apenas uma resposta.

I - Caracterização

1. Idade:

Menos de 25 anos	<input type="checkbox"/> 1
25-44 anos	<input type="checkbox"/> 2
45-60 anos	<input type="checkbox"/> 3
Mais de 60 anos	<input type="checkbox"/> 4

2. Sexo:

Feminino	<input type="checkbox"/> 1
Masculino	<input type="checkbox"/> 2

3. Áreas de ensino:

Letras	<input type="checkbox"/> 1
Ciências	<input type="checkbox"/> 2
Áreas vocacionais	<input type="checkbox"/> 3
Outras	<input type="checkbox"/> 4

II - Indicadores

Qualquer que seja o nosso trabalho, todos gostamos, e até mesmo necessitamos, de receber algum estímulo ou encorajamento.

Por favor, ajude-nos a descobrir quais são as atitudes dos professores que mais encorajam os alunos.

Para isso, tente recordar-se da sua experiência de professor e responda com sinceridade a cada pergunta.

1. Há professores que mostram ter confiança nos seus alunos.

Acha que os alunos se sentem encorajados:

	NADA	POUCO	BASTANTE	MUITO
1.1. - quando os professores lhes dizem abertamente que confiam neles?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4
1.2. - quando os professores acreditam naquilo que eles dizem?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4
1.3. - quando os professores os responsabilizam por uma tarefa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4
1.4. - quando os professores lhes dizem que irão ser capazes de superar uma situação difícil?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	1	2	3	4

2. Há professores que ajudam os alunos nas suas dificuldades escolares.

Acha que os alunos se sentem encorajados:

	NADA	POUCO	BASTANTE	MUITO
2.1. quando os professores lhes dizem que têm possibilidades de as vencer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- 2.2. - quando os professores os ajudam a pensar e a responder?
- | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
- 2.3. - quando os professores lhes dão indicações sobre a maneira de estudar?
- | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
- 2.4. - quando os professores se oferecem para lhes tirar dúvidas?
- | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
- 2.5. - quando os professores, por causa de algum aluno ter dúvidas, explicam outra vez a matéria?
- | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
3. Hã professores que se apercebem de que os alunos têm problemas na sua vida particular.
Acha que os alunos se sentem encorajados:
- | | NADA | POUCO | BASTANTE | MUITO |
|------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 3.1. - quando os professores os escutam com atenção sempre que falam dos seus problemas? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 3.2. - quando os professores lhes perguntam o que têm ou o que lhes aconteceu? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 3.3. - quando os professores os ajudam a superar esses problemas? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 |

3.4. - quando os professores os ajudam a reflectir sobre esses problemas?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4

3.5. - quando os professores os acalmam e tranquilizam?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4

4. Hã professores que consideram que a sua relação com os alunos é encorajante para estes.

Acha que os alunos se sentem encorajados?

NADA POUCO BASTANTE MUITO

4.1. - quando os professores têm boa relação com os alunos em sala de aula?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4

4.2. - quando os professores se mostram acessíveis e amigos mesmo fora da aula?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4

4.3. - quando os professores se mostram habitualmente bem dispostos em sala de aula?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4

5. Hã professores que elogiam os seus alunos.

Acha que os alunos se sentem encorajados?

NADA POUCO BASTANTE MUITO

5.1. - quando os professores lhes dizem que estão a progredir?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------

5.2. - quando os professores lhes dizem que o trabalho deles (alunos) está bem feito?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4

5.3. - quando os professores escrevem nos cadernos ou trabalhos dos alunos palavras de elogio?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4

6. Hã professores que mostram confiar nas possibilidades dos seus alunos. Acha que os alunos se sentem encorajados?

NADA POUCO BASTANTE MUITO

6.1. - quando os professores lhes dizem que vão ser capazes de tirar boas notas?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4

6.2. - quando os professores lhes dizem que, se se esforçarem, conseguirão melhores resultados?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4

6.3. - quando os professores lhes dizem que lhes vão dar uma nota melhor, convictos de que a virão a merecer?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4

7. Hã professores que pensam que as notas estimulam os alunos. Acha que os alunos se sentem encorajados?

NADA POUCO BASTANTE MUITO

7.1. - quando os professores lhes dão notas merecidas?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1	2	3	4

- 7.2. - quando os professores lhes dão notas justas?
- | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
- 7.3. - quando os professores lhes dão notas altas?
- | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
- 7.4. - quando os professores lhes dão notas baixas?
- | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
8. Há professores que consideram a sua competência como um factor de estímulo.
- Acha que os alunos se sentem encorajados:
- | | NADA | POUCO | BASTANTE | MUITO |
|------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 8.1. - quando os professores têm competência pedagógica? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 8.2. - quando os professores têm competência científica? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 8.3. - quando os professores dão exemplos tirados da vida prática? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 8.4. - quando os professores abordam os conteúdos de forma a interessar os alunos? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 |

Questionnaire measure of empathic tendency.

- (+) 1. It makes me sad to see a lonely stranger in a group.
- (-) 2. People make too much of the feelings and sensitivity of animals.
- (-) 3. I often find public displays of affection annoying.
- (-) 4. I am annoyed by unhappy people who are just sorry for themselves.
- (+) 5. I become nervous if others around me seem to be nervous.
- (-) 6. I find it silly for people to cry out of happiness.
- (+) 7. I tend to get emotionally involved with a friend's problems.
- (+) 8. Sometimes the words of a love song can move me deeply.
- (+) 9. I tend to lose control when I am bringing bad news to people.
- (+) 10. The people around me have a great influence on my moods.
- (-) 11. Most foreigners I have met seemed cool and unemotional.
- (+) 12. I would rather be a social worker than work in a job training center.
- (-) 13. I don't get upset just because a friend is acting upset.
- (+) 14. I like to watch people open presents.
- (-) 15. Lonely people are probably unfriendly.
- (+) 16. Seeing people cry upsets me.
- (+) 17. Some songs make me happy.
- (+) 18. I really get involved with the feelings of the characters in a novel.
- (+) 19. I get very angry when I see someone being ill-treated.
- (-) 20. I am able to remain calm even though those around me worry.
- (-) 21. When a friend starts to talk about his problems, I try to steer the conversation to something else.
- (-) 22. Another's laughter is not catching for me.
- (-) 23. Sometimes at the movies I am amused by the amount of crying and sniffing around me.
- (-) 24. I am able to make decisions without being influenced by people's feelings.
- (+) 25. I cannot continue to feel OK if people around me are depressed.
- (-) 26. It is hard for me to see how some things upset people so much.
- (+) 27. I am very upset when I see an animal in pain.
- (-) 28. Becoming involved in books or movies is a little silly.
- (+) 29. It upsets me to see helpless old people.
- (-) 30. I become more irritated than sympathetic when I see someone's tears.
- (+) 31. I become very involved when I watch a movie.
- (-) 32. I often find that I can remain cool in spite of the excitement around me.
- (-) 33. Little children sometimes cry for no apparent reason.

ANEXO 3

Resultados obtidos no Questionário 1

Médias dos valores atribuídos pelos sujeitos

		S U J E I T O S																															
BLOCOS	Questões	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30		
B L O C O A	1	4	5	5	5	4	5	4	4	5	5	5	4	5	4	4	5	4	4	5	5	4	5	5	5	3	5	5	5	5	5		
	2	4	4	5	4	3	4	4	3	4	5	4	3	5	4	2	5	4	4	5	5	3	3	4	4	4	2	4	4	5	4		
	3	4	4	4	5	4	4	4	5	4	5	4	5	4	4	5	4	4	3	5	5	4	3	3	3	4	4	4	5	4	4		
	4	4	3	4	4	4	3	5	4	5	5	4	5	5	4	5	4	4	4	4	4	5	3	5	4	4	4	4	5	5	4		
	5	4	4	5	5	4	4	4	4	4	5	4	5	5	4	4	5	4	4	4	4	4	4	4	3	5	5	4	5	5	2		
	6	2	1	3	2	2	2	1	3	1	2	1	2	2	3	2	2	2	2	2	2	3	3	1	1	1	3	3	3	2	2	2	
	7	3	3	3	1	2	3	3	2	3	2	3	3	2	4	2	4	3	2	4	3	3	1	1	2	3	3	4	3	2	2		
	8	4	4	4	5	4	4	3	4	4	5	4	5	4	5	4	5	4	4	4	4	4	4	4	5	4	5	4	4	4	5		
	9	4	4	5	5	4	4	4	4	4	5	5	3	5	3	4	5	4	4	4	4	5	3	5	3	4	5	4	4	4	4	5	
	10	4	5	4	5	5	4	4	5	5	5	4	5	5	4	4	5	4	4	4	5	5	4	5	4	5	5	4	4	5	4	5	
B L O C O B	11	4	5	4	4	4	4	4	5	4	5	5	4	4	4	5	5	4	3	4	4	3	4	4	4	3	3	4	5	3	3		
	12	5	5	4	5	5	4	4	5	5	5	4	4	4	4	4	5	5	5	5	4	4	4	4	5	5	5	4	5	5	5		
	13	3	5	4	4	5	4	4	5	5	5	5	4	5	5	5	5	4	4	5	5	4	5	5	5	5	4	5	5	5	5		
	14	4	5	5	4	5	4	5	5	5	5	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5	3	5	5	5		
	15	5	5	5	5	5	5	4	5	5	5	5	4	5	4	5	5	5	4	5	5	4	5	5	5	5	5	4	5	4	5	4	
	16	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	5	4	4	4	3	4	4	4	4	5	4	4	5	5	5	4	4	5	4	4	4	
	17	5	4	4	4	4	4	5	4	5	5	5	5	4	4	4	5	4	4	4	5	4	4	5	5	5	4	4	5	4	4	4	
	18	3	4	5	5	2	5	5	5	5	5	5	5	4	5	5	4	5	5	3	5	5	5	5	5	5	5	2	4	5	4	1	
	19	4	4	5	5	5	4	5	5	5	5	5	5	4	5	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5	3	5	5	4	4
	20	5	4	4	5	4	4	4	4	4	5	5	5	4	5	4	2	5	4	4	3	4	4	4	3	4	4	4	5	5	4	1	
B L O C O C	21	5	4	5	4	5	4	4	4	4	5	4	5	5	4	5	5	4	3	5	5	4	4	4	4	5	5	5	4	4	5		
	22	4	4	4	4	4	4	4	5	4	5	4	4	5	4	5	5	4	3	5	5	4	5	4	4	5	4	5	4	4	5	4	
	23	3	4	4	4	5	3	5	3	3	3	5	3	4	3	5	5	4	3	5	4	4	3	3	3	4	4	4	4	4	3	5	
	24	3	3	1	1	1	3	3	1	2	1	2	1	2	1	1	3	1	2	2	2	1	1	1	1	1	2	1	2	3	2	1	
	25	4	3	4	3	4	4	3	4	3	3	1	3	4	3	4	3	2	2	3	2	3	2	3	3	1	3	4	2	3	4	2	2
	26	4	3	2	3	4	3	4	5	3	3	3	3	4	4	3	4	3	2	3	3	3	3	2	1	4	4	4	4	4	3	5	
	27	4	4	4	3	4	3	5	4	3	4	2	3	4	3	4	5	3	2	4	3	3	3	3	2	4	4	3	4	4	3	4	
	28	4	4	4	4	5	4	4	3	4	4	5	5	4	3	4	5	4	3	4	5	5	4	3	4	4	4	4	5	4	5	5	
	29	4	4	4	4	4	3	4	4	4	5	4	4	4	4	3	5	5	4	2	4	4	4	3	4	4	4	4	5	4	5	4	4
	30	4	4	4	5	4	4	5	4	5	5	4	4	5	4	4	5	4	5	4	5	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4

Questionário 1

Médias dos valores atribuídos pelos sujeitos

SUJEITOS	BLOCO A %	BLOCO B %	BLOCO C %	MÉDIA %
1	3,9	4,2	3,9	4,00
2	4,1	4,5	3,7	4,10
3	4,2	4,4	4,0	4,20
4	4,7	4,5	3,9	4,37
5	4,0	4,3	4,4	4,23
6	3,9	4,2	3,5	3,87
7	4,0	4,4	4,1	4,17
8	4,0	4,7	4,1	4,27
9	4,4	4,8	3,7	4,30
10	4,8	4,9	4,2	4,63
11	4,0	4,8	3,6	4,13
12	4,4	4,1	4,0	4,17
13	4,6	4,6	4,3	4,50
14	3,7	4,3	3,5	3,83
15	4,0	4,2	4,5	4,23
16	4,4	4,9	4,4	4,57
17	3,9	4,5	3,6	4,00
18	3,9	4,1	3,0	3,67
19	4,2	4,7	4,0	4,30
20	4,3	4,5	4,0	4,27
21	3,7	4,3	3,8	3,93
22	4,2	4,6	3,6	4,13
23	4,2	4,5	3,1	3,93
24	4,3	4,5	4,0	4,27
25	4,3	4,6	4,2	4,37
26	3,5	3,5	3,9	3,63
27	4,0	4,7	4,3	4,33
28	4,4	4,9	3,9	4,40
29	4,4	4,2	3,8	4,13
30	4,1	3,6	4,3	4,00
MÉDIAS	4,15	4,43	3,91	4,16



ANEXO 4

Resultados obtidos no Questionário 2

Médias dos valores atribuídos pelos sujeitos

		S U B J E T O S																														
BLOCOS	Questões	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	
A	1.1	B	M	B	B	B	B	B	B	M	M	B	B	M	B	B	B	B	M	B	B	M	B	M	B	B	B	B	B	B	P	
	1.2	B	B	B	B	M	B	M	B	M	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	P	B	B	B	B	B	B	B	B	
	1.3	B	B	M	M	M	B	M	M	M	M	M	B	M	B	B	B	B	B	M	M	B	B	B	B	B	B	B	M	B	B	
B	2.1	P	B	M	B	B	B	B	B	M	M	M	B	M	B	B	B	B	B	M	B	B	B	B	B	B	B	P	M	B	B	P
	2.2	B	B	M	B	B	B	B	B	M	M	B	B	M	M	B	B	B	B	B	M	M	B	B	B	M	B	M	B	B	B	
	2.3	M	B	M	M	M	B	B	M	M	M	M	B	M	B	B	M	B	M	B	M	B	M	B	B	B	M	B	M	B	M	B
C	3.1	M	B	M	B	M	B	M	B	M	M	B	B	M	B	P	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	M	M	
	3.2	B	B	M	B	B	B	M	B	M	M	B	B	M	B	B	B	B	B	B	B	M	B	B	M	M	B	B	M	M	B	
	3.3	M	B	M	P	M	B	B	M	M	M	B	B	M	B	B	B	B	B	B	B	B	M	B	B	B	B	B	B	M	M	
D	4.1	B	M	M	B	M	B	B	B	M	B	M	B	M	B	B	B	B	M	B	B	M	B	B	B	B	B	B	M	B	B	
	4.2	B	B	P	M	B	B	P	P	B	B	P	B	M	P	B	B	B	B	B	B	B	B	B	P	B	B	M	B	M	B	
	4.3	P	B	M	M	M	B	B	M	M	B	B	B	M	B	B	B	B	B	B	M	M	M	B	B	B	M	P	M	M	M	
E	5.1	B	M	M	B	B	B	B	B	M	B	M	M	B	P	B	B	B	B	B	M	B	M	B	M	B	P	M	B	B	B	
	5.2	B	M	M	B	B	B	B	B	M	B	B	M	B	P	B	B	B	P	B	M	P	B	B	M	B	P	B	B	B	B	
	5.3	M	M	M	B	M	M	B	M	M	B	M	M	M	B	B	B	B	B	B	M	M	M	B	B	M	B	M	M	B	B	

Questionário 2

Médias dos valores atribuídos pelos sujeitos

SUJEITOS	BLOCO A %	BLOCO B %	BLOCO C %	BLOCO D %	BLOCO E %	MÉDIA %
1	3,0	3,0	3,7	2,7	3,3	3,14
2	3,3	3,0	3,0	3,3	4,0	3,32
3	3,3	4,0	4,0	3,3	4,0	3,72
4	3,3	3,3	2,7	3,7	3,0	3,20
5	3,7	3,3	3,7	3,7	3,3	3,54
6	3,0	3,0	3,0	3,0	3,3	3,06
7	3,7	3,0	3,7	2,7	3,0	3,22
8	3,3	3,3	3,3	3,0	3,3	3,24
9	4,0	4,0	4,0	3,7	4,0	3,94
10	3,7	4,0	4,0	3,0	3,0	3,54
11	3,3	3,7	3,0	3,0	3,7	3,34
12	3,0	3,0	3,0	3,0	4,0	3,20
13	3,7	4,0	4,0	4,0	3,3	3,80
14	3,0	3,3	3,0	2,7	2,3	2,86
15	3,0	3,0	2,7	3,0	3,0	2,94
16	3,0	3,3	3,0	3,0	3,0	3,06
17	3,0	3,0	3,0	3,0	3,0	3,00
18	3,3	3,3	3,0	3,3	2,7	3,12
19	3,3	3,3	3,0	3,0	3,0	3,12
20	3,3	3,7	3,0	3,3	4,0	3,46
21	3,3	3,3	3,3	3,7	3,0	3,32
22	2,7	3,3	3,3	3,3	3,7	3,26
23	3,3	3,0	3,0	3,0	3,0	3,06
24	3,0	3,0	3,3	2,7	3,7	3,14
25	3,0	3,7	3,3	3,3	3,3	3,32
26	3,0	2,7	3,0	2,7	2,3	2,74
27	3,3	4,0	3,0	4,0	3,7	3,60
28	3,0	3,0	3,3	3,3	3,3	3,18
29	3,0	3,3	4,0	4,0	3,0	3,46
30	2,7	2,7	3,7	3,3	3,0	3,08
MÉDIAS	3,22	3,32	3,30	3,22	3,27	3,27

ANEXO 5

Resultados obtidos no Questionário 3

Grelha de leitura do Questionário 3

Questões	S U B J E T O S																													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
1	0	4	4	3	4	4	3	3	3	4	4	3	4	2	4	3	3	4	2	4	2	4	4	4	3	2	3	4	2	4
2	-3	-2	3	2	-3	3	2	0	-1	2	3	-2	2	-2	1	3	-2	-4	2	-3	2	-3	-2	-3	2	4	-3	3	2	-4
3	-3	2	3	-4	3	3	-4	2	3	1	3	-1	4	3	4	-2	-1	0	1	-3	3	0	-2	0	0	3	-3	-3	2	2
4	3	3	4	3	3	3	2	2	2	-2	4	1	-3	3	2	-2	-3	2	1	-3	3	1	-4	0	1	3	3	3	2	4
5	0	3	-3	2	-3	2	3	3	4	-3	0	-1	-3	-3	2	-2	-3	2	0	4	2	2	-4	3	3	2	-1	2	2	2
6	-4	0	-4	-4	-3	-3	4	-3	-4	4	-4	-1	-4	0	-4	-4	-4	-4	-3	-4	3	-4	-4	0	-3	-4	-4	-3	2	3
7	2	3	4	4	3	2	3	4	4	4	2	3	4	3	2	3	3	3	0	4	3	3	2	4	4	4	3	3	2	3
8	2	4	3	4	2	-2	4	4	4	1	2	3	4	-4	3	3	3	1	2	4	3	1	2	2	3	0	3	2	2	3
9	1	-2	-3	1	-4	-2	3	3	2	2	-4	-2	1	3	1	2	-3	0	0	2	3	4	-2	3	4	3	-1	2	3	3
10	2	4	-3	3	2	0	2	2	1	-2	0	3	3	0	0	2	3	4	-2	3	4	3	-1	2	3	3	1	1	4	4
11	0	0	-4	-2	-3	-2	-2	-4	3	-3	-3	-3	3	1	0	-3	0	-1	2	1	4	-3	-4	-4	0	0	-1	0	2	1
12	-4	-4	-4	-4	-4	-3	-4	-2	4	-4	-4	-4	3	-4	-4	-4	-3	-4	-2	-4	-3	-4	-4	-4	-4	-4	-4	-4	-4	-4
13	-2	-3	-4	-3	-3	-2	2	-2	-3	-3	4	-2	3	-3	-4	-2	2	-3	2	3	-3	1	-1	-4	-4	-3	-1	1	2	-2
14	3	-4	4	3	4	3	3	4	4	3	0	4	4	0	4	4	3	2	2	4	3	2	3	0	2	0	3	4	3	4
15	-3	-3	3	-3	-3	2	3	-3	-1	-1	-3	-1	3	-2	0	-2	-4	-4	-2	-4	2	2	-4	-3	-3	2	-3	-3	3	-2
16	2	0	4	4	3	-2	3	4	3	2	3	3	3	2	3	3	1	3	0	4	3	4	2	4	3	4	3	3	2	2
17	3	3	4	4	3	3	4	3	4	3	2	3	4	0	3	3	2	4	2	4	3	3	3	0	3	4	3	2	2	2
18	3	3	2	3	3	-2	4	3	2	4	0	2	4	1	2	2	-1	4	-3	4	3	1	1	0	2	0	3	2	2	3
19	3	3	0	4	4	3	4	3	4	4	4	4	4	3	4	3	2	4	4	4	4	4	-3	4	4	4	4	4	4	4
20	3	2	-1	1	3	2	-4	-3	-3	-1	3	3	-4	2	0	-2	-1	0	3	-4	3	1	3	4	-3	-4	3	-3	3	-4
21	-4	-1	-4	-4	-4	-3	-3	-3	-4	-2	-4	-3	-4	0	-3	-3	-3	-4	-3	-4	2	-4	-1	-4	-3	-3	-4	-4	-4	-4
22	-3	3	-4	-4	-3	2	2	-2	-4	-2	-2	-3	-4	1	-4	-3	-2	-1	0	-4	3	-3	-3	3	-2	-2	-3	2	3	-4
23	-3	-2	-3	-4	2	2	2	0	-4	-4	-2	-2	-3	-4	-4	-3	-4	0	-3	-4	2	-4	-4	-4	-3	0	-4	0	-4	0
24	0	1	-3	-2	2	3	4	-2	3	4	3	-2	3	-2	-3	-2	-2	-2	0	-3	1	3	4	-2	3	0	-1	3	3	-4
25	3	2	3	2	3	-1	3	3	4	3	3	2	4	4	0	2	0	4	-3	4	-3	4	1	4	3	3	1	3	2	4
26	-2	0	2	3	-3	-1	3	-2	-3	-2	-3	-3	2	-2	2	-2	-3	-2	3	3	3	-3	0	0	-3	-4	2	-3	2	4
27	3	3	3	2	3	3	4	3	4	2	-2	3	4	4	4	3	2	4	0	4	4	4	4	2	3	2	3	-3	2	4
28	-3	-2	-3	-3	-3	-3	-4	-3	-2	-2	3	-1	-3	0	0	-4	-3	-3	-2	-4	-2	-3	-4	3	-2	-4	-3	-4	-4	0
29	3	3	4	4	3	4	3	4	4	4	4	3	4	2	4	4	3	4	3	4	4	4	4	4	4	4	-3	4	4	4
30	0	-1	-4	-4	-3	-1	-3	-4	-4	-4	-3	-3	-4	-4	-4	-2	-3	-4	0	-4	-2	-4	-4	-4	-3	-3	-3	-4	-4	-3
31	0	2	4	3	2	3	3	3	-1	-1	-4	1	3	2	0	2	-2	3	0	4	-3	1	0	-3	1	3	3	-3	3	0
32	3	3	3	-1	3	2	-4	3	3	-1	3	2	3	3	0	2	3	-3	4	-3	2	-4	2	-2	-4	3	0	2	2	-2
33	-4	-1	-4	-4	3	2	4	-2	-3	-2	-4	-1	-4	4	0	-2	2	-3	-3	-4	2	-3	-4	4	1	4	3	-4	-4	-2

Grelha de leitura do Questionário 3

- (+) 1 - Entristece-me ver um estranho solitário num grupo.
- (-) 2 - As pessoas dão demasiada importância ao afecto e sensibilidade dos animais.
- (-) 3 - Muitas vezes acho que as manifestações de afecto em público são irritantes.
- (-) 4 - Fico irritada com pessoas com pena de si mesmas.
- (+) 5 - Fico nervosa se outras pessoas à minha volta me parecem nervosas.
- (-) 6 - Acho uma estupidez as pessoas chorarem de felicidade.
- (+) 7 - Tenho tendência a envolver-me emocionalmente com os problemas de um(a) amigo(a).
- (+) 8 - Por vezes as palavras de uma canção de amor comovem-me profundamente.
- (+) 9 - Tenho tendência para me descontrolar quando dou más notícias às pessoas.
- (+) 10 - As pessoas que se encontram junto de mim têm grande influência no meu humor.
- (-) 11 - A maior parte dos estranhos que encontro parecem-me frios e pouco emotivos.
- (-) 12 - Preferia ter uma profissão em que não tivesse que contactar com pessoas do que ter que lidar sempre com elas.
- (-) 13 - Não fico perturbada apenas porque um(a) amigo(a) me parece perturbado(a).
- (+) 14 - Gosto de ver pessoas abrir presentes.
- (-) 15 - As pessoas solitárias são provavelmente pouco amistosas.
- (+) 16 - Ver pessoas a chorar perturba-me.
- (+) 17 - Algumas canções fazem-me feliz.
- (+) 18 - Fico realmente envolvida com os sentimentos das personagens de um romance.
- (+) 19 - Fico muito zangada quando vejo alguém ser maltratado.
- (-) 20 - Sou capaz de ficar calma mesmo que as pessoas à minha volta estejam preocupadas.
- (-) 21 - Quando um(a) amigo(a) fala dos seus problemas tento mudar a conversa.
- (-) 22 - O riso de outra pessoa não me contagia.
- (-) 23 - Às vezes, no cinema, divirto-me com a quantidade de pessoas que choram à minha volta.
- (-) 24 - Sou capaz de tomar decisões sem ser influenciada pelos sentimentos das pessoas.
- (+) 25 - Não consigo continuar a sentir-me bem se as pessoas em meu redor estão deprimidas.
- (-) 26 - É-me difícil perceber porque é que algumas coisas perturbam tanto as pessoas.
- (+) 27 - Fico muito perturbada quando vejo um animal a sofrer.
- (-) 28 - Ficar absorvida por livros ou filmes é um bocado idiota.
- (+) 29 - Perturba-me ver pessoas idosas desamparadas.
- (-) 30 - Fico mais irritada do que comovida quando vejo alguém chorar.
- (+) 31 - Envolve-me muito quando vejo um filme.
- (-) 32 - Muitas vezes apercebo-me que fico calma apesar da excitação à minha volta.
- (-) 33 - As crianças pequenas às vezes choram sem nenhuma razão aparente.

ANEXO 6

Valores obtidos nos três questionários

Ordem decrescente dos valores obtidos nos três questionários

Valores obtidos nos três questionários

Sujeitos	Questionário 1		Questionário 2	Questionário 3
	Médias*	Médias das questões da empatia	Médias*	Pontuações
1	4,00	4,00	3,14	59
2	4,10	4,14	3,32	37
3	4,20	4,14	3,72	54
4	4,37	4,56	3,20	83
5	4,23	4,14	3,54	35
6	3,87	3,86	3,06	12
7	4,17	4,00	3,22	43
8	4,27	4,43	3,24	77
9	4,30	4,43	3,94	64
10	4,63	4,86	3,54	52
11	4,13	4,14	3,34	15
12	4,17	4,71	3,20	52
13	4,50	4,43	3,80	59
14	3,83	4,00	2,86	20
15	4,23	4,29	2,94	56
16	4,57	4,56	3,06	76
17	4,00	4,00	3,00	47
18	3,67	3,71	3,12	78
19	4,30	4,43	3,12	7
20	4,27	4,43	3,46	105
21	3,93	4,00	3,32	10
22	4,13	4,00	3,26	77
23	3,93	3,86	3,06	50
24	4,27	4,00	3,14	54
25	4,37	4,43	3,32	74
26	3,63	3,86	2,74	50
27	4,33	4,14	3,60	60
28	4,40	4,71	3,18	49
29	4,13	4,00	3,46	39
30	4,00	4,14	3,08	64
MÉDIAS	4,16	4,21	3,27	51,93

* Médias globais obtidas por cada sujeito.

Ordem decrescente dos valores obtidos nos três questionários

Questionário 1		Questões da empatia do Q1		Questionário 2		Questionário 3	
Sujeitos	Média	Sujeitos	Média	Sujeitos	Média	Sujeitos	Pontuação
10	4,63	10	4,86	9	3,94	20	105
16	4,57	12	4,71	13	3,80	4	83
13	4,50	28	4,71	3	3,72	18	78
28	4,40	4	4,56	27	3,60	8	77
4	4,37	16	4,56	5	3,54	22	77
25	4,37	8	4,43	10	3,54	16	76
27	4,33	9	4,43	20	3,46	25	74
19	4,30	13	4,43	29	3,46	9	64
9	4,30	19	4,43	11	3,34	30	64
8	4,27	20	4,43	2	3,32	27	60
20	4,27	25	4,43	21	3,32	1	59
24	4,27	15	4,29	25	3,32	13	59
5	4,23	2	4,14	22	3,26	15	56
15	4,23	3	4,14	8	3,24	3	54
3	4,20	5	4,14	7	3,22	24	54
7	4,17	11	4,14	4	3,20	10	52
12	4,17	27	4,14	12	3,20	12	52
11	4,13	30	4,14	28	3,18	23	50
22	4,13	1	4,00	1	3,14	26	50
29	4,13	7	4,00	24	3,14	28	49
2	4,10	14	4,00	18	3,12	17	47
1	4,00	17	4,00	19	3,12	7	43
17	4,00	21	4,00	30	3,08	29	39
30	4,00	22	4,00	6	3,06	2	37
21	3,93	24	4,00	16	3,06	5	35
23	3,93	29	4,00	23	3,06	14	20
6	3,87	6	3,86	17	3,00	11	15
14	3,83	23	3,86	15	2,94	6	12
18	3,67	26	3,86	14	2,86	21	10
26	3,63	18	3,71	26	2,74	19	7
MÉDIA	4,16	MÉDIA	4,21	MÉDIA	3,27	MÉDIA	51,93

A cor rosa indica os valores acima da média e a cor verde os valores abaixo da média.

ANEXO 7

Guião da entrevista

GUIÃO DA ENTREVISTA

Tema: Relações interpessoais no processo de supervisão

Objectivo Geral: Aprofundar o conhecimento sobre as perspectivas das professoras cooperantes/supervisoras da Prática Pedagógica seleccionadas, acerca das relações que estabelecem com os formandos durante o processo de supervisão.

Determinação dos Blocos	Objectivos específicos	Formulário de questões	Obs.
<p style="text-align: center;">BLOCO A</p> <p>Legitimação da entrevista e motivação das entrevistadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista e motivar as entrevistadas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Informar as entrevistadas sobre o trabalho em curso. - Pedir a sua colaboração, referindo a imprescindibilidade desta. - Assegurar a confidencialidade das declarações prestadas. 	<p>Tempo: 5m</p>
<p style="text-align: center;">BLOCO B</p> <p>Relacionamento com os formandos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer, de forma genérica, as perspectivas das entrevistadas sobre o modo como se relacionam com os formandos no decurso do processo de supervisão da Prática Pedagógica. - Identificar as características pessoais das cooperantes que facilitam ou eventualmente dificultam a sua relação com os formandos. - Solicitar a sua opinião sobre questões que se prendem com o seu estilo relacional. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pedir a opinião das entrevistadas, considerando a actual situação de professoras cooperantes, sobre o modo como se relacionam com os alunos em formação. <p style="text-align: center;">Perguntas de reforço</p> <ul style="list-style-type: none"> - No início da Prática Pedagógica, que condições costuma criar para facilitar a sua relação com os formandos? - Acha que no fim da Prática o seu modo de relacionamento é igual ao do início? - Que características pessoais possui que considera que facilitam, ou eventualmente dificultam, a sua relação com os formandos? (Se necessário, pedir que apontem algumas características positivas e negativas). - Costuma dar-lhes orientações concretas sobre o trabalho a desenvolver com as crianças? - É seu hábito ouvir as opiniões que os formandos manifestam? - Pede-lhes justificações sobre as opções que tomam? - Questiona-os para lhes abrir pistas de reflexão? - Acha que a sua atitude com os formandos os constrange ou inibe? Por quê? - O seu comportamento relacional é igual com todos os formandos? 	<p>Tempo: 15m</p>

<p>BLOCO C</p> <p>Atitudes de encorajamento</p>	<p>- Conhecer o que pensam as entrevistadas sobre as atitudes de encorajamento que proporcionam aos formandos.</p> <p>-Conhecer quais os procedimentos ou estratégias de encorajamento que utilizam com os formandos, quanto a:</p> <ul style="list-style-type: none"> - elogio; - confiança; - coragem; - outras estratégias. 	<p>- Pedir às professoras que refiram o modo como agem, tendo em atenção que a Prática Pedagógica é uma fase do curso de formação inicial em que o formando necessita de constante apoio e encorajamento para levar a cabo, com sucesso, o seu trabalho.</p> <p style="text-align: center;">Perguntas de reforço</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que atitudes toma quando um formando está desmotivado, receoso ou com dificuldades? - Acha que todos os formandos precisam ser encorajados de igual modo? - Estimula os formandos, elogiando o seu trabalho? Se o faz, que costuma dizer-lhes? - Costuma mostrar aos formandos que tem confiança no seu trabalho? Como o faz? - Lembra-se de alguma situação em que teve de inculir coragem aos formandos? Quer relatá-la? - Quer referir outras atitudes suas que considere que os formandos entendem como sendo de encorajamento? 	<p>Tempo: 10m</p>
<p>BLOCO D</p> <p>Atitudes de empatia</p>	<p>- Conhecer o que pensam as entrevistadas sobre as suas atitudes de sensibilidade e compreensão para com os formandos.</p> <p>- Conhecer possíveis situações em que se colocaram no lugar dos formandos e "sentiram" os seus sentimentos.</p>	<p>- Solicitar às entrevistadas que expressem as suas atitudes, face às muitas angústias e inseguranças que, geralmente, as situações de Prática causam nos formandos.</p> <p style="text-align: center;">Perguntas de reforço</p> <ul style="list-style-type: none"> - É capaz de perceber as inseguranças e o nervosismo dos formandos? - Como capta esses sentimentos? - É sensível aos problemas pessoais dos formandos? - Como revela essa sensibilidade? - Acha que compreende quando precisam da sua ajuda? - Na sua opinião, o que é que lhe indica esse pedido de ajuda? - Enquanto decorre a Prática, já deu por si a "colocar-se" no lugar dos formandos? Em que situação? - Quando os formandos revelam sentimentos de frustração, ansiedade, gratificação ou satisfação pelo trabalho desenvolvido, que sente? 	<p>Tempo: 10m</p>

Nota: Às questões de reforço apresentadas no **Formulário de Questões** poderão, eventualmente, ser acrescentadas outras, sempre que o desenrolar da entrevista as torne oportunas e contributivas para o esclarecimento de aspectos que careçam de aprofundamento.

ANEXO 8

Protocolo da entrevista ao sujeito 6

Protocolo da entrevista ao sujeito 8

Protocolo da entrevista ao sujeito 20

Protocolo da entrevista ao sujeito 21

Protocolo da entrevista ao Sujeito 6

Ent.- Bem... e agora depois de ter explicado os objectivos do estudo e porque é que preciso da tua colaboração, vamos falar um pouco da tua acção como supervisora dos alunos em formação inicial. E gostaria de começar, precisamente, por pedir a tua opinião sobre um aspecto muito particular da supervisão, que é o do relacionamento com os formandos. Vou então colocar-te algumas questões sobre o modo como te relacionas com eles, durante o período de Prática Pedagógica. Ou seja, de uma maneira geral, como achas que é o teu relacionamento com os formandos?

Suj.- Bom... eu... o meu relacionamento com os estagiários julgo que é bom... porque... não faço assim... um género de distinção entre os alunos e a professora. E eu vejo que as moças têm também boa relação comigo, como eu costumo ter com elas. Realmente, o primeiro ano que tive estágio foi para me habituar... e não sabia bem como é que era... mas até gostei das mocinhas e também me dei bem com elas.

Ent.- Mas sentes que está em ti essa boa relação... que tens como preocupação por os formandos à vontade?

Suj.- Sim... sim... acho que os ponho sempre à vontade. E naquilo que posso ajudar e que posso facilitar, estou sempre pronta.

Ent.- Pelo que me disseste há pouco, pode deduzir-se que te relacionas com os formandos da mesma maneira como te relacionas com colegas? Isto é, não te pões num "pedestal"? É isso?

Suj.- Não... não me ponho.

Ent.- E em relação ao próprio grupo de estágio? Achas que te relacionas do mesmo modo com todos os formandos?

Suj.- Isso às vezes depende também do feitio deles... há uns que... bem... já tive uma que achei assim... muito com... com ares de importante... mas eu... quando tinha que falar com ela e fazer alguma crítica, fazia na mesma. Mas no fim já estava mais dócil, já estava mais branda. Há outras que... não sei... parece que são mais... como o meu feitio.

Ent.- Exacto. Acabaste de referir o teu feitio... a tua maneira de ser. Agora gostaria de saber, quanto às características pessoais que tens, se achas que de algum modo facilitam, ou até dificultam - porque podem também dificultar - essa relação.

Suj.- Eu acho que sou uma pessoa simples. E simpática... pelo menos acho que sou... ou tento ser. Acho que gostam de mim... como eu gosto deles. E também humana... e disponível. Quando elas chegam aqui à sala, digo-lhes logo como é que sou ... como é que gosto das coisas ou não gosto... e ponho-as à vontade. E digo-lhes que se também elas tiverem alguma vez alguma coisa da Prática que não gostem... pois que digam. Digo-lhes também que o que lhes disser, muitas das vezes é sem intenção de magoar. Costumo às vezes meter-me no meio da aula, mas também lhes digo logo no início: *"Olhem... eu tenho a mania, quando vocês estão a tratar qualquer assunto, às vezes meto-me... mas vocês não levem isso a mal"*. E eles aceitam.

Ent.- Estou a ver...isso que me dizes, é durante a acção... durante o desenvolvimento das aulas... e, por exemplo, durante a preparação das aulas? Será que também estás sempre disponível para atender os formandos?

Suj.- Dentro do possível, estou. Às vezes, depois de terminada a aula... mas aí é mais difícil... as empregadas vêm logo limpar a sala... há pó no ar. O que costumo fazer é, à hora do lanche, tirar um bocadinho para falar com elas. Ou então já trago um esquemazinho. Algumas vezes faço-o em conjunto com a colega X, que também tem o mesmo ano e estágio... fazemos uma programação do que pensamos dar. E depois o que é que as estagiárias podem fazer.

Ent.- Portanto... sempre que te procuram...

Suj.- Estou sempre disponível... nunca disse que não.

Ent.- Pelas tuas palavras poder-se-á concluir que tentas facilitar o trabalho dos formandos?

Suj.- Sim. Eu julgo que facilito. E às vezes até lhes trago livros. *“Tirem ideias daqui...”* E também digo para consultarem a professora Y (orientadora). Faço sempre isso.

Ent.- E durante essa preparação das aulas... dás orientações concretas sobre o trabalho a desenvolver?

Suj.- Se calhar não dou muito concretas... mas acho que não é com má intenção ... é que... segundo os objectivos do programa que tem que se dar... posso não me lembrar logo do que devem fazer... e então digo: *“Vejam em livros... ou peçam ajuda à professora Y... ela se calhar diz-lhes a melhor maneira de dar isto ou aquilo...”*

Ent.- Mas essa tua atitude é por queres remeter para a professora Y... ou porque achas que eles próprios poderão encontrar formas mais criativas de abordar os conteúdos ... ou é também por pensares que lhes queres dar liberdade para ver se eles são capazes de dar a volta por cima...

Suj.- Há coisas que eu sei que Y tem muito mais experiências e muitas ideias...

Ent.- E durante a preparação... dás ideias e eles aceitam ou será que os formandos te apresentam as suas opiniões e tu aceitas essas opiniões? Isto é, impões ou negocias?

Suj.- Sim... alguns já trazem muitas ideias, sobretudo os do 3º ano, que já tiveram a experiência do 2º ano. Às vezes até dizem: *“Ai... podemos fazer assim... ou assim... Então, olha, se isso resultar e se conseguires trazer mais ideias sobre isso...”* Mas eu geralmente peço mais para recorrerem à professora Y. Por acaso é mais o que eu lhes digo.

Ent.- E se eles tomam alguma opção... costumas pedir-lhes justificação dessas opções?

Suj.- Não. Só se for uma coisa muito fora... geralmente não acontece, porque eles vêm-me mostrar antes.

Ent.- E quando falam sobre a aula, depois de terminada? Limitas-te a dar a tua opinião sobre o modo como decorreu a aula, ou abres-lhes pistas para reflexão?

Suj.- Como?

Ent.- Se fazes perguntas de modo a que sejam eles a chegar onde queres, por si sós, e sejam capazes de reflectir sobre determinado aspecto da aula?

Suj.- Pois... Quando são coisas que às vezes não correm assim muito bem, digo-lhes: *“Olha lá, o que é que tu achaste? Porque é que estiveste a repetir aquilo tantas vezes?”* Geralmente chamo a atenção. Para ver se eles chegam lá e percebem porque é que aquilo não correu bem e que... *“futuramente... não podes fazer assim... tens que arranjar outra maneira... tens que cuidar mais nisto... ou cuidar mais naquilo.”*

Ent.- E de um modo geral... achas que há alguma situação em que os constranjas?

Suj.- Eu não tenho essa impressão... Acho que não... de maneira nenhuma... Deus me livre! Nunca ponho os formandos com reccio disto ou daquilo... Alguma vez? Não!

Ent.- Ora bem... e pegando precisamente por aí, gostaria agora que me disseses as condições que crias no princípio da Prática... já te referiste a isso mas gostaria de aprofundar um pouco mais. No início da Prática, que condições, a teu ver, é que crias, para evitar esses constrangimentos e facilitar a relação com os formandos?

Suj.- Queres-te referir àqueles primeiros dias em que estamos a dar aulas e que os estagiários estão a observar?

Ent.- Exactamente. É quando se dá o vosso primeiro contacto...

Suj.- Ora bem. Costumo perguntar-lhes o que é que acham da escola... da sala. Se acham que é como no tempo deles... Principalmente com o 2º ano, claro. Toda a gente chega à conclusão que a escola parece quase a mesma... a primeira impressão que têm é que a escola ainda é quase como no tempo deles. Depois... a maneira como está o mobiliário, a maneira como se tratam agora os meninos... a maneira como se ensina... eles vêem que aí já é diferente. E depois costumo dizer-lhes: *“Estão a ver... agora fiz isto... ou chamei a atenção por isto... porque convém... deve-se procurar fazer a ligação entre as várias áreas. Nem sempre é possível, mas quando é possível devemos sempre procurar fazer”*.

Ent.- Vais então explicando as tuas decisões?

Suj.- Sim, é isso. Uma das coisas que costumo também dizer-lhes é que já não tenho paciência para fazer grandes materiais... e que para isso também conto com eles. Em relação ao Estudo do Meio... que são coisas que requerem uma experiência ou uma apresentação diferente... e nisso conto muito com eles... com a ajuda deles e com o trabalho deles.

Ent.- Estás então a dizer-me que as pões à vontade mas que também lhes dás a entender claramente que é um processo de troca? Elas aprendem contigo, mas tu também...

Suj.-... vou beneficiar das coisas deles. Até porque são jovens e... e têm outra maneira... e têm mais vagar para fazer certas coisas do que eu.

Ent.- Isso quanto a questões curriculares. E voltando à relação, o que é que fazes para abrir, para facilitar, naqueles primeiros dias, em que eles estão normalmente mais constrangidos, mais inibidos... não sabem a professora cooperante que vão encontrar... como é essa professora cooperante... as expectativas que normalmente têm quanto à professora cooperante... *“Como é que será?”* E quando questionam como é que será é sobretudo em termos de relação... Se as deixará à vontade... se as constrangerá... enfim... era aí que eu queria chegar, ou seja, saber se no início da Prática tens algum procedimento que contribua para desbloquear esse possível clima de tensão.

Suj.- Eu julgo que os ponho logo à vontade... tanto eu como os meninos... porque... ou começamos com uma entrevista em que lhes perguntam coisas... gostam muito de saber quem são... e eles também se apresentam. Depois disso eu também digo quem sou... como é que sou. E depois, já não com os alunos mas só com elas, digo-lhes o que gosto de fazer e como trabalho aqui na sala.

Ent.- Bem... disseste: *“Digo quem sou e como é que sou”*. E agora pergunto-te: Afinal, como é que és?

Suj.- Pois, tenho-me por ser uma pessoa simples... sem grandes pretensões... e que me relaciono bem com os alunos... Isso para mim é o principal. É o relacionamento da professora com os alunos... eu gostar deles e preocupar-me com eles... e ver que eles também gostam de mim.

Ent.- Referes-te aos alunos pequenos e à relação pedagógica?

Suj.- Sim. Sim.

Ent.- E será que essa maneira de ser com os pequenos se reflectirá também na tua relação com os maiores, com os formandos?

Suj.- Sim, penso que sim. Os estagiários vêem logo que para com certas coisas sou benevolente... mas que há outras coisas que já não deixo passar. E com os estagiários é o mesmo. Às vezes não se pode ser permissiva, mas mais exigente. Por exemplo, nas actividades da área de Expressões sempre há mais barulho... aí acho que permito... sou mais benevolente pois sei que é um trabalho que convida a uma certa confusão, às vezes. Agora quanto às áreas científicas tenho maior preocupação e digo aos formandos: *“Cuidado que já está a ser demais...”* ou faço um sinal.

Ent.- Então comunicas, por vezes, de forma não verbal?

Suj.- Sim... às vezes, quando há necessidade disso... faço um sinal e eles percebem logo...

Ent.- E no fim da Prática... o teu modo de relacionamento com os formandos é igual ao do princípio?

Suj.- Não... no fim já me apercebi de muitas coisas em relação a eles. Há muitas coisas que já fazem melhor... e estou sempre a dizer-lhes: *"Façam os possíveis por ser exigentes, sobretudo com a Língua Portuguesa ..."*

Ent.- Mas a tua relação com eles... será a mesma do que no início?

Suj.- Não. Tem que ser melhor. Tem que ser diferente.

Ent.- Diferente, como?

Suj.- ...hã...

Ent.- Será que depois de quatro meses, têm o mesmo tipo de relação que tinham inicialmente? Em que é que é diferente?

Suj.- Estão muito mais à vontade. Parece que são eles os professores da turma. Valorizaram-se.

Ent.- Valorizaram-se... e em termos relacionais contigo... também achas que fizeram alguma caminhada?

Suj.- Acho que sim... São mais abertos... estão mais soltos.

Ent.- Bem, como sabes, tal como noutras situações da nossa vida, em que é preciso um certo encorajamento para levarmos a cabo com sucesso, certas tarefas, também na Prática esse encorajamento deverá acontecer, no sentido de facilitar a aprendizagem dos formandos. O que eu gostava agora de saber é o seguinte: quando, por exemplo, um formando está desmotivado, ou receoso, ou com dificuldades... que atitudes é que costumam tomar?

Suj.- Isso geralmente acontece no início... ou na primeira semana em que trabalham... ou na primeira aula... quando os vejo nervosos, tento pô-los à vontade ...e se for preciso intervir nalguma coisa e dar uma ajuda, dou.

Ent.- Portanto... pô-los à vontade... intervir... e há algumas expressões ou frases que normalmente utilizes e que consideres que sejam encorajantes para os formandos?

Suj.- (Silêncio)

Ent.- Algumas palavras que costumam dizer... por exemplo, vês um aluno a dar a aula e de repente parece bloquear. Neste caso, se já te aconteceu, intervens ou será que basta por vezes fazeres um gesto ou dizeres qualquer coisa de longe... uma qualquer atitude que seja no sentido de encorajar o formando a prosseguir? E que ele a perceba?

Suj.- Eu acho que... se calhar faço algum gesto... ou dou uma dica qualquer... não fico parada.

Ent.- E todos os formandos precisarão do mesmo tipo de encorajamento? Já disseste há pouco que eles são diferentes. Então eu pergunto: será que todos precisam de ser encorajados do mesmo modo?

Suj.- Eu acho que não; há uns que gostam mais... outros que precisam mais. Isso vai neles. Uns têm mais receios... preocupam-se mais. Mas como no início falo logo com eles e lhes digo que não levem a mal alguma coisa... pois agora que perguntas isso ... vejo que já não estou preocupada, julgo que já estão à vontade...

Ent.- Então mostras-lhes que tens confiança no que fazem? Achas que costumam mostrar confiança no trabalho dos formandos?

Suj.- Acho que sim. Muitas vezes, no início da aula, até lhes digo *"Meninas.. mostrem lá como é que ficou o cartaz...? Sim senhor... está muito bem..."* Ora ali, manifesto logo essa confiança... se estou de acordo... se gosto... se vem uma gralha ou outra... *"Põe lá assim..."* portanto, para encorajar, para ajudar ou para dizer... nunca sou destrutiva. Isso não sou, porque não gosto. É sempre uma crítica construtiva...

Ent. - E quando dizes essa expressão, como exemplificaste em relação ao cartaz ... isso não será uma forma de elogiar? Costumas elogiar o trabalho dos formandos?

Suj. - Sim... quando gosto das coisas. Por exemplo, agora lembrei-me disso do cartaz... mas às vezes noutra coisa... uma ficha de trabalho...

Ent. - E lembras-te de alguma situação específica em que um formando estivesse muito nervoso, ou cheio de dificuldades, ou inseguro e vacilante. E que em determinado momento tivesses que lhe inculir alguma coragem ou alguma confiança? Lembras-te de alguma situação dessas?

Suj. - ...hã... às vezes interfiro... o ano passado, uma estagiária já não se lembrava muito bem das "classes e das ordens" e de utilizar o ábaco...

Ent. - Mas aí fazes um esclarecimento em termos científicos, em termos do domínio dos conteúdos. Mas quanto a encorajar, no sentido relacional, para ganharem segurança face ao conteúdo que têm de tratar, por exemplo, se lhes dizes alguma coisa que desbloqueei esse medo?

Suj. - Pois... uma vez que a gente esclarece, elas já ficam mais à vontade e já pegam melhor nas coisas. Eu julgo que sim. Quando é preciso dar assim uma achega... ou intervir nalguma coisa... dá-me ideia que elas depois, a partir dali, já se sentem melhor.

Ent. - E já que estamos a falar do encorajamento do supervisor, gostava de terminar este conjunto de questões perguntando-te, na tua opinião, o que é que achas que para um formando é uma atitude de encorajamento do supervisor? No teu comportamento e atitudes, o que é que ele pode considerar como sendo uma maneira de o estares a encorajar?

Suj. - Então... quando eu digo que gostei disto... ou gostei daquilo... ou que a aula correu bem...que os alunos se motivaram... participaram bastante... isto... acho que estou a encorajar e a demonstrar que estou satisfeita com o trabalho deles. E eles percebem isso... se eu estou satisfeita... realmente acho que se sentem encorajados com isso. E na maneira como lhes digo as coisas... julgo que eles se sentem encorajados. Julgo que sim.

Ent. - E que maneira é essa?

Suj. - Ora... com calma... não destruindo... e aconselhando a fazer desta ou daquela maneira.

Ent. - Bem... há um outro aspecto que me interessa e preocupa que são as angústias que eles têm, sobretudo quando se vêm numa situação nova, como é o caso da Prática. Gostava agora de saber se achas que és capaz de perceber essas inseguranças e nervosismo dos formandos?

Suj. - Sou. E dou um desconto a certas coisas ou incorrecções científicas, como dizia há pouco.

Ent. - E como é que percebes, como é que captas, esses sentimentos de insegurança ou de nervosismo que eles possam ter? De que maneira percebes que estão inseguros... ou nervosos... ou angustiados...

Suj. - ...nervosos. Mais nervosos do que angustiados. Isso é que eu acho que se nota... ou pela maneira de falar; ou qualquer coisa que dizem e ficam indecisos. Às vezes até olham para mim. É mais o nervosismo. Em relação à maneira como vão trabalhar ... ou quando os alunos não reagem bem e eles ficam um bocado aflitos. Isso noto.

Ent. - Portanto, captas esse sinais? O olhar, o vacilar...

Suj. - Sim, sim, é isso.

Ent. - E quanto a questões pessoais? Nós sabemos que todos temos os nossos problemas pessoais... sejam eles quais forem... achas que és sensível a esses problemas pessoais?

Suj. - Quando isso surge, sou. Sou porque também comigo... às vezes acontece qualquer coisa que uma pessoa traz lá de fora... e ando preocupada... e eu nesse dia também não estou igual. Às vezes... se forem coisas muito simples, até me esqueço dessas preocupações. Mas em relação às alunas... às

formandas... se elas me dizem que tiveram um problema ou que tiveram uma coisa qualquer que não lhes correu bem... por qualquer motivo lá em casa... geralmente é isso...

Ent.- E essa sensibilidade que tu achas que tens...

Suj.- Tenho por elas mas também tenho por outra pessoa qualquer. Não sou aquele género... "Ai, tem que se fazer assim..." E é aquilo e mais nada. Sou tolerante; eu sempre fui.

Ent.- E essa sensibilidade como é que se revela? Só através da tolerância como acabaste de dizer?

Suj.- Sim... e... converso. Se for necessário converso um bocadinho e faço ver, se calhar... que se é mau por um lado... as coisas também são superadas... e o tempo acaba por compor.

Ent.- E se por acaso precisarem da tua ajuda, compreendes essa situação? Na tua maneira de ver, o que é que te indica esse S.O.S., esse pedido de ajuda?

Suj.- Pois se elas chegarem perto de mim e me disserem: "*Oh professora, esta noite tive um trabalho para fazer... deitei-me às quatro da manhã... estou aqui... assim...*" Eu depois converso com elas... tento saber porquê; e às vezes digo: "*Olha, eu às vezes também passo por insónias... e também chego aqui com a cabeça mal... mas deixa lá que isso passa. Se for preciso alguma ajuda diz... mas também tens as tuas colegas*". Como elas trabalham em equipa... fica logo isso explicado desde o início. Se for preciso recorrer a uma colega, uma qualquer pega nas coisas.

Ent.- Agora imagina uma situação em que viste um estagiário atrapalhado. Achas que nessa situação serias capaz de te colocar no lugar dele e até de pensar que aquela situação podia acontecer contigo... Portanto... colocares-te no lugar dele naquele momento.

Suj.- (Silêncio)

Ent.- Viveres aquele papel, enfim, sentires na pele o que eles sentem, naquele momento...?

Suj.- Julgo que sim, porque a gente já passou por aquilo. E até com um estágio diferente deste... e que tínhamos tanto medo das professoras...

Ent.- E nunca tiveste uma situação em que tivesses que te pôr no lugar deles?

Suj.- Não... os vários grupos que tenho tido... são mocinhas... eu pelo menos noto-as sempre... muito interessadas... esforçadas... nunca tive gente balda...

Ent.- E se percebes nos formandos sentimentos de frustração, de ansiedade, ou, pelo contrário, de satisfação pelo trabalho que desenvolveram, o que é que sentes perante essa manifestação de sentimentos? Ou pela negativa... ou pela positiva. Isso de algum modo te toca?

Suj.- Acho que sim... que é por isso que a gente está aqui com eles... É... para ficar satisfeita quando os vê bem... e pensamos: "*Andaram aqui... isto serviu para alguma coisa... para os despertar... para lhes dar o gosto por trabalhar com crianças...*" E se não corre bem... se por qualquer motivo não corre bem... tento conversar...

Ent.- Sim... Isso já vimos... Mas se sentes que estão frustrados, por qualquer motivo... tu também te sentes de alguma maneira frustrada?

Suj.- Se calhar... ali logo na altura... não. Mas às vezes, depois, em casa, ponho-me a pensar: "*Só se tivesse feito assim... ou se tivesse sugerido isto... teria corrido melhor*". Mas, como disse, fico descansada com a orientação da professora Y. Se não tivessem mais nenhuma ajuda... mas assim... sinto sempre ali um apoio, uma ajudinha, e parece que fico também mais descansada. Vejo que há muita ajuda. A gente aqui dá a massa humana... dá a experiência.

Ent.- Mas...se uma aluna se sente eufórica... porque lhe correu tudo muito bem, tu não sentes a sua euforia? Ou, por outro lado, a sua frustração?

Suj.- Digo: *“Olha que isso também não é bem assim...”* Isso também é dito nas reflexões. Correu tudo muito bem... mas vamos ver se passados dias continuam a conseguir pôr em prática aquelas coisas que correram muito bem. Só têm que continuar a investir...

Ent.- Bem... e por agora parece-me que é tudo. Só me resta agradecer-te sinceramente a tua disponibilidade para esta entrevista. Muito obrigada.

Protocolo da entrevista ao Sujeito 8

Ent.- Bem, depois de todas estas informações preliminares, eu começaria por te perguntar, considerando a tua actual situação de supervisora das Práticas Pedagógicas, e de uma maneira genérica, o que é que me tens a dizer sobre o modo como te relacionas com os alunos em formação. Ou seja, como é que pensas que é a tua relação com eles?

Suj.- Olha, eu acho que é boa; ponho-os sempre muito à vontade, sou muito franca para eles, disponibilizo-me muito... Acho que...eles comigo acabam sempre por estar à vontade. Já se sabe, que das primeiras vezes há sempre aquele embate... a pessoa não se conhece... mas depois, com a continuação, eu penso que eles ficam à vontade para desabafarem comigo... em dúvidas... em desabafos... sei lá, acho que sim, que me relaciono bem.

Ent.- Acabaste de dizer que nas primeiras vezes há sempre um embate. E eu então perguntava-te: no início da Prática, que condições costumavas criar para facilitar essa relação com os formandos?

Suj.- Para já, costumo normalmente cantar uma cançãozinha com os miúdos, uma cançãozinha de boas vindas. Depois, ponho os miúdos a fazer a tal apresentação... umas vezes através de charadas, outras vezes através de adivinhas, que os põe à vontade, percebes? Eles, ao fim e ao cabo já estão a participar nessa primeira aula e eu também já estou a observar quem é mais perspicaz, quem tem mais cultura geral... às vezes já dá para ver, percebes? E ao fim e ao cabo eles estão entrando no jogo sem se aperceberem. Depois, fazemos um jogo em que eles vão tentar identificar os miúdos pelo nome... quer dizer, nessa primeira aula é mais um jogo, digamos, para os miúdos e para eles, mas que dá para ver que as coisas não são assim muito rígidas, que as aulas não serão aulas "túmulo"... que há momentos em que a gente pode brincar, aprendendo, e há momentos em que a gente tem que parar a brincadeira e é mesmo a sério.

Ent.- Bem, então em relação ao início da Prática, já disseste que tentas pô-los à vontade...

Suj.- Logo no primeiro dia.

Ent.- Exacto. E achas que tens o mesmo tipo de relacionamento no fim da Prática?

Suj.- Não... no fim da Prática estou muito mais à vontade com eles. Até eles mesmos comigo... pois já são eles que desabafam sobre os pontos fracos, ou os pontos mais positivos da Prática toda. E no fim eu noto que eles estão muito mais à vontade comigo... são muito mais espontâneos, mais sinceros... porque no início vêm sempre com um pé atrás, ou pouco à vontade... não me conhecem.

Ent.- E quanto à tua própria maneira de ser, ou seja... nesta função de supervisora, as relações são realmente muito importantes. Do teu ponto de vista, que características pessoais é que encontras em ti que possam facilitar ou até dificultar a relação com os formandos?

Suj.- (Silêncio)

Ent.- Como é que achas que és, em termos de relação com os outros, que se projecte neste trabalho que fazes com eles?

Suj.- Eu acho que sou uma pessoa compreensiva e tolerante. E também sou muito frontal. E mesmo naquela altura em que eles estão a observar a aula, se há um ponto fraco, eu assinalo logo, para eles ouvirem, esse ponto fraco. Digo logo como é e como não é; mesmo determinados desabafos em relação a um aluno... Eu acho que através desta minha franqueza, eles apercebem-se que aqui é tudo muito transparente, que nem tudo está bem, que não "faço teatro"... que as coisas ocorrem naturalmente.

Ent.- Falaste em franqueza e em que não "fazias teatro". Concordarás comigo se eu disser que me parece seres franca e autêntica?

Suj.- Pois, eu acho que sim, tem muito a ver com isso, exactamente. Acho que sim, exacto. E acho que eles vêm logo que sou autêntica... porque às vezes, a propósito de uma coisa qualquer, a gente envereda por outro caminho, sem rodeios, percebes... ou corta. Se for preciso faço isso, não me preocupo

em mostrar só as boas regras da pedagogia... se for preciso, faço como acho mais adequado no momento. É por isso que eu digo que não “faço teatro” e que sou autêntica. Acho que eles vêm logo isso e se sentem à vontade. E vou-lhes também dando dicas sobre os alunos; acho que isso faz com que eles também não venham depois a fazer cerimónia comigo. O primeiro impacto... quando entram... pois não me conhecem, não é? Mas penso que depois ao fim do dia a ideia já é diferente.

Ent. - Então basicas até as tuas relações com os formandos nas informações de carácter didáctico-pedagógico que lhes vais dando, e que servem também para lhes passares a mensagem de que estão à vontade e de que te mostras aberta para com eles?

Suj. - Exacto. É isso.

Ent. - E não vês em ti nenhuma características que negativamente possam influenciar a tua relação com os formandos? Por exemplo, sentes que de alguma maneira os constringes ou inibes?

Suj. - Eu penso que não. Penso que não! Não!

Suj. - Gostaria agora de saber se, quando preparas as aulas com eles, lhes dás orientações concretas sobre o trabalho a desenvolver.

Suj. - Dou sempre orientações concretas. Inclusivamente, dou tópicos sobre estratégias, às vezes até trago material que eles podem basear-se nele ou podem orientar-se ali para concretizarem as aulas. Sim, acho que sim; eu não parto do abstracto. Dou sempre umas dicazinhas: “*Se fosse eu fazia assim e assim*”.

Ent. - Isso em termos de aconselhamento?

Suj. - Exacto.

Ent. - E se eles te propuserem algumas sugestões de trabalho, tu ouves as opiniões deles, ou impões os teus pontos de vista?

Suj. - Não, eu até gosto sempre que sejam eles a dar as sugestões. Eu ouço. E depois, com base nas sugestões deles, eu, que conheço a turma, é que digo: “*Olha, está uma ideia gira, mas nesta turma não resulta, por isto e por isto e por isto. Mas de qualquer maneira é uma ideia a pôr em prática numa turma assim e assim.*” Eu primeiro ouço-os. Nunca imponho a minha opinião. Até porque muitas vezes dou-lhes vários temas, e eles depois escolhem o que quiserem, desde que venha no seguimento daquilo que a gente está a dar.

Ent. - Sendo assim, será que algumas vezes lhes pedes justificações das opções que fazem?

Suj. - Sim, peço, mas depois... por exemplo, combinamos um determinado tema, e depois eles acabam por ir para outro. Eu pergunto “*Porquê?*” Acho que convém eles darem a sua justificação, isso é muito importante, até em termos da pessoa se aperceber até que ponto é que eles são capazes de improvisar uma aula, e se adaptarem a um ensino ocasional, porque a gente na nossa vida não pode trazer sempre tudo, tudo, programado. Às vezes, a propósito de uma novidade... a pessoa que trazia mais ou menos o seu esquema mental - e eu tenho que trazer sempre, sempre - mas de qualquer maneira, às vezes o assunto sai dali por causa de uma novidade. Mas se a pessoa também o quiser canalizar, também o canaliza. O que é preciso é ter aquela arte de gerir os imprevistos.

Ent. - E no fim da aula, quando fazem o balanço do dia, costumás questioná-los para lhes abrir pistas de reflexão? Ou dás-lhes só a tua opinião sobre como decorreu a aula, ou uma crítica construtiva, ou será que para além disso, questiona-los também no sentido de abrir pistas, no sentido de os levares a pensar sobre o que ocorreu?

Suj. - Ora bem: primeiro, antes de ser eu a falar, eles falam do ponto de vista deles. E se, por exemplo, há alguma coisa que eles acharam que correu mal, e se eu sou da mesma opinião, pois evidentemente que não vou dizer que estava bem, mas de qualquer maneira, enalteço sempre qualquer coisa... “*Pois foi assim, porque nesta turma isso não resulta muito, eles são barulhentos... ou a aula foi muito monocórdica*”, ou qualquer outra coisa. Não “enterro” ainda mais a crítica dele. Mas depois, por outro lado, procuro sempre dar uma orientação, no sentido de os levar à prática mais correcta.

Ent.- Reportando-nos mais uma vez à experiência que tens tido em supervisão, gostava agora que me dissesse se achas que a tua relação com eles é sempre igual com todos os formandos, ou se fazes algumas diferenças e porque é que as fazes.

Suj.- No aspecto de aconselhamento, de diálogo, de dicas sobre as futuras actuações deles, eu acho que tenho sido sempre igual para todos. E tenho ajudado sempre todos da mesma maneira. Só que tenho apanhado já alunos que são muito bons e que não precisam tanto das minhas dicas. Há alguns formandos com os quais eu acabo por ter muito mais trabalho com as aulas deles do que com outros, em que dou o tema e eles próprios querem arranjar o material e organizar a aula... e só depois de terem aquilo muito bem cozinhado vêm falar comigo, e eu às vezes quase que nem faço críticas. Só conselho em pequenos aspectos que se prendem com a condução da aula. Ao passo que com outros... a pessoa tem que dizer tudo, e acaba depois por ir assistir a uma aula que é nossa, só que está a ser dinamizada por outra pessoa. Portanto, na relação de aconselhamento, de procura de estratégias, de pesquisa de material, eu procuro, de uma maneira geral, ser igual para todos. Mas depois, consoante o interesse deles, e a sua maneira de ser, assim os deixo mais ou menos à vontade para se organizarem.

Ent.- Dás-lhes então mais autonomia?

Suj.- Exacto. Porque há aqueles que a gente vê logo que têm mais *feeling*, e há aqueles que são menos dotados, que são mais nervosos... que têm características diferentes.

Ent.- Nessa situação de nervosos, por exemplo, o que é que fazes quando um formando está nervoso? Ou desmotivado, ou ansioso? Para o encorajar, que atitudes é que tomas nesse sentido?

Suj.- Normalmente procuro identificar-me, pôr-me no papel deles, dizer-lhes que toda a gente se sente assim. Identificar-me, pôr-me muito ao nível deles, percebes? E depois, desmistificar também a situação, pois uma aula não é nenhum bicho de sete cabeças e que a pessoa se estiver bem preparada, bem documentada, é meio caminho andado. Pronto, faço-lhes ver que os nervos só atrapalham, mas... a pessoa é nervosa... mas eu estou convencida que quando eles vêm bem preparados, trazem a lição bem preparada, assim que chegam aqui se sentem mais seguros e menos nervosos.

Ent.- Bem, e à semelhança da pergunta que te fiz anteriormente, por referência à relação, se era igual para todos, achas que todos os formandos precisam de ser encorajados da mesma maneira?

Suj.- Não! Pois com certeza que não! Há aqueles que... têm gosto, têm jeito... que até parece que vêm já com prática. Esses não... a pessoa dá-lhes um topicozinho, deixa-os falar, e logo na preparação da aula a gente vê que eles estão à vontade. Ao passo que aqueles que são nervosos, pois a pessoa tem que ter muito mais cuidado com eles, desmistificar mais a situação, não fazer um papel de observador, disfarçar até a observação, ajudar, colaborar, ser... mais um elemento que anda por ali assim... tentar dar uma ajuda, mesmo a nível do comportamento dos alunos... que às vezes o comportamento tem muita influência... Pronto, a pessoa lá vai... e aconselha, e eles depois acabam por - quando sentem a turma interessada e segura - acabam mesmo por se esquecer que estavam nervosos. Agora, acho que também pode haver o caso daqueles que “a competência chegou ali e parou”, que já se acham muito bons. Aí, a pessoa tem que se refrear, e frisar uma vez e outra que ninguém sabe tudo e que aprendemos muito uns com os outros. E que todos juntos sabemos muito mais. Ao longo da nossa vida - aliás faço-lhes ver sempre que tenho aprendido muito com os garotos. Que lhes tenho ensinado muito, mas que também tenho aprendido muito com eles - e faço-lhes ver isso, que o professor não é nenhuma enciclopédia ambulante. Estou a lembrar-me da X, que foi aquela grande estagiária que tive... que tinha uma excepional cultura geral e que era uma pessoa com uma grande experiência de vida. Pois mesmo essa era uma pessoa extremamente humilde quando planificávamos as aulas. Ela poderia ir até buscar referências aos anos que já tinha de prática lectiva... mas nunca. Ela punha-se ao mesmo nível daqueles que nunca tinham ensinado. Portanto, de uma maneira geral, nunca precisei de refrear... mas se tivesse que o fazer, não tenho dúvidas de que o fazia.

Ent.- Mas costumavas, por exemplo, ter momentos em que elogias o trabalho dos formandos?

Ent.- Com certeza. Até mesmo às vezes, quando eles não foram muito bem, há sempre qualquer coisa de positivo: ou o tom de voz, ou o interesse demonstrado, o empenhamento deles... há sempre qualquer coisa que deve ser elogiada.

Ent.- E lembras-te, por exemplo, de alguma situação em que tiveste que incutir uma certa coragem, em que tiveste que lhes dar alguma confiança face ao trabalho que tinham que desenvolver?

Suj.- Pois quase sempre, nas primeiras aulas a tempo inteiro, em que eles vêm sempre muito nervosos, muito receosos, a pessoa faz sempre referência àquelas semanas de trabalho cooperativo e enaltece sempre aspectos positivos; faz também referência aos aspectos negativos, não no sentido de criticar, mas para que nessa semana “a sério” eles já não apareçam. E então eu penso que a pessoa acaba por ficar um bocadinho mais à vontade, e se começa nervosa acaba por, aos poucos, se sentir mais à vontade, à medida que vai dominando a turma. Eu acho que isso é muito positivo.

Ent.- E para além destas formas de encorajamento de que já falámos, estes elogios, este incutir de coragem e de confiança, para além destas formas, achas que eles poderão entender outras atitudes e outros comportamentos teus como sendo uma maneira de os estares a encorajar?

Suj.- (Silêncio)

Ent.- Por exemplo... falaste que elogiavas o trabalho... e que eles sentem isso como uma forma de serem encorajados. Haverá outras situações em que eles sintam que também lhes estás a dar encorajamento?

Suj.- Olha, por exemplo, quando às vezes peço aos miúdos para fazerem o balanço do dia, no final; os miúdos, que são sempre muito francos, falam e dão os seus pontos de vista. Eu acho que aí eles também podem ver - para não pensarem que sou só eu - que também se podem sentir encorajados com a opinião dos miúdos; até porque eu digo-lhes que eles são sempre muito sinceros, muito francos e muito justos nas apreciações, e que portanto também pode servir para os encorajar para prosseguirem - ou não - naquela linha. E mais... sei lá... agora com os do 2º ano não dá muito... mas, por exemplo, em relação ao 3º ano, que já estão a semana inteira, muitas vezes dou-lhes os tópicos para a semana, mas às vezes a primeira aula correu tão bem... que até lhes digo: “*Olhem, amanhã podem imaginar à vossa maneira...*” Eu acho que isto já é sinal de confiança da minha parte. Porque não os mando seguir... A planificação é feita para os dias todos, a gente sabe... mas às vezes as coisas correm tão bem no primeiro dia que eu digo: “*Se vocês acharem que devem alterar, ou desenvolver mais qualquer coisa...*” E eles às vezes até alteram completamente aquilo que inicialmente tínhamos combinado. Portanto eu acho que isso também é uma forma de confiança no trabalho deles e, portanto, de encorajamento.

Ent.- E quando sentes que tens que dar coragem a um formando, o que é que fazes para lhe dares essa coragem?

Suj.- Parto do diálogo. Agora, estou a lembrar-me que às vezes até tomo parte da aula naturalmente, para manter a aula e não deixar que se vejam perante uma situação embaraçosa... quando, por exemplo, não estão muito bem dentro de determinados assuntos. Eu entro no diálogo normalmente. Outras vezes ponho até o dedo no ar quando vejo que estão atrapalhados... e faço como se fosse um aluno: “*Senhora professora, posso fazer uma pergunta?*” E faço uma pergunta que tinha uma resposta mais do que simples e a partir daí dou a informação que notei que não dominavam bem. Isto faço muito naturalmente, como se fosse mais um elemento da aula; quando os vejo atrapalhados faço assim... e acho que eles se sentem encorajados a continuar.

Ent.- É então a tua competência científica que contribui para os encorajar?

Suj.- Sim, acho que sim... faço isso de modo a que a turma não se aperceba e não deixe os estagiários ficar mal.

Ent.- Ora bem, estas questões do encorajamento são muito importantes, mas há um outro aspecto da relação com os formandos também importante e que se prende com a maneira como o supervisor é capaz de perceber o aluno em formação. Tu achas que percebes, e em caso afirmativo, de que maneira é que percebes, como é que captas, essas situações de nervosismo manifestadas pelos formandos? De que modo é que percebes essas situações?

Suj.- Olha, às vezes eles não saem de perto da secretária e têm até um papelinho, tipo cábula. Isso para mim é indicador dessa insegurança. Vejo logo até que ponto é que eles vêm inseguros, não é? Quando não se libertam da folhinha e não saem de perto da secretária... é como um escudo protector...

Outras vezes, pelo tom de voz... começam alto e depois vai diminuindo. E aí intervenho. Participo no diálogo com os alunos, mas sem dar a entender que percebi a insegurança deles.

Ent. - E em relação aos problemas de carácter pessoal que eles muitas vezes têm e trazem para a escola. És sensível a esses problemas?

Suj. - Ai sim, sou.

Ent. - E como é que lhes revelas, se é que o fazes, que estás a ser sensível ao que eles te estão a contar?

Suj. - Olha... pois como é que revelo... já uma vez aconteceu, com uma aluna, ela ter sempre tantos problemas... que eu chegava aqui e era confrontada com uma moça que não estava em condições de dar as aulas... pois nessa altura começava eu... e à medida que o dia ia decorrendo, os colegas de grupo iam assumindo. Mas só quando vejo que precisam mesmo dessa ajuda... é que às vezes já me parecia a mais e aí... ponto final. Mas falo sempre com eles quando apanho essa situação... faço-lhes ver que na vida passamos por muitas etapas e que nem todas são boas... que há etapas melhores e etapas piores. Quer dizer, não apoiava o facto dela estar com problemas, compreendia, evidentemente, mas fazia ver que ao longo da nossa vida, quantas vezes a gente vem para aqui sem estar em condições e com montes de problemas. E a pessoa não se pode entregar aos problemas e cruzar os braços. Não dizia: *“Olha, quer possas, quer não possas, tens de dar a aula...”* mas também não alimentava aquilo. As pessoas têm que se defender... e as pessoas que são nervosas têm de tomar calmantes, têm que fazer tratamento. Porque a pessoa uma vez compreende... duas vezes compreende... mas à terceira já começa a pensar que errou a profissão e que é melhor escolher outra.

Ent. - Então compreendes quando eles precisam da tua ajuda?

Suj. - Sim, isso acho que sim.

Ent. - E esse pedido de ajuda como é que te é transmitido, ou melhor, como é que o percebes? O que é que te indica esse pedido de ajuda?

Suj. - Então... às vezes eles são francos e dizem... para além daquilo que já te disse antes. Muitas vezes são eles próprios que dizem... determinados desabafos. É com base nesses desabafos; às vezes não dá para a pessoa saber doutra maneira.

Ent. - E numa situação dessas, achas que serás capaz de te colocar no lugar deles? De viver e sentir as alegrias que eles sentem quando as coisas lhes correm bem, ou sentir as frustrações que eles sentem quando as coisas lhes correm menos bem?

Suj. - Eu acho que sim.

Ent. - E porque é que achas que sim?

Suj. - Olha, porque às vezes tenho que fazer uma crítica menos construtiva, e dá-me pena da reacção... tenho medo de os traumatizar, percebes? Acho que isso prova que eu, muitas vezes, me estou a meter no papel deles. Até penso que não devia ser assim... isto é muito chato.

Ent. - Mas porque é que achas que é muito chato e que não devia ser assim?

Suj. - Olha, porque acho que às vezes a pessoa assim não consegue ser tão justa como deveria ser.

Ent. - Então achas que essa atitude, de alguma maneira, te vai tornar menos justa e menos isenta?

Suj. - Eu acho que me vai tornar menos isenta, sim. E eu não vou ser tão imparcial como seria se fosse uma pessoa mais dura, que não deixasse exteriorizar os sentimentos, percebes? E quando se trata de “dar a nota” é uma dor de cabeça. Mas apesar disso acho que há maneiras de destrinçar as coisas. A pessoa tem uma fracção de tempo em que vê que tem que ser justa, porque são professores que vão sair daqui e não pode ser só elogios. E eu já vou começando a ter mais coragem e apontar também alguns aspectos negativos. Mas dou sempre uma pincelada cor-de-rosa.

Ent.- Pelo que me dizes, achas então que eles confundem a boa relação com uma certa permissividade da tua parte?

Suj.- Isso depende muito da maneira de ser deles e da formação deles. Eu ainda não senti isso. Penso que não. Porque também se sentisse, arrepiava caminho.

Ent.- Bem, penso que já não tenho mais questões a colocar. Muito obrigada pela tua colaboração.

Protocolo da entrevista ao Sujeito 20

Ent.- Bem, e depois de te ter explicado os objectivos deste estudo, gostaria precisamente de te perguntar, na tua opinião, de que modo é que tu sentes, de forma genérica, que é a tua relação com os formandos.

Suj.- Pois... eu acho que a minha relação com os formandos é muito positiva. Eu tento ao máximo ajudá-los, e acho que da parte deles também aceitam muito as minhas opiniões, e até certo ponto eu acho que há uma intercomunicação entre os alunos formandos e eu... pronto, acho que é de facto muito, muito, muito positiva. E eu que estava até com um certo receio... até gosto, pronto!

Ent.- Portanto, quanto a esse modo positivo como vês a tua relação com eles - e vou pegar aí - ou seja, a tua própria maneira de ser, a tua forma de estar na vida, pensas que terás, como pessoa, algumas características que facilitem, ou eventualmente até possam dificultar, essa relação?

Suj.- Eu acho que sou uma pessoa muito “terra-a-terra”, tenho muita facilidade em lidar com as pessoas, não gosto de me pôr acima delas mas sim ao mesmo nível; tento ao máximo - enfim, na medida em que eles são pessoas mais novas, mas pronto, são quase da idade dos meus filhos - e eu tento relacionar-me quase como uma mãe com um filho. Por exemplo, com os três últimos, que eram rapazes de Educação Física, num dos intervalos um até me chegou a dizer que tinha comprado um apartamento... pronto, falar mesmo da vida particular dele. Eu dei-lhe umas receitinhas para ele fazer... eu acho que tenho essa capacidade de me dar bem com as pessoas, porque, precisamente - foi o que eu disse atrás - ponho-me ao mesmo nível, não lhes faço ver que eu sei mais, que eu sou superior. Nada disso, pelo contrário. E também acho que eu... pronto... que eu gosto muito de ajudar os outros. Não é só na escola, mas em toda a parte. Pode não parecer, pelo meu aspecto físico, ou isso... mas de facto eu gosto muito de ajudar os outros. Gosto muito de ajudar, de me pôr ao nível, nunca me ponho a um nível superior, dou-lhes conselhos... pronto, aconselho-os ao nível da nossa vida escolar, da minha experiência... e às vezes até passa além disso... pronto, até chegamos a falar de outras coisas, não é? É acho que sou muito humana. Preocupo-me muito com os problemas dos outros. Outra característica que ajuda muito é ser disponível; estou sempre muito disponível para ajudar os outros. Dou sempre o meu número de telefone de casa, sempre que eles precisam de algo, para me telefonarem... se for preciso vou ter com eles a um café... ou eles vêm aqui à escola falar comigo. Eu estou sempre, sempre disponível para isso. Estou sempre. Tenho mesmo muita disponibilidade para ajudar. E tento o máximo ser verdadeira... ser autêntica... real. E o que tenho a dizer... digo; acho que também sou frontal.

Ent.- Nessas circunstâncias, não vês que tenhas alguma característica que os possa constringer, ou inibir nalguma situação... sobretudo no início da Prática?

Suj.- Eu, se tenho, não me apercebo. Portanto, estou a falar deste ano, que só este ano é que fui cooperante. Mas talvez seja um bocadinho exigente. E acho que sou um bocadinho exigente por isto: eu quando dou a planificação, dou logo ideias... quer dizer... faço-lhes muito a “papinha”. Dou-lhes várias ideias... e daquelas ideias que eu dou eles escolhem uma. Nunca lhes entrego a planificação: “*Olhem, é isto!*”

Ent.- Então não impões?

Suj.- Não, não. Eu nisso não imponho. Mas dou uma ajuda. Dou sugestões para que eles próprios façam. E se manifestam que têm um bocadinho de dificuldade digo: “*Olhem, vocês para o conto podem fazer isto... fantoches... ou leitura...*” pronto, dou várias sugestões, mas não imponho. Só que depois... pronto, também exijo que eles façam minimamente bem, não é?

Ent.- Estás portanto a dizer-me que deixas que eles sejam livres e autónomos nas escolhas que têm que fazer, em função das hipóteses de trabalho que lhes dás?

Suj.- Ah, sim... sim. Sim, sim. Até porque eu acho que eles, como estão na Escola Superior de Educação, acho que eles tentam dar o máximo e fazer o melhor que podem. Porque eu lembro-me de mim, que quando andava na Escola do Magistério esfolava-me por fazer o melhor. E acho que não sou

uma pessoa com muitas ideias e eles podem trazer ideias novas para a sala, e coisas giras e interessantes. O que aconteceu várias vezes.

Ent. - Portanto, não é de lhes dar orientações muito concretas...

Suj. - Muito, muito, não. Pronto, dou uma listagem e eles depois escolhem a melhor, a que mais se adapta à maneira de ser deles e para que eles têm mais capacidade. E digo sempre para mostrar à professora orientadora: *“Vocês antes mostrem à professora orientadora... é sempre mais uma opinião, etc”*

Ent. - Nesse sentido, accitas então as opiniões e as sugestões que os formandos trazem?

Suj. - Accito, sim... desde que não seja erro... e mesmo quando é erro, eu procuro... por exemplo, aconteceu aqui uma vez... pronto... até os miúdos se aperceberam... mas eu no fim das aulas faço sempre uma reflexão, tenho sempre a preocupação de dar um *feedback* no fim das aulas. Embora depois haja as reflexões semanais... mas eu acho que aquilo que é logo dito em cima da hora está mais presente. Às vezes interfiro na altura, quando é assim uma coisa muito grave e tal. Outras vezes, quando não é, digo só no fim, que é para os miúdos também não se aperceberem e não comecem a desautorizar os estagiários.

Ent. - Acabaste de dizer que lhes dás sempre *feedback* no fim da aula. E será que fazes crítica construtiva e que lhes abres pistas para reflexão, questionando-os?

Suj. - Esse *feedback* é precisamente esse aspecto. Digo o que é que correu bem. Começo logo por dizer: *“Olha, eu gostei muito da aula... fizeste assim e assim... mas houve um ponto... pronto... ou que deverias ter circulado mais... ou naquele aspecto de dar uma noção qualquer devias ter insistido mais para consolidar melhor...”* Primeiro, começo pelos aspectos positivos e depois vou dizendo, em cada um dos aspectos, as falhas que houve. Porque acho que também não os vou desmotivar, não é? Mas primeiro pergunto-lhe e aos colegas que viram... são três, de modo que pergunto aos outros dois a opinião deles. Estou a lembrar-me da aluna X: *“Então, professora, não me correu assim muito bem...”* *“Mas porque é que não lhe correu muito bem?”* E tinha dificuldade em encontrar os motivos. Eu acho que ela... ou porque não tinha consciência, ou porque não aceitava muito bem as críticas... mas no fim vinha sempre cá visitar-me, portanto era mesmo por uma questão de feitio, era muito acanhada. Mas primeiro era sempre a auto-avaliação, tal e qual como faço com os meus alunos. É sempre primeiro a auto-avaliação. Depois são os colegas e depois sou eu. E geralmente conseguiam... quando não era a própria, as outras atingiam.

Ent. - E quando lhes dás a tal listagem, e considerando a liberdade que lhes dás para poderem seleccionar, se por acaso elas truxerem preparada uma coisa totalmente diferente... ou se no decurso de uma aula, em lugar de seguir determinada estratégia, optarem por outra... tu depois pedes-lhes justificação daquelas opções?

Suj. - Pronto. Essa listagem que eu dou são apenas sugestões, portanto elas podem seguir, ou não. Aí elas estão completamente à vontade. Aconteceu-me muitas vezes não fazerem nenhuma daquelas sugestões que eu dei. Trazem às vezes ideias de Música... ou de Educação Física, que eu até fico encantada, até fico maravilhada. E pergunto então porque é que mudaram... *“Ai... porque falámos com a professora de Música... ou com a professora Y (orientadora) e achámos que podia ser assim e que era diferente... e fizemos”*. E eu digo: *“Acho muito bem”* Às vezes - e aconteceu várias vezes - eles tinham que mudar o plano, eu aceitava... porque foram os próprios miúdos que levaram para aí. Porque eu também faço isso com as crianças. No início da aula, fazemos a planificação em conjunto... mas às vezes surge qualquer coisa, e nós mudamos o plano. E no fim, fazemos a avaliação: *“Não cumprimos porquê? Fica para amanhã”*. E cumprimos no dia seguinte. E com os estagiários é o mesmo... às vezes os miúdos, quando são certos temas, começam a puxar... a puxar... e eu acho giro... deixar os miúdos falar... eles precisam é de falar... de dar as suas opiniões. Mas os estagiários têm dificuldades nisso, por causa do tempo. E eu digo sempre: *“Não há problema nenhum... Amanhã eu faço com eles”*. Eu acho que deve ser assim. E se o assunto se desvia e vejo que não estão tão preparados, dou uma ajudinha. Claro que nessa altura nós temos que dar uma pequena ajuda.

Ent.- Voltemos ainda um bocadinho ao início da Prática. É um momento muito importante para os formandos. O que eu gostaria de saber são as condições que crias, no início da Prática, para facilitar a relação contigo.

Suj.- Para já... bem... faço a minha apresentação... digo-lhes como é que eu sou, digo-lhes para se sentarem onde quiserem e para estarem absolutamente à vontade. E digo-lhes também que, sempre que achem necessário, por não entenderem, que me interrompam e perguntem alguma coisa que não compreendam. Pronto, qualquer ajuda minha que precisem, para dizerem. Depois, mando um dos alunos fazer a apresentação da turma. Um tipo de *curriculum vitae* da turma. E depois cada aluno faz a sua apresentação; e mando-lhes fazer perguntas aos estagiários, também. Aquelas perguntas pessoais que os miúdos gostam de saber. E isso quebra logo o primeiro gelo. E depois faço logo a apresentação do meio circundante, etc. E digo-lhes logo que a minha vontade é que eles se sintam bem comigo, que sou uma pessoa muito aberta, porque sou... eu sinto que sou... embora não pareça. Eu digo-lhes logo essas coisas todas. Às vezes até digo que também tenho dois filhos da idade deles... e que compreendo muito bem a situação em que estão... a situação de estudo e de tirar um curso em que a nota vale muito para o futuro... ou porque para além disso alguns estão longe da família... e que compreendo que muitas vezes eles até seriam capazes de dar melhor se estivessem noutras circunstâncias. Pronto, há assim uma conversinha... eu não senti, por acaso não senti que qualquer deles tivesse problemas em falar comigo. Eu acho.

Ent.- Então e no fim... depois de toda esta caminhada que fazem... quando chegam ao fim da Prática, a relação que tens com eles é a mesma?

Suj.- Quer dizer... melhorou no aspecto em que há maior conhecimento... já há maior intimidade... eles já conhecem melhor o meu feitio e eu já conheço melhor o feitio deles. Pronto. E até fica uma espécie de... eu pelo menos agarro-me muito, tenho este defeito, agarro-me muito às pessoas. Agarro. Já com os meus alunos, quando se vão embora no 4º ano... eu farto-me de chorar... Conheço os estagiários e depois... a mim, custa-me. Acho que fico a sentir aquela saudade... aquela falta das pessoas... mas eu sou assim. Eu acho que isto é um defeito, porque acabo por sofrer. Para mim fica-me qualquer coisinha. Pronto, com o tempo depois passa.

Ent.- Desta tua experiência deste ano, achas que o teu modo de te relacionares foi igual para com todos, ou tiveste que estabelecer algumas diferenças e porque é que as estabeleceste?

Suj.- Eu acho que não... No que diz respeito às relações, não. Sou sempre a mesma com eles. Mas sinto é que os do 2º ano precisam de maior apoio da minha parte. Portanto, tive o cuidado de lhes dar mais apoio. As outras, as do 3º... pois dou apoio, mas deixo-as um bocadinho mais livres. Mas, por exemplo, em relação a este último grupo... eu vi que um deles era mais tímido... mais inibido... e então era capaz de me dirigir mais a ele, de estar mais com ele e até de lhe perguntar se estava com algum problema. Ele até se magoou num pé e eu andei preocupada: "*Veja lá se vai ao hospital.*" Havia outro que era muito extrovertido... e esse às vezes assoberbava-me um bocadinho.

Ent.- Bem... numa situação como a de Prática Pedagógica - aliás, nós em qualquer situação - gostamos de nos sentir encorajados para fazermos melhor o nosso trabalho. Gostava agora de saber que atitudes é que tomas quando vês que um formando está desmotivado... ou ansioso... ou com dificuldades... no sentido de o encorajar, o que é que fazes?

Suj.- Como só tive este ano de Prática, ainda não tive muita experiência sobre isso, não é? Mas acho que posso transpor isso para os meus alunos - os mais desmotivados, os que têm mais dificuldades - e é com palavras. Digo-lhes: "*Deixa lá, não desanimes. Não és capaz de fazer à primeira... fazes à segunda... fazes à terceira.*" Uma pessoa tem é que se esforçar por melhorar... e tem que mostrar que fez esse esforço. Porque, por exemplo, em relação à tal aluna que referi há bocado, vi que ela não se esforçava minimamente por melhorar. Quando é assim... pronto... a pessoa não gosta. Mas quando vejo que de facto a aluna trabalhou, que deu o máximo dela para fazer bem... eu digo: "*Olha, vais ter que te esforçar ainda mais... pede ajuda a alguém... inclusive a mim... e não desmoralizes. Porque eu também quando andei a tirar o meu Magistério, também sei como é que era.*" Mas geralmente é: "*Tu tiveste dificuldade nisto, mas foi muito positivo este outro aspecto.*" Elogio muito o que correu melhor. Já com os meus alunos sou assim.

Ent.- E achas que todos eles precisam de ser encorajados da mesma maneira?

Suj.- Ah, não! Isso não! Depende da maneira de ser da pessoa... da capacidade que cada um revela. Uns são mais inibidos... outros são mais extrovertidos e até têm um bocadinho a mania que são bons... e não precisam tanto. Eu acho que cada ser é um ser diferente, e há sempre uma maneira de contactar com cada um, que não pode ser precisamente igual... pode ser aproximada, mas... tem de se ir um bocado ao encontro do feitio, à maneira de ser, individualizar até o encorajamento e a relação. Eu acho que nesse aspecto não é uma coisa geral. Há o geral, sim, que eu digo para todos: *“Trabalhar numa sala de aulas não é um bicho de sete cabeças... e toda a gente erra... e eu às vezes também não faço bem... vamos ver se para a próxima corre melhor...”* E depois há a parte mais individualizada, que foi o que eu disse há pouco. É mais esse aspecto. E às vezes eles faziam coisas - no que diz respeito a material didáctico, a que têm acesso na ESE, que eu dizia: *“Bom, essa aula... se fosse eu a dá-la não saía tão bem... porque eu não tenho alguns materiais que vocês trazem... e acho que nem sequer fazia tão bem como vocês.”*

Ent.- Então mostravas-lhes confiança?

Suj.- Sim, é isso. Sim. Sim. Quando acho que eles fazem muito bem, digo sempre que eu não era capaz de fazer tão bem. Lá por eu ser professora e ter 28 anos de serviço, não quer dizer que seja melhor que eles. Não sou. Tenho é mais prática. Sou capaz de dar a volta às coisas mais facilmente e mais rapidamente que eles. Mas que há certas coisas que eu até aprendi com eles, é verdade. E que eles deram lições, principalmente na área das Expressões, que eu não daria. E digo-lhes a verdade... que eles nisso são bem melhores que eu.

Ent.- E para além dessas frases que lhes dizes, dessa maneira como os encorajas, achas que os formandos se sentem encorajados, ou será que há outras atitudes e outros comportamentos teus que eles sentem como formas de encorajamento?

Suj.- Pois... quando lhes digo isso, eles dizem: *“Ainda bem professora, fiquei tão contente... eu estava com medo...”* Eles respondem-me assim, por isso acho que se sentem encorajados. E mais... pois... às vezes, se durante uma aula vejo que se atrapalham digo: *“Olhe... o (aluno) disse isto... e se fossemos fazer assim... Vamos lá todos pensar...”* Já tive uma situação em que procedi assim. E acho que esta intervenção também lhes dá a tal forcinha para continuarem. De resto... não me lembro de mais nada.

Ent.- E quanto à forma com percebes os alunos em determinadas situações. Voltando um pouco à questão da insegurança: percebes quando eles estão nervosos e inseguros? E que indicadores tens, como é que captas essa insegurança e esse nervosismo?

Suj.- Eles ficam parados... outras vezes começam a mexer muito nos cabelos... ou a andar um bocado de um lado para o outro. Olham para mim... e nessa altura eu vou dar uma ajudinha. Às vezes até vou ali à frente da turma e falo assim em particular com o estagiário: *“Não se preocupe... faça isto...”* É mais esse aspecto. Quando olham assim para mim... pronto, vê-se logo. E eu, disfarçadamente, e sem os miúdos se aperceberem, vou ter com eles e dou-lhes esses conselhos.

Ent.- Isso durante a aula. E no momento de preparação, quando se juntam, ou no momento da reflexão, percebes também quando estão nervosos e inseguros?

Suj.- Eles não costumam vir mostrar o que prepararam... como eu dou logo muitas dicas... Não! Eu até penso que... ao não exigir isso, estou a dar uma grande liberdade aos alunos, e também uma prova de confiança. Acho que deve ser assim. Quando dou a tal listagem, dou logo muitas sugestões sobre como tratar os assuntos... as estratégias. Dou logo. E eles ficam à vontade para escolher. Por isso não acho necessário depois virem mostrar. Acho que isso é limitar demais. E tem corrido bem. Porque digo-lhes sempre: *“Olhem, vocês mostrem à professora orientadora... ela até gosta e sempre lhes dá também a sua opinião.”* E então eu tenho confiança.

Ent.- Ora bem... embora já tenhas referido um outro aspecto, gostaria ainda de o aprofundar. É sobre os problemas pessoais dos formandos. Tu és sensível a esses problemas?

Suj.- Ai, sou, sou. Sou muito sensível!

Ent.- Mas como é que lhes mostras que estás a ser sensível aos seus problemas pessoais?

Suj.- Indo ter com eles... falando sobre o assunto... preocupando-me com eles. Dizendo para não se enervarem, porque isso pode prejudicar a aula e não resultar como esperavam... com calma... e que se calhar, assim, as coisas não correm tão mal. De resto, este ano... só me aconteceu aquele que já referi, com problemas de saúde. Aí eu preocupei-me... mandei-o ao médico e disse aos outros para tratarem dele. Nesse aspecto, acho que sou um bocadinho mãe, acho que sou um bocadinho mãe. Mais até com os rapazes... apesar de eu ter um rapaz e uma rapariga. É engraçado... isto é mais com os rapazes. Mas acho que os rapazes não se sabem defender tão bem destas coisas... Não sei... as raparigas, quer se queira, quer não, são mais preparadas para a vida doméstica e para estarem independentes. E os rapazes não. Os rapazes chegavam até a mostrar preocupações com as lides de casa, mas elas nunca mostraram nada disso. E quando eles me mostravam essas preocupações, eu lá lhes dizia como deviam fazer. É por isso que eu digo que a nossa relação foi para além dos aspectos pedagógicos.

Ent.- Pelo que dizes, posso então depreender que compreendes quando eles precisam da tua ajuda...

Suj.- Sim...sim... sim! Quando me contavam essas coisas, eu ouvia sempre e dava a minha opinião. E se eu sentisse que estavam a precisar de ajuda... é que isso vê-se logo. Para já, dava abertura suficiente para virem ter comigo e exporem essas preocupações... e lá ia dando os conselhos adequados. Na minha maneira de ser, eles sentiram que podiam contar essas coisas, que tinham essa abertura. Com elas ... elas não falavam tanto dessas coisas. A não ser a X, que o pai esteve doente, e eu senti logo e disse-lhe: *“A X hoje não está bem... o que é que se passa?”* Senti logo na cara... na expressão. Vê-se logo na expressão da pessoa. Ou então são eles próprios, com a abertura que têm, dizem-me.

Ent.- E durante a Prática, já deste por ti alguma vez a colocar-te no lugar dos formandos? Em que situação?

Suj.- Aí, recordei-me muitas vezes de quando eu andei no Magistério. Recordei-me muitas vezes de quando eu andei no Magistério. E pensava assim: *“Aí, coitados, eu também tive tantas dificuldades... também estava tão longe dos meus pais... também tinha pouco apoio...”* E isto de uma pessoa estar frente a uma turma... e depois lembrava-me da primeira vez que eu me vi frente a uma turma. Apesar da Prática, antigamente, ser um bocadinho diferente... não era assim... Mas sim, lembrei-me muitas vezes da minha Prática, do meu primeiro dia de aulas... lembrei-me, sim.

Ent.- E nunca te aconteceu estares a observá-los e pensares: *“O que é que eu agora fazia? Deixa lá ver como é que ela reage a isto...?”*

Suj.- Sim, sim. Falava muito com a colega Y (orientadora) e dizíamos sempre: *“Então e se fossemos nós...? Coitados...”* Claro, há sempre esse comentáriozinho, não é? Sim, sim, eu ponho-me muito na pele deles. Ponho. Ponho, porque eu também já passei por isso e sei como é que era.

Ent.- No entanto, quando vestes essa pele, sabes muito bem que aquela situação se passa com eles e não contigo. Fazendo a pergunta de outro modo: quando um estagiário está frustrado com uma situação que lhe correu menos bem, ou porque se empenhou muito e vinha com muitas expectativas positivas e depois, por qualquer motivo, não correu como ele esperava e sente uma grande frustração; ou, pelo contrário, correu até além das suas expectativas e sente uma grande alegria. Tu, já alguma vez... sentiste esses sentimentos?

Suj.- Ah, sim, sim. Sim, sim... eu sinto sempre isso. Da maneira que eu sou, vibro logo. Eu vibro logo. Isso vibro. E vibro mais quando eles fazem bem e ficam alegres, do que quando eles fazem mal e ficam tristes. Aí, eu não fico triste Aí vou logo dizendo: *“Qual... cá tristezas, não... isso não correu tudo mal. A maior parte até correu bem... lá por uma coisinha ou outra... mas não correu mal. Então e isto e isto? Então os miúdos não gostaram tanto? Isso não é para estar descontente e desmotivada.”* *“Oh professora, mas eu esforcei-me tanto...”* *“Oh filha, mas as coisas acontecem. E até na nossa vida particular... Nós às vezes esfolamo-nos a trabalhar e as coisas não resultam. Mas pronto... para a próxima já vai ser melhor.”* Não! Quando eles ficam contentes, eu fico contente, mas quando eles ficam tristes, eu não fico triste. Digo-lhes essas coisas, para os animar. Mas não fico triste, não. Não fico, não senhor. Isso é que era bom!

Ent.- Bem... só me resta agradecer a tua ajuda preciosa nesta entrevista. Muito obrigada, então, pela tua colaboração.

Protocolo da entrevista ao Sujeito 21

Ent.- Depois destes esclarecimentos iniciais, gostava então que começasses por me dizer - tendo em conta a tua situação de professora cooperante e, portanto, de supervisora da Prática Pedagógica - o que é que pensas sobre o modo como te relacionas com os formandos. Ou seja, de uma maneira genérica, como é que achas que é a tua relação com eles, durante a Prática Pedagógica?

Suj.- Olha, eu procuro - é uma coisa que eu costumo fazer logo no princípio - é pô-los à vontade. De maneira a que eles não se sintam diminuídos. E procuro logo... dar-lhes toda a liberdade, na procura dos "processos", em fazerem as perguntas que quiserem, em tirarem os elementos que quiserem... procuro ajudá-los o máximo possível. Estou sempre disponível para essa situação.

Ent.- Isso no início da Prática...

Suj.- Sim, no início e durante a Prática.

Ent.- E no fim da Prática... depois de todo este processo vivido, ou seja, durante os quatro meses em que os formandos do 3º ano fazem a Prática, achas que no fim ainda estabelecees com eles o mesmo tipo de relação? Ou será que há outro tipo de relações que se possa ter estabelecido, entretanto?

Suj.- Acho que... vamos aprofundando, não é verdade? Vai havendo um maior conhecimento, da parte deles e da minha, eles conhecem-me melhor e eu conheço-os também melhor. Há um aprofundamento maior. Há maior abertura... mesmo no final, a gente já pergunta que média é que esperam... para ver se coincide com aquela que eu penso que eles vão ter. Eu pelo menos faço isso. Já há, assim, mais à vontade. Não quer dizer que isso depois vá influenciar, não é?

Ent.- Claro. E... embora já tenhas referido brevemente, gostaria de saber agora as características que tens em termos relacionais, quais as características pessoais que tens nesta dimensão, quer sejam pela positiva e que possam facilitar as relações com os formandos, quer sejam pela negativa, que possam, de algum modo, dificultar essas relações.

Suj.- Bem... eu acho que sou compreensiva. Defeitos... não vejo. E também estou sempre disponível. Digo-lhes sempre: "*Se precisarem de qualquer coisa, venham sempre*". Também estou disponível. Nunca disse assim: "*Olhe, não venha cá que eu não posso... e já lhe disse o que lhe tinha a dizer*". Isso não. E também... talvez... bem... eu... quando tenho cá os estagiários... como tenho filhos, ponho-me no lugar quase de mãe, de maneira a que eles se sintam à vontade. Que me possam fazer perguntas, que me ponham os seus problemas, e por acaso muitos estagiários põem os seus problemas, até familiares... a gente sabendo porque é que eles reagem desta ou daquela maneira... acho que isso é um ponto positivo.

Ent.- Exactamente. E quando, no momento da preparação das aulas - certamente têm um tempo em que se juntam para combinar as aulas - costumam dar orientações concretas sobre o trabalho que têm que desenvolver?

Suj.- Bem, quando eles vêm saber o que é que têm que dar, geralmente eu digo: "*É isto, isto e isto*". E depois deixo eles irem à procura.

Ent.- Portanto dás-lhes uma certa liberdade de acção?

Suj.- Liberdade de acção, sim. Embora às vezes dê sugestões, mas isso já é depois deles procurarem, de deixá-los primeiro procurar um bocadinho que é para não levarem a "papinha" feita. E depois, quando me vêm pedir opinião, vejo. E se acho que fica bem, tudo bem. Se vejo que aquilo não me diz muito ou que não está bem dentro daquilo que queria, digo: "*Façam assim... ou podem fazer assim...*"

Ent.- Disseste que não era para lhes dar a "papinha" feita. Será que só tens esse objectivo, ou será também que queres ver se eles são capazes de, sozinhos, darem a volta por cima, de procurarem o que precisam, de os deixares serem autónomos...

Suj.- Exacto, é também nesse sentido. Tanto que primeiro deixo eles procurarem, dou-lhes essa liberdade.

Ent.- E depois, accitas as sugestões dos formandos? Trocas opiniões?

Suj.- Sim, é como te digo. Muitas vezes aceito as sugestões e dou outras.

Ent.- Então nunca impões o teu ponto de vista?

Suj.- Não... não. Trocamos ideias, negociamos o que se vai fazer. Se eles me pedem ajuda, então digo: *“Olhem, é assim, e assim e assim...”* Se vejo que me pedem ajuda e vêm dizendo: *“Vou dar isto assim e assim”*, eu deixo-os à vontade.

Ent.- E não lhes pedes justificações pelas opções que eles tomam?

Suj.- No fim da aula, quando fazemos uma reflexão, pergunto-lhes o que é que eles acharam. E outra coisa: é que quando estão dando a aula, ou melhor, no princípio, antes de darem as aulas, digo-lhes logo: *“Olhem, devem fazer assim ou assim”* para não deixar que eles continuem a dar determinados erros. Uma crítica construtiva. Se estou a ver que eles estão a ir por aquele caminho e não deveriam, então corto logo. Vou ao pé deles disfarçadamente, nunca é de maneira a que as crianças ouçam, e digo: *“Faça assim... olhe que eles já estão a ficar insubordinados... corte já... mude para isto ou para aquilo... está ali um erro...”* É assim disfarçadamente. Quer dizer, faço assim e eles entendem muito bem e até gostam desse tipo de ajuda. Eu aviso-os logo que em vez de fazer só a crítica no final - há professores que costumam fazer só a crítica no final - eu não deixo que eles vão até ao fim a fazer determinados erros. Não gosto, acho que não há necessidade nenhuma de deixar continuar uma asneira qualquer.

Ent.- E nesses momentos do fim da aula em que se juntam, limitas-te a dizer o que fizeram bem ou menos bem, ou questiona-los também, no sentido de lhes abrir pistas para eles chegarem à sua reflexão... para serem eles a concluir o porquê do que é que fizeram bem e do que é que fizeram mal?

Suj.- Eu também costumo ouvi-los. Às vezes, até no final, pergunto-lhes primeiro o que é que eles acharam da aula. Onde é que acham que erraram... e aí eles vão logo àqueles pontos a que eu já lhes fiz referência durante a aula... mas aparece de tudo. Há uns que dizem que correu muito bem, outros que já encontram dificuldades, enfim, há de tudo.

Ent.- E assim sendo, achas que o teu relacionamento é igual com todos os formandos? Se são diferentes conforme disseste, e considerando essa diferença que há entre eles, tendo conhecimento dela como dizes que tens, continuas a ter o mesmo comportamento relacional igual para com todos?

Suj.- Sim... eu procuro. Há uns mais acanhados que talvez tenham mais dificuldades em dirigir-se, mas eu procuro desbloquear isso e pô-los todos ao mesmo nível.

Ent.- Portanto, não sentes que os constranjas ou os inibas?

Suj.- Eu acho que não. Em princípio não. Procuro pô-los sempre à vontade e ser aberta com eles.

Ent.- E quando vês que um formando está inseguro... está nervoso - ou antes da aula, ou durante ou mesmo depois - sentes que ele, se calhar com um bocadinho de encorajamento ia mais adiante? Sentes essa situação em que precisam ser encorajados?

Suj.- (Silêncio)

Ent.- Não sentes vontade de lhes dar um “empurrãozinho”?

Suj.- ...Hã... sim... muitas vezes, as do 3º ano vinham ter comigo... *“Ai... estou nervosa... sei lá...”* Nesse aspecto, acho que elas, depois de conversarem comigo, ficavam já mais um bocadinho à vontade. E à medida que iam dando as aulas, iam-se sentindo mais à vontade: *“Até me esqueci que estava a dar as aulas”*.

Ent.- Disseste que conversavas com eles. E se eu te perguntar que atitudes tomas para os encorajar, achas que elas assentam no diálogo, essencialmente?

Suj.- Assentam no diálogo e digo-lhes: " *Não... isso não vai ser nada; se for preciso eu dou uma ajudinha*". E faço isso, principalmente para manter a disciplina na sala, quando os estagiários estão a dar a aula e se as crianças não estão sossegadas. É mais difícil, enervam-se. Ora eu, quando dei a minha primeira aula... ponho-me no lugar delas, não é?...

Ent.- E em relação à maneira de ser de cada um deles: achas que todos precisam de ser encorajados da mesma maneira?

Suj.- Não... acho que não. Depende da... da maneira de ser de cada um. Alguns até estão tão à vontade que nem precisam. Já tenho tido casos de alunos excepcionais. Mas não quer dizer que não se diga sempre qualquer coisa. Só que nunca me aconteceu ter um estagiário que não aceitasse o que eu lhe digo ou o que eu gostaria que ele fizesse. Nunca me aconteceu.

Ent.- E quanto a estimulares os formandos, dando-lhes elogios sobre o trabalho que desenvolveram? Costumas fazer isso? Como?

Suj.- Sim. Digo: "*Gostei... sim senhor... gostei... os miúdos estiveram interessados.*" E não é só quanto à apresentação dos materiais, é quanto à maneira como os aplicam e dão a aula.

Ent.- Achas então que isso é uma maneira de os encorajar?

Suj.- Sim... porque eles para a próxima vão continuar assim.

Ent.- E... no momento de preparação das aulas, costumas mostrar-lhes que tens confiança no que eles vão fazer?

Suj.- Sim... mas é também conforme. Quando dão a primeira aula... ou a segunda... e os sinto inseguros... não é inseguros por mal preparados. É que às vezes têm pouca bagagem... não dominam bem o que têm que dar... Acontece isso.

Ent.- E se notas esse tipo de insegurança, costumas mostrar-lhes que tens confiança neles?

Suj.- Pois, às vezes digo: "*Logo será melhor para a próxima*". Quando vejo que as coisas não correm bem... às vezes precisam de ser "picados". Olha, agora com a X... tive que a espezitar, e agora na última aula portou-se aí que foi uma maravilha.

Ent.- E quando dizes "picar" e "espezitar", a que é que te referes, concretamente?

Suj.- É mostrar-lhes que têm às vezes capacidades e que o que é preciso é investir... é ter gosto por aquilo que se faz. É também fazê-las trabalhar mais um pouco... pesquisar isto ou aquilo. E depois transmitirem cá para fora essas potencialidades que têm. Mas às vezes nós também fazemos isso e... quem sabe se aquilo lhes entra por um ouvido e sai por outro. E não aproveitam o que se lhes diz.

Ent.- Mas... vamos considerar que eles entendem e que aproveitam. Será que para além de tudo isto que já falámos sobre o encorajamento, entendes que, na tua relação com os formandos, haverá outras formas que eles percebam como sendo formas de encorajamento?

Suj.- (Silêncio)

Ent.- Se achas que eles entendem uma tua determinada atitude, como sendo uma maneira de os estares a encorajar?

Suj.- Sei lá... é natural, mas agora não me lembro. Não me tenho apercebido. Só aquele género de frases... "*Vá... isto vai correr tudo bem... prá frente é que é...*". Às vezes digo. E sempre pela positiva e não pela negativa, claro. E quando a gente os incentiva e diz que eles têm mais capacidades e que são capazes de as aproveitar... eles esforçam-se por corresponder às nossas expectativas. Por acaso sinto isso. Pode até não correr bem... mas lá que houve um esforço e um investimento, isso houve.

Ent.- Bem... e agora, apesar de já teres referido aqui outro aspecto, eu ainda queria aprofundá-lo um pouco. É o seguinte: Quando os formandos se sentem inseguros e nervosos, tu percebes isso? E de que modo é que captas esses sentimentos de insegurança e de nervosismo?

Suj.- Sim... às vezes noto isso na repetição... quando começam a mastigar sempre a mesma coisa... em vez de ir para a frente e darem dados novos, principalmente quando tratam o Estudo do Meio. Pisam e repisam a mesma coisa... isso para mim é um sinal de que estão nervosos.

Ent.- E mesmo durante a preparação das aulas. O que é que o formando faz ou diz, que te leva a perceber que ele está nervoso?

Suj.- Talvez um bocado de gaguez... sei lá... isso só vendo. Quando a gente vê... percebe nessa atitude. Querem dizer as coisas e parece que não sai nada. E até a postura. A maneira como eles comunicam, nota-se na postura e na voz.

Ent.- E quanto aos problemas pessoais: achas que és sensível aos problemas pessoais dos formandos?

Suj.- Olha... eu ouço-os... sou talvez sensível... mas isso não interfere na maneira de classificar. Estás a perceber? Às vezes compreendo, ou porque está doente... ou porque lhe dói a barriga... ou porque está com uma gripe. Pois a pessoa não pode dar aquilo que daria se estivesse bem. Nessa altura dou um desconto, porque vejo que já fez um esforço enorme para estar a dar a aula.

Ent.- Mas... se tens esse tipo de sensibilidade, revelas-lhes essa sensibilidade?

Suj.- Sim... eu compreendo. E dou-lhes a entender que compreendi porque é que não saiu tão bem... nesse aspecto dou-lhes a entender. E depois digo-lhes: "*Deixe estar que para a próxima vez já faz melhor*". Já lhes tenho dito isso. Porque às vezes quase que era preferível faltarem. Mas não. Vêm fazer esse sacrifício e eu tenho que compreender. É que ninguém se livra dessas situações.

Ent.- Pelo que me dizes, posso então depreender que compreendes quando precisam da tua ajuda?

Suj.- Sim, sim, eu compreendo. Não sou uma pessoa que veja assim... só naquela linha. Quando vejo que há verdade, eu compreendo. Agora se me vêm cá com adulações, já não pega, que eu isso também percebo muito bem.

Ent.- E esses pedidos de ajuda que referiste... também captas através dos mesmos sinais... da voz... da postura... ou eles pedem-te ajuda, expressamente e de forma directa? A vossa relação chega a este ponto?

Suj.- Às vezes até chega.

Ent.- Depende do quê?

Suj.- Às vezes até chega. Depende... sei lá... Eu acho que jogo muito com a sinceridade. Se eu vejo que o estagiário é sincero... agora se ele diz: "*Oh professora... não posso isto... ou aquilo*" e depois sei que ele vai para aqui ou vai para acolá, a ajuda... já não a dou. Agora quando eu vejo que é por necessidade... que tem dificuldade... ou que não pode... então... colaboro. Se vejo que é para dar "graxa"... também não.

Ent.- E essa ajuda é sempre verbalizada?

Suj.- Sim... sim... verbal.

Ent.- E durante toda a Prática, já deste por ti, algumas vezes, a colocar-te no lugar deles?

Suj.- Sim... às vezes, quando faço a reflexão, às vezes entendo... e dá-me para pensar isso. Mas eu estou aqui... e também não posso estar sempre no papel de quando eu era estagiária... que eu tenho que ser isenta e distanciar-me.

Ent.- E agora para terminar, gostaria de saber o seguinte: numa situação em que eles estejam frustrados com um trabalho que lhes correu menos bem... ou, por outro lado, em que se sintam muito

felizes e muito eufóricos com um trabalho que consideram que lhes correu muito bem... esses sentimentos que eles revelam - ou de alegria, ou de frustração - tu sentes-los também, igualmente?

Suj.- É verdade que também sinto. Quando vejo que eles estão tristes... eu às vezes também penso: *"Será que a culpa também é minha?"*

Ent.- Isso é questionares-te acerca da tristeza deles. Mas tu sentes-te triste?

Suj.- Sinto-me. Porque às vezes tenho outras expectativas em relação àquele aluno, e sinto-me triste porque começo a pensar, quando vejo que é uma pessoa interessada, trabalhadora, e que depois não resulta tão bem, começo a pensar se será porque fui eu que lhe dei as indicações mal dadas. E fico assim um bocadinho triste.

Ent.- E quando eles ficam alegres, também te sentes alegre?

Suj.- Sim... confraternizo com eles... realmente... a turma é minha, não é? E o produto tem que estar aqui.

Ent.- Exactamente. Bom... é tudo por agora. Muito obrigada pela tua colaboração.

ANEXO 9

1º tratamento da entrevista ao sujeito 20

1º. tratamento da entrevista ao Sujeito 20

(...) acho que a minha relação com os formandos é muito positiva. Eu tento ao máximo ajudá-los, e acho que da parte deles também aceitam muito as minhas opiniões, e até certo ponto eu acho que há uma intercomunicação entre os alunos formandos ... e eu... pronto, acho que é de facto muito, muito, muito positiva (...).

(...) [*Quanto a características pessoais*] acho que sou uma pessoa muito “terra-a-terra”, tenho muita facilidade em lidar com as pessoas, não gosto de me pôr acima delas mas sim ao mesmo nível; (...) tento relacionar-me quase como uma mãe com um filho. Por exemplo, com os três últimos, que eram rapazes de Educação Física, num dos intervalos um até me chegou a dizer que tinha comprado um apartamento... pronto, falar mesmo da vida particular dele. Eu dei-lhe umas receitinhas para ele fazer... eu acho que tenho essa capacidade de me dar bem com as pessoas, porque (...) ponho-me ao mesmo nível, não lhes faço ver que eu sei mais, que eu sou superior. (...) gosto muito de ajudar os outros. Não é só na escola, mas em toda a parte. Pode não parecer, pelo meu aspecto físico (...) mas de facto eu gosto muito de ajudar os outros. (...) dou-lhes conselhos, (...) aconselho-os ao nível da nossa vida escolar, da minha experiência (...) e às vezes até passa além disso... pronto, até chegamos a falar de outras coisas (...) acho que sou muito humana. Preocupo-me muito com os problemas dos outros. Outra característica que ajuda muito é ser disponível; estou sempre muito disponível para ajudar os outros. (...) Tenho mesmo muita disponibilidade para ajudar. (...) E tento o máximo ser verdadeira... ser autêntica... real. (...) acho que também sou frontal.

(...) se tenho, não me apercebo [*características que inibam os formandos, sobretudo no início da Prática*]. (...) Mas talvez seja um bocadinho exigente. E acho que sou um bocadinho exigente por isto: eu quando dou a planificação, dou logo ideias... quer dizer... faço-lhes muito a “papinha”. Dou-lhes várias ideias ... e daquelas ideias que eu dou eles escolhem uma. Nunca lhes entrego a planificação: “*Olhem, é isto!*”

(...) Eu nisso [*obrigar os formandos a seguirem a “sua” planificação*] não imponho. Mas dou uma ajuda. Dou sugestões para que eles próprios façam. E se manifestam que têm um bocadinho de dificuldade digo: “*Olhem, vocês para o conto podem fazer isto... fantoches... ou leitura...*” pronto, dou várias sugestões, mas não imponho. Só que depois... pronto, também exijo que eles façam minimamente bem, não é?

(...) Sim, sim [*quanto a deixá-los tomarem opções*]. Até porque eu acho que eles (...) tentam dar o máximo e fazer o melhor que podem. Porque eu lembro-me de mim, que quando andava na Escola do Magistério esfolava-me por fazer o melhor. E acho que não sou uma pessoa com muitas ideias e eles podem trazer ideias novas para a sala, e coisas giras e interessantes (...).

(...) [*Quanto às orientações que dá*] dou uma listagem e eles depois escolhem a melhor, a que mais se adapta à maneira de ser deles e para que eles têm mais capacidade (...).

(...) Aceito, sim... [*as opiniões e as sugestões que os formandos trazem*] desde que não seja erro... e mesmo quando é erro, mas eu no fim das aulas faço sempre uma reflexão, tenho sempre a preocupação de dar um *feedback* no fim das aulas. Às vezes interfiro na altura, quando é assim uma coisa muito grave e tal. (...) Outras vezes, quando não é, digo só no fim, que é para os miúdos também não se aperceberem e não começarem a desautorizar os estagiários.

(...) Esse *feedback* é precisamente esse aspecto. Digo o que é que correu bem. (...) começo pelos aspectos positivos e depois vou dizendo, em cada um dos aspectos, as falhas que houve. Porque acho que também não os vou desmotivar, não é? Mas primeiro pergunto-lhe e aos colegas que viram... são três, de modo que pergunto aos outros dois a opinião deles. (...) Mas primeiro era sempre a auto-avaliação (...). É sempre primeiro a auto-avaliação. Depois são os colegas e depois sou eu.

(...) [*Quanto a pedir aos formandos para justificarem as opções que tomam*] Essa listagem que eu dou são apenas sugestões, portanto elas podem seguir, ou não. Aí elas estão completamente à vontade. Aconteceu-me muitas vezes não fazerem nenhuma daquelas sugestões que eu dei. (...) Às vezes - e

aconteceu várias vezes - eles tinham que mudar o plano, eu aceitava... porque foram os próprios miúdos que levaram para aí. (...) às vezes os miúdos, quando são certos temas, começam a puxar... a puxar... e eu acho giro... deixar os miúdos falar (...). Mas os estagiários têm dificuldades nisso, por causa do tempo. (...) E se o assunto se desvia e vejo que não estão tão preparados, dou uma ajudinha (...).

(...) [*No início da Prática*] (...) faço a minha apresentação... digo-lhes como é que eu sou, e para estarem absolutamente à vontade. E digo-lhes também que, sempre que achem necessário, por não entenderem, que me interrompam e perguntem alguma coisa que não compreendam. Pronto, qualquer ajuda minha que precisem, para dizerem. Depois, mando um dos alunos fazer a apresentação da turma. (...) E depois cada aluno faz a sua apresentação; e mando-lhes fazer perguntas aos estagiários, também. Aquelas perguntas pessoais que os miúdos gostam de saber. E isso quebra logo o primeiro gelo. E depois faço logo a apresentação do meio circundante, etc. E digo-lhes logo que a minha vontade é que eles se sintam bem comigo, que sou uma pessoa muito aberta, porque sou... eu sinto que sou... embora não pareça. (...) Às vezes até digo que também tenho dois filhos da idade deles... e que compreendo muito bem a situação em que estão... a situação de estudo e de tirar um curso em que a nota vale muito para o futuro... ou porque para além disso alguns estão longe da família... e que compreendo que muitas vezes eles até seriam capazes de dar melhor se estivessem noutras circunstâncias (...).

(...) [*A relação no fim da Prática*] (...) melhorou no aspecto em que há maior conhecimento... já há maior intimidade ... eles já conhecem melhor o meu feitio e eu já conheço melhor o feitio deles. E até fica uma espécie de... eu pelo menos agarro-me muito, tenho este defeito, agarro-me muito às pessoas (...).

(...) [*Quanto à igualdade de tratamento com todos os formandos*] Eu acho que não... No que diz respeito às relações, não (...) por exemplo, em relação a este último grupo... eu vi que um deles era mais tímido... mais inibido... e então era capaz de me dirigir mais a ele, de estar mais com ele e até de lhe perguntar se estava com algum problema. Ele até se magoou num pé e eu andei preocupada: "*Veja lá se vai ao hospital.*" Havia outro que era muito extrovertido... e esse às vezes assoberbava-me um bocadinho.

(...) [*Face a situações de desmotivação dos formandos*] (...) acho que posso transpor isso para os meus alunos - os mais desmotivados, os que têm mais dificuldades - e é com palavras. Digo-lhes: "*Deixa lá, não desanimes. Não és capaz de fazer à primeira... fazes à segunda... fazes à terceira.*" Uma pessoa tem é que se esforçar por melhorar... e tem que mostrar que fez esse esforço. (...) Mas geralmente é: "*Tu tiveste dificuldade nisto, mas foi muito positivo este outro aspecto.*" Elogio muito o que correu melhor (...).

(...) Ah, não! Isso não! [*quanto a serem encorajados do mesmo modo*] Depende da maneira de ser da pessoa... da capacidade que cada um revela. Uns são mais inibidos... outros são mais extrovertidos e até têm um bocadinho a mania que são bons... e não precisam tanto. Eu acho que cada ser é um ser diferente, e há sempre uma maneira de contactar com cada um, que não pode ser precisamente igual... pode ser aproximada, mas... tem de se ir um bocado ao encontro do feitio, à maneira de ser, individualizar até o encorajamento e a relação. Eu acho que nesse aspecto não é uma coisa geral. Há o geral, sim, que eu digo para todos: "*Trabalhar numa sala de aulas não é um bicho de sete cabeças... e toda a gente erra... e eu às vezes também não faço bem... vamos ver se para a próxima corre melhor...*" E depois há a parte mais individualizada, que foi o que eu disse há pouco. É mais esse aspecto (...).

(...) Sim, é isso. Sim. Sim [*Quanto a mostrar-lhes confiança*]. Quando acho que eles fazem muito bem, digo sempre que eu não era capaz de fazer tão bem. Lá por eu ser professora e ter 28 anos de serviço, não quer dizer que seja melhor que eles. Não sou. Tenho é mais prática. Sou capaz de dar a volta às coisas mais facilmente e mais rapidamente que eles. Mas que há certas coisas que eu até aprendi com eles, é verdade (...).

(...) [*Outras formas de encorajamento*] quando lhes digo isso, eles dizem: "*Ainda bem professora, fiquei tão contente... eu estava com medo...*" Eles respondem-me assim, por isso acho que se sentem encorajados. E mais... pois... às vezes, se durante uma aula vejo que se atrapalham digo: "*Olhe... o (aluno) disse isto... e se fossemos fazer assim... Vamos lá todos pensar...*" (...) E acho que esta intervenção também lhes dá a tal forcinha para continuarem (...).

(...) [*Quanto a perceber a insegurança e nervosismo dos formandos*] Eles ficam parados... outras vezes começam a mexer muito nos cabelos... ou a andar um bocado de um lado para o outro. Olham para mim... e nessa altura eu vou dar uma ajudinha. Às vezes até vou ali à frente da turma e falo assim em particular com o estagiário: “*Não se preocupe... faça isto...*” (...) Quando olham assim para mim... pronto, vê-se logo. E eu, disfarçadamente, e sem os miúdos se aperceberem, vou ter com eles e dou-lhes esses conselhos.

(...) [*Na preparação das aulas*] Eles não costumam vir mostrar o que prepararam... como eu dou logo muitas dicas... Não! Eu até penso que... ao não exigir isso, estou a dar uma grande liberdade aos alunos, e também uma prova de confiança. (...) Quando dou a tal listagem, dou logo muitas sugestões sobre como tratar os assuntos... as estratégias. (...) E eles ficam à vontade para escolher. Por isso não acho necessário depois virem mostrar. Acho que isso é limitar demais. E tem corrido bem (...).

(...) [*Sensibilidade quanto aos problemas pessoais dos formandos*] Sou muito sensível!

(...) [*Formas de lhes mostrar essa sensibilidade*] Indo ter com eles... falando sobre o assunto... preocupando-me com eles. Dizendo para não se enervarem, porque isso pode prejudicar a aula e não resultar como esperavam (...) De resto, este ano... só me aconteceu aquele que já referi, com problemas de saúde. Aí eu preocupei-me... mandei-o ao médico e disse aos outros para tratarem dele. Nesse aspecto, acho que sou um bocadinho mãe, acho que sou um bocadinho mãe. Mais até com os rapazes... apesar de eu ter um rapaz e uma rapariga. É engraçado... isto é mais com os rapazes. (...) Os rapazes chegavam até a mostrar preocupações com as lides de casa, mas elas nunca mostraram nada disso. E quando eles me mostravam essas preocupações, eu lá lhes dizia como deviam fazer. É por isso que eu digo que a nossa relação foi para além dos aspectos pedagógicos.

(...) [*Quando à compreensão da necessidade de ajuda por parte dos formandos*] Sim...sim... sim! Quando me contavam essas coisas, eu ouvia sempre e dava a minha opinião. E se eu sentisse que estavam a precisar de ajuda... é que isso vê-se logo. Para já, dava abertura suficiente para virem ter comigo e exporem essas preocupações... e lá ia dando os conselhos adequados. Na minha maneira de ser, eles sentiram que podiam contar essas coisas, que tinham essa abertura. (...).

(...) [*Sobre colocar-se no lugar dos formandos*] recordei-me muitas vezes de quando eu andei no Magistério. (...) E pensava assim: “*Ai, coitados, eu também tive tantas dificuldades... também estava tão longe dos meus pais... também tinha pouco apoio...*” E isto de uma pessoa estar frente a uma turma... e depois lembrava-me da primeira vez que eu me vi frente a uma turma. (...) Mas sim, lembrei-me muitas vezes da minha Prática, do meu primeiro dia de aulas (...).

(...) Sim, sim, eu ponho-me muito na pele deles. Ponho. Ponho, porque eu também já passei por isso e sei como é que era.

(...) [*Quanto a sentir os sentimentos dos formandos*] Ah, sim, sim. Sim, sim... eu sinto sempre isso. Da maneira que eu sou, vibro logo. Eu vibro logo. Isso vibro. E vibro mais quando eles fazem bem e ficam alegres, do que quando eles fazem mal e ficam tristes. Aí, eu não fico triste Aí vou logo dizendo: “*Qual... cá tristezas, não... isso não correu tudo mal. A maior parte até correu bem... lá por uma coisinha ou outra... mas não correu mal. Então e isto e isto? Então os miúdos não gostaram tanto? Isso não é para estar descontente e desmotivada.*” “*Oh professora, mas eu esforcei-me tanto...*” “*Oh filha, mas as coisas acontecem. E até na nossa vida particular... Nós às vezes esfolamo-nos a trabalhar e as coisas não resultam. Mas pronto... para a próxima já vai ser melhor.*” Não! Quando eles ficam contentes, eu fico contente, mas quando eles ficam tristes, eu não fico triste. Digo-lhes essas coisas, para os animar (...).

ANEXO 10

Pré-categorização da entrevista ao sujeito 20

Pré-categorização da entrevista ao Sujeito 20

Unidades Significativas

1. (...) acho que a minha relação com os formandos é muito positiva. (...)
2. (...) Eu tento ao máximo ajudá-los (...)
3. (...) e acho que da parte deles também aceitam muito as minhas opiniões, e até certo ponto eu acho que há uma intercomunicação entre os alunos formandos e eu (...)
4. (...) pronto, acho que é de facto muito, muito, muito positiva (...)
5. (...) [*Quanto a características pessoais*] acho que sou uma pessoa muito “terra-a-terra” (...)
6. (...) tenho muita facilidade em lidar com as pessoas (...)
7. (...) não gosto de me pôr acima delas mas sim ao mesmo nível (...)
8. (...) tento relacionar-me quase como uma mãe com um filho. Por exemplo, com os três últimos, que eram rapazes de Educação Física, num dos intervalos um até me chegou a dizer que tinha comprado um apartamento... pronto, falar mesmo da vida particular dele. Eu dei-lhe umas receitinhas para ele fazer (...)
9. (...) eu acho que tenho essa capacidade de me dar bem com as pessoas (...)
10. (...) porque (...) ponho-me ao mesmo nível, não lhes faço ver que eu sei mais, que eu sou superior. (...)
11. (...) gosto muito de ajudar os outros. Não é só na escola, mas em toda a parte. Pode não parecer, pelo meu aspecto físico (...) mas de facto eu gosto muito de ajudar os outros. (...)
12. (...) dou-lhes conselhos, (...) aconselho-os ao nível da nossa vida escolar, da minha experiência (...)
13. (...) e às vezes até passa além disso... pronto, até chegamos a falar de outras coisas (...)
14. (...) acho que sou muito humana. Preocupo-me muito com os problemas dos outros. (...)
15. (...) Outra característica que ajuda muito é ser disponível; estou sempre muito disponível para ajudar os outros. (...) Tenho mesmo muita disponibilidade para ajudar. (...)
16. (...) E tento o máximo ser verdadeira... ser autêntica... real. (...)
17. (...) acho que também sou frontal.
18. (...) se tenho, não me apercebo [*características que inibam os formandos, sobretudo no início da Prática*]. (...)
19. (...) Mas talvez seja um bocadinho exigente. E acho que sou um bocadinho exigente por isto (...)
20. (...) eu quando dou a planificação, dou logo ideias... quer dizer... faço-lhes muito a “papinha”. Dou-lhes várias ideias (...)
21. (...) e daquelas ideias que eu dou eles escolhem uma. Nunca lhes entrego a planificação: “*Olhem, é isto!*”

22. (...) Eu nisso [*obrigar os formandos a seguirem a "sua" planificação*] não imponho. (...)
23. (...) Mas dou uma ajuda. Dou sugestões para que eles próprios façam. E se manifestam que têm um bocadinho de dificuldade digo: "*Olhem, vocês para o conto podem fazer isto... fantoches... ou leitura...*" pronto, dou várias sugestões, mas não imponho. (...)
24. (...) Só que depois... pronto, também exijo que eles façam minimamente bem, não é?
25. (...) Sim, sim [*quanto a deixá-los tomarem opções*]. Até porque eu acho que eles (...) tentam dar o máximo e fazer o melhor que podem. Porque eu lembro-me de mim, que quando andava na Escola do Magistério esfolava-me por fazer o melhor. (...)
26. (...) E acho que não sou uma pessoa com muitas ideias e eles podem trazer ideias novas para a sala, e coisas giras e interessantes (...)
27. (...) [*Quanto às orientações que dá*] dou uma listagem (...)
28. (...) e eles depois escolhem a melhor, a que mais se adapta à maneira de ser deles e para que eles têm mais capacidade (...)
29. (...) Aceito, sim... [*as opiniões e as sugestões que os formandos trazem*] desde que não seja erro... e mesmo quando é erro (...)
30. (...) mas eu no fim das aulas faço sempre uma reflexão, tenho sempre a preocupação de dar um *feedback* no fim das aulas. (...)
31. (...) Às vezes interfiro na altura, quando é assim uma coisa muito grave e tal. (...)
32. (...) Outras vezes, quando não é, digo só no fim, que é para os miúdos também não se aperceberem e não comecem a desautorizar os estagiários.
33. (...) Esse *feedback* é precisamente esse aspecto. Digo o que é que correu bem. (...) começo pelos aspectos positivos e depois vou dizendo, em cada um dos aspectos, as falhas que houve. Porque acho que também não os vou desmotivar, não é? (...)
34. (...) Mas primeiro pergunto-lhe e aos colegas que viram... são três, de modo que pergunto aos outros dois a opinião deles. (...) Mas primeiro era sempre a auto-avaliação (...). É sempre primeiro a auto-avaliação. Depois são os colegas e depois sou eu.
35. (...) [*Quanto a pedir aos formandos para justificarem as opções que tomam*] Essa listagem que eu dou são apenas sugestões, portanto elas podem seguir, ou não. Aí elas estão completamente à vontade. (...)
36. (...) Aconteceu-me muitas vezes não fazerem nenhuma daquelas sugestões que eu dei. (...) Às vezes - e aconteceu várias vezes - eles tinham que mudar o plano, eu aceitava... porque foram os próprios miúdos que levaram para aí. (...) às vezes os miúdos, quando são certos temas, começam a puxar... a puxar... e eu acho giro... deixar os miúdos falar (...)
37. (...) Mas os estagiários têm dificuldades nisso, por causa do tempo. (...) E se o assunto se desvia e vejo que não estão tão preparados, dou uma ajudinha (...)
38. (...) [*No início da Prática*] (...) faço a minha apresentação... digo-lhes como é que eu sou, (...)
39. (...) e para estarem absolutamente à vontade. (...)

40. (...) E digo-lhes também que, sempre que achem necessário, por não entenderem, que me interrompam e perguntem alguma coisa que não compreendam. Pronto, qualquer ajuda minha que precisem, para dizerem. (...)
41. (...) Depois, mando um dos alunos fazer a apresentação da turma. (...) E depois cada aluno faz a sua apresentação; e mando-lhes fazer perguntas aos estagiários, também. Aquelas perguntas pessoais que os miúdos gostam de saber. E isso quebra logo o primeiro gelo. (...)
42. (...) E depois faço logo a apresentação do meio circundante, etc. (...)
43. (...) E digo-lhes logo que a minha vontade é que eles se sintam bem comigo (...)
44. (...) que sou uma pessoa muito aberta, porque sou... eu sinto que sou... embora não pareça. (...)
45. (...) Às vezes até digo que também tenho dois filhos da idade deles... e que compreendo muito bem a situação em que estão... a situação de estudo e de tirar um curso em que a nota vale muito para o futuro... ou porque para além disso alguns estão longe da família... e que compreendo que muitas vezes eles até seriam capazes de dar melhor se estivessem noutras circunstâncias (...)
46. (...) [*A relação no fim da Prática*] (...) melhorou no aspecto em que há maior conhecimento (...)
47. (...) já há maior intimidade (...)
48. (...) eles já conhecem melhor o meu feitio e eu já conheço melhor o feitio deles. (...)
49. (...) E até fica uma espécie de... eu pelo menos agarro-me muito, tenho este defeito, agarro-me muito às pessoas (...)
50. (...) [*Quanto à igualdade de tratamento com todos os formandos*] Eu acho que não... No que diz respeito às relações, não. (...) por exemplo, em relação a este último grupo... eu vi que um deles era mais tímido... mais inibido... e então era capaz de me dirigir mais a ele, de estar mais com ele e até de lhe perguntar se estava com algum problema. Ele até se magoou num pé e eu andei preocupada: "*Veja lá se vai ao hospital.*" Havia outro que era muito extrovertido... e esse às vezes assoberbava-me um bocadinho.
51. (...) [*Face a situações de desmotivação dos formandos*] (...) acho que posso transpor isso para os meus alunos - os mais desmotivados, os que têm mais dificuldades - e é com palavras. Digo-lhes: "*Deixa lá, não desanimes. Não és capaz de fazer à primeira... fazes à segunda... fazes à terceira.*" Uma pessoa tem é que se esforçar por melhorar... e tem que mostrar que fez esse esforço. (...) Mas geralmente é: "*Tu tiveste dificuldade nisto, mas foi muito positivo este outro aspecto.*"
52. (...)Elogio muito o que correu melhor (...)
53. (...) Ah, não! Isso não! [*quanto a serem encorajados do mesmo modo*] Depende da maneira de ser da pessoa... da capacidade que cada um revela. Uns são mais inibidos... outros são mais extrovertidos e até têm um bocadinho a mania que são bons... e não precisam tanto. Eu acho que cada ser é um ser diferente, e há sempre uma maneira de contactar com cada um, que não pode ser precisamente igual... pode ser aproximada, mas... tem de se ir um bocado ao encontro do feitio, à maneira de ser, individualizar até o encorajamento e a relação. Eu acho que nesse aspecto não é uma coisa geral. (...)
54. (...) Há o geral, sim, que eu digo para todos: "*Trabalhar numa sala de aulas não é um bicho de sete cabeças... e toda a gente erra... e eu às vezes também não faço bem... vamos ver se para a próxima corre melhor...*" (...)
55. (...) E depois há a parte mais individualizada, que foi o que eu disse há pouco. É mais esse aspecto (...)

56. (...) Sim, é isso. Sim. Sim [*Quanto a mostrar-lhes confiança*]. Quando acho que eles fazem muito bem, digo sempre que eu não era capaz de fazer tão bem. Lá por eu ser professora e ter 28 anos de serviço, não quer dizer que seja melhor que eles. Não sou. Tenho é mais prática. Sou capaz de dar a volta às coisas mais facilmente e mais rapidamente que eles. Mas que há certas coisas que eu até aprendi com eles, é verdade (...)
57. (...) [*Outras formas de encorajamento*] quando lhes digo isso, eles dizem: “*Ainda bem professora, fiquei tão contente... eu estava com medo...*” Eles respondem-me assim, por isso acho que se sentem encorajados. (...)
58. (...) E mais... pois... às vezes, se durante uma aula vejo que se atrapalham digo: “*Olhe... o (aluno) disse isto... e se fossemos fazer assim... Vamos lá todos pensar...*” (...) E acho que esta intervenção também lhes dá a tal forcinha para continuarem (...)
59. (...) [*Quanto a perceber a insegurança e nervosismo dos formandos*] Eles ficam parados... outras vezes começam a mexer muito nos cabelos... ou a andar um bocado de um lado para o outro. Olham para mim (...)
60. (...) e nessa altura eu vou dar uma ajudinha. Às vezes até vou ali à frente da turma e falo assim em particular com o estagiário: “*Não se preocupe... faça isto...*” (...)
61. (...) Quando olham assim para mim... pronto, vê-se logo. (...)
62. (...) E eu, disfarçadamente, e sem os miúdos se aperceberem, vou ter com eles e dou-lhes esses conselhos.
63. (...) [*Na preparação das aulas*] Eles não costumam vir mostrar o que prepararam... como eu dou logo muitas dicas... Não! (...)
64. (...) Eu até penso que... ao não exigir isso, estou a dar uma grande liberdade aos alunos, (...)
65. (...) e também uma prova de confiança. (...)
66. (...) Quando dou a tal listagem, dou logo muitas sugestões sobre como tratar os assuntos... as estratégias. (...) E eles ficam à vontade para escolher. Por isso não acho necessário depois virem mostrar. Acho que isso é limitar demais. E tem corrido bem (...)
67. (...) [*Sensibilidade quanto aos problemas pessoais dos formandos*] Sou muito sensível!
68. (...) [*Formas de lhes mostrar essa sensibilidade*] Indo ter com eles (...)
69. (...) falando sobre o assunto (...)
70. (...) preocupando-me com eles. (...)
71. (...) Dizendo para não se enervarem, porque isso pode prejudicar a aula e não resultar como esperavam (...)
72. (...) De resto, este ano... só me aconteceu aquele que já referi, com problemas de saúde. Aí eu preocupei-me... mandei-o ao médico e disse aos outros para tratarem dele. Nesse aspecto, acho que sou um bocadinho mãe, acho que sou um bocadinho mãe. Mais até com os rapazes... apesar de eu ter um rapaz e uma rapariga. É engraçado... isto é mais com os rapazes. (...) Os rapazes chegavam até a mostrar preocupações com as lides de casa, mas elas nunca mostraram nada disso. E quando eles me mostravam essas preocupações, eu lá lhes dizia como deviam fazer. É por isso que eu digo que a nossa relação foi para além dos aspectos pedagógicos.

73. (...) [*Quando à compreensão da necessidade de ajuda por parte dos formandos*] Sim...sim... sim! Quando me contavam essas coisas, eu ouvia sempre e dava a minha opinião. E se eu sentisse que estavam a precisar de ajuda... é que isso vê-se logo. (...)

74. (...) Para já, dava abertura suficiente para virem ter comigo e exporem essas preocupações... e lá ia dando os conselhos adequados. Na minha maneira de ser, eles sentiram que podiam contar essas coisas, que tinham essa abertura. (...).

75. (...) [*Sobre colocar-se no lugar dos formandos*] recordei-me muitas vezes de quando eu andei no Magistério. (...) E pensava assim: "*Ai, coitados, eu também tive tantas dificuldades... também estava tão longe dos meus pais... também tinha pouco apoio...*" E isto de uma pessoa estar frente a uma turma... e depois lembrava-me da primeira vez que eu me vi frente a uma turma. (...) Mas sim, lembrei-me muitas vezes da minha Prática, do meu primeiro dia de aulas (...).

76. (...) Sim, sim, eu ponho-me muito na pele deles. Ponho. Ponho, porque eu também já passei por isso e sei como é que era.

77. (...) [*Quanto a sentir os sentimentos dos formandos*] Ah, sim, sim. Sim, sim... eu sinto sempre isso. Da maneira que eu sou, vibro logo. Eu vibro logo. Isso vibro. E vibro mais quando eles fazem bem e ficam alegres, do que quando eles fazem mal e ficam tristes. (...)

78. (...) *Aí, eu não fico triste. Aí vou logo dizendo: "Qual... cá tristezas, não... isso não correu tudo mal. A maior parte até correu bem... lá por uma coisinha ou outra... mas não correu mal. Então e isto e isto? Então os miúdos não gostaram tanto? Isso não é para estar descontente e desmotivada." "Oh professora, mas eu esforcei-me tanto..." "Oh filha, mas as coisas acontecem. E até na nossa vida particular... Nós às vezes esfolamo-nos a trabalhar e as coisas não resultam. Mas pronto... para a próxima já vai ser melhor." (...)*

79. (...) Não! Quando eles ficam contentes, eu fico contente (...)

80. (...) mas quando eles ficam tristes, eu não fico triste. Digo-lhes essas coisas, para os animar (...)

ANEXO 11

Distribuição das unidades de significação do sujeito 20

Distribuição das unidades de significação Sujeito 20

1. RELACIONAMENTO COM OS FORMANDOS

1.1. EM TERMOS GLOBAIS

- (...) acho que a minha relação com os formandos é muito positiva. (...) (1)
- (...) e acho que da parte deles também aceitam muito as minhas opiniões, e até certo ponto eu acho que há uma intercomunicação entre os alunos formandos e eu (...) (3)
- (...) pronto, acho que é de facto muito, muito, muito positiva (...). (4)
- (...) tento relacionar-me quase como uma mãe com um filho. Por exemplo, com os três últimos, que eram rapazes de Educação Física, num dos intervalos um até me chegou a dizer que tinha comprado um apartamento... pronto, falar mesmo da vida particular dele. Eu dei-lhe umas receitinhas para ele fazer (...) (8)
- (...) e às vezes até passa além disso... pronto, até chegamos a falar de outras coisas (...) (13)
- (...) De resto, este ano... só me aconteceu aquele que já referi, com problemas de saúde. Aí eu preocupei-me... mandei-o ao médico e disse aos outros para tratarem dele. Nesse aspecto, acho que sou um bocadinho mãe, acho que sou um bocadinho mãe. Mais até com os rapazes... apesar de eu ter um rapaz e uma rapariga. É engraçado... isto é mais com os rapazes. (...) Os rapazes chegavam até a mostrar preocupações com as lides de casa, mas elas nunca mostraram nada disso. E quando eles me mostravam essas preocupações, eu lá lhes dizia como deviam fazer. É por isso que eu digo que a nossa relação foi para além dos aspectos pedagógicos. (72)

1.2. NO INÍCIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

- (...) [*No início da Prática*] (...) faço a minha apresentação... digo-lhes como é que eu sou, (...) (38)
- (...) e para estarem absolutamente à vontade. (...) (39)
- (...) E digo-lhes também que, sempre que achem necessário, por não entenderem, que me interrompam e perguntem alguma coisa que não compreendam. Pronto, qualquer ajuda minha que precisem, para dizerem. (...) (40)
- (...) Depois, mando um dos alunos fazer a apresentação da turma. (...) E depois cada aluno faz a sua apresentação; e mando-lhes fazer perguntas aos estagiários, também. Aquelas perguntas pessoais que os miúdos gostam de saber. E isso quebra logo o primeiro gelo. (...) (41)
- (...) E depois faço logo a apresentação do meio circundante, etc. (...) (42)

1.2. NO FIM DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

- (...) [*A relação no fim da Prática*] (...) melhorou no aspecto em que há maior conhecimento (...) (46)
- (...) já há maior intimidade (...) (47)
- (...) eles já conhecem melhor o meu feitio e eu já conheço melhor o feitio deles. (...) (48)

2. CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

- (...) [*Quanto a características pessoais*] acho que sou uma pessoa muito “terra-a-terra” (...) (5)
- (...) tenho muita facilidade em lidar com as pessoas (...) (6)
- (...) não gosto de me pôr acima delas mas sim ao mesmo nível (...) (7)
- (...) eu acho que tenho essa capacidade de me dar bem com as pessoas (...) (9)
- (...) porque (...) ponho-me ao mesmo nível, não lhes faço ver que eu sei mais, que eu sou superior. (...) (10)

- (...) gosto muito de ajudar os outros. Não é só na escola, mas em toda a parte. Pode não parecer, pelo meu aspecto físico (...) mas de facto eu gosto muito de ajudar os outros. (...) (11)
- (...) acho que sou muito humana. Preocupo-me muito com os problemas dos outros. (...) (14)
- (...) Outra característica que ajuda muito é ser disponível; estou sempre muito disponível para ajudar os outros. (...) Tenho mesmo muita disponibilidade para ajudar. (...) (15)
- (...) E tento o máximo ser verdadeira... ser autêntica... real. (...) (16)
- (...) acho que também sou frontal. (17)
- (...) se tenho, não me apercebo [*características que inibam os formandos, sobretudo no início da Prática*]. (...) (18)
- (...) Mas talvez seja um bocadinho exigente. E acho que sou um bocadinho exigente por isto (...) (19)
- (...) que sou uma pessoa muito aberta, porque sou... eu sinto que sou... embora não pareça. (...) (44)
- (...) E até fica uma espécie de... eu pelo menos agarro-me muito, tenho este defeito, agarro-me muito às pessoas (...). (49)

3. ESTILO RELACIONAL

- (...) Eu tento ao máximo ajudá-los (...) (2)
- (...) dou-lhes conselhos, (...) aconselho-os ao nível da nossa vida escolar, da minha experiência (...) (12)
- (...) eu quando dou a planificação, dou logo idcias... quer dizer... faço-lhes muito a “papinha”. Dou-lhes várias idcias (...) (20)
- (...) e daquelas ideias que eu dou eles escolhem uma. Nunca lhes entrego a planificação: “Olhem, é isto!” (21)
- (...) Eu nisso [*obrigar os formandos a seguirem a “sua” planificação*] não imponho. (...) (22)
- (...) Mas dou uma ajuda. Dou sugestões para que eles próprios façam. E se manifestam que têm um bocadinho de dificuldade digo: “*Olhem, vocês para o conto podem fazer isto... fantoches... ou leitura...*” pronto, dou várias sugestões, mas não imponho. (...) (23)
- (...) Só que depois... pronto, também exijo que eles façam minimamente bem, não é? (24)
- (...) Sim, sim [*quanto a deixá-los tomarem opções*]. Até porque eu acho que eles (...) tentam dar o máximo e fazer o melhor que podem. Porque eu lembro-me de mim, que quando andava na Escola do Magistério esfolava-me por fazer o melhor. (...) (25)
- (...) [*Quanto às orientações que dá*] dou uma listagem (...) (27)
- (...) e eles depois escolhem a melhor, a que mais se adapta à maneira de ser deles e para que eles têm mais capacidade (...).(28)
- (...) Accito, sim... [*as opiniões e as sugestões que os formandos trazem*] desde que não seja erro... e mesmo quando é erro (...) (29)
- (...) mas eu no fim das aulas faço sempre uma reflexão, tenho sempre a preocupação de dar um *feedback* no fim das aulas. (...) (30)
- (...) Às vezes interfiro na altura, quando é assim uma coisa muito grave e tal. (...) (31)
- (...) Outras vezes, quando não é, digo só no fim, que é para os miúdos também não se aperceberem e não começarem a desautorizar os estagiários. (32)
- (...) Esse *feedback* é precisamente esse aspecto. Digo o que é que correu bem. (...) começo pelos aspectos positivos e depois vou dizendo, em cada um dos aspectos, as falhas que houve. Porque acho que também não os vou desmotivar, não é? (...) (33)
- (...) Mas primeiro pergunto-lhe e aos colegas que viram... são três, de modo que pergunto aos outros dois a opinião deles. (...) Mas primeiro era sempre a auto-avaliação (...). É sempre primeiro a auto-avaliação. Depois são os colegas e depois sou eu. (34)

- (...) [*Quanto a pedir aos formandos para justificarem as opções que tomam*] Essa listagem que eu dou são apenas sugestões, portanto elas podem seguir, ou não. Ai elas estão completamente à vontade. (...) (35)
- (...) Aconteceu-me muitas vezes não fazerem nenhuma daquelas sugestões que eu dei. (...) Às vezes - e aconteceu várias vezes - eles tinham que mudar o plano, eu aceitava... porque foram os próprios miúdos que levaram para aí. (...) às vezes os miúdos, quando são certos temas, começam a puxar... a puxar... e eu acho giro... deixar os miúdos falar (...) (36)
- (...) Mas os estagiários têm dificuldades nisso, por causa do tempo. (...) E se o assunto se desvia e vejo que não estão tão preparados, dou uma ajudinha (...). (37)
- (...) [*Quanto à igualdade de tratamento com todos os formandos*] Eu acho que não... No que diz respeito às relações, não. (...) por exemplo, em relação a este último grupo... eu vi que um deles era mais tímido... mais inibido... e então era capaz de me dirigir mais a ele, de estar mais com ele e até de lhe perguntar se estava com algum problema. Ele até se magoou num pé e eu andei preocupada: "*Veja lá se vai ao hospital.*" Havia outro que era muito extrovertido... e esse às vezes assoberbava-me um bocadinho. (50)
- (...) [*Na preparação das aulas*] Eles não costumam vir mostrar o que prepararam... como eu dou logo muitas dicas... Não! (...) (63)
- (...) Eu até penso que... ao não exigir isso, estou a dar uma grande liberdade aos alunos, (...) (64)
- (...) e também uma prova de confiança. (...) (65)
- (...) Quando dou a tal listagem, dou logo muitas sugestões sobre como tratar os assuntos... as estratégias. (...) E eles ficam à vontade para escolher. Por isso não acho necessário depois virem mostrar. Acho que isso é limitar demais. E tem corrido bem (...). (66)

4. ATITUDES DE ENCORAJAMENTO

4.1. ELOGIAR

- (...) Elogio muito o que correu melhor (...). (52)

4.2. INCUTIR CORAGEM

- (...) [*Face a situações de desmotivação dos formandos*] (...) acho que posso transpor isso para os meus alunos - os mais desmotivados, os que têm mais dificuldades - e é com palavras. Digo-lhes: "*Deixa lá, não desanimes. Não és capaz de fazer à primeira... fazes à segunda... fazes à terceira.*" Uma pessoa tem é que se esforçar por melhorar... e tem que mostrar que fez esse esforço. (...) Mas geralmente é: "*Tu tiveste dificuldade nisto, mas foi muito positivo este outro aspecto.*" (51)
- (...) Há o geral, sim, que eu digo para todos: "*Trabalhar numa sala de aulas não é um bicho de sete cabeças... e toda a gente erra... e eu às vezes também não faço bem... vamos ver se para a próxima corre melhor...*" (...) (54)
- (...) e nessa altura eu vou dar uma ajudinha. Às vezes até vou ali à frente da turma e falo assim em particular com o estagiário: "*Não se preocupe... faça isto...*" (...) (60)

4.3. INCUTIR CONFIANÇA

- (...) É acho que não sou uma pessoa com muitas idcias e eles podem trazer idcias novas para a sala, e coisas giras e interessantes (...). (26)
- (...) E digo-lhes logo que a minha vontade é que eles se sintam bem comigo (...) (43)
- (...) Sim, é isso. Sim. Sim [*Quanto a mostrar-lhes confiança*]. Quando acho que eles fazem muito bem, digo sempre que eu não era capaz de fazer tão bem. Lá por eu ser professora e ter 28 anos de serviço, não quer dizer que seja melhor que eles. Não sou. Tenho é mais prática. Sou capaz de dar a volta às coisas mais facilmente e mais rapidamente que eles. Mas que há certas coisas que eu até aprendi com eles, é verdade (...). (56)

- (...) [*Outras formas de encorajamento*] quando lhes digo isso, eles dizem: “*Ainda bem professora, fiquei tão contente... eu estava com medo...*” Eles respondem-me assim, por isso acho que se sentem encorajados. (...) (57)

4.4. AJUDAR

- (...) E eu, disfarçadamente, e sem os miúdos se aperceberem, vou ter com eles e dou-lhes esses conselhos. (62)

4.5. PERCEÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

- (...) Ah, não! Isso não! [*quanto a serem encorajados do mesmo modo*] Depende da maneira de ser da pessoa... da capacidade que cada um revela. Uns são mais inibidos... outros são mais extrovertidos e até têm um bocadinho a mania que são bons... e não precisam tanto. Eu acho que cada ser é um ser diferente, e há sempre uma maneira de contactar com cada um, que não pode ser precisamente igual... pode ser aproximada, mas... tem de se ir um bocado ao encontro do feito, à maneira de ser, individualizar até o encorajamento e a relação. Eu acho que nesse aspecto não é uma coisa geral. (...) (53)
- (...) E depois há a parte mais individualizada, que foi o que eu disse há pouco. É mais esse aspecto (...). (55)

4.6. LEVAR À DESCOBERTA

- (...) E mais... pois... às vezes, se durante uma aula vejo que se atrapalham digo: “*Olhe... o (aluno) disse isto... e se fossemos fazer assim... Vamos lá todos pensar...*” (...) E acho que esta intervenção também lhes dá a tal forcinha para continuarem (...). (58)

4.7. RECURSO À COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

- (*Não verificada*)

4.8. COMPETÊNCIA PEDAGÓGICA, CIENTÍFICA E HUMANA

- (*Não verificada*)

4.9. OPINIÃO DOS ALUNOS

- (*Não verificada*)

5. ATITUDES DE EMPATIA

5.1. SENSIBILIDADE

- (...) [*Quanto a perceber a insegurança e nervosismo dos formandos*] Eles ficam parados... outras vezes começam a mexer muito nos cabelos... ou a andar um bocado de um lado para o outro. Olham para mim (...) (59)
- (...) [*Sensibilidade quanto aos problemas pessoais dos formandos*] Sou muito sensível! (67)
- (...) [*Formas de lhes mostrar essa sensibilidade*] Indo ter com eles (...) (68)
- (...) falando sobre o assunto (...) (69)
- (...) preocupando-me com eles. (...) (70)
- (...) Dizendo para não se enervarem, porque isso pode prejudicar a aula e não resultar como esperavam (...) (71)
- (...) [*Quanto a sentir os sentimentos dos formandos*] Ah, sim, sim. Sim, sim... eu sinto sempre isso. Da maneira que eu sou, vibro logo. Eu vibro logo. Isso vibro. E vibro mais quando eles fazem bem e ficam alegres, do que quando eles fazem mal e ficam tristes. (...) (77)

5.2. COMPREENSÃO

- (...) Quando olham assim para mim... pronto, vê-se logo. (...) (61)
- (...) [*Quando à compreensão da necessidade de ajuda por parte dos formandos*] Sim...sim... sim! Quando me contavam essas coisas, eu ouvia sempre e dava a minha opinião. E se eu sentisse que estavam a precisar de ajuda... é que isso vê-se logo. (...) (73)
- (...) Para já, dava abertura suficiente para virem ter comigo e exporem essas preocupações... e lá ia dando os conselhos adequados. Na minha maneira de ser, eles sentiram que podiam contar essas coisas, que tinham essa abertura. (...). (74)
- (...) Aí, eu não fico triste Aí vou logo dizendo: “*Qual... cá tristezas, não... isso não correu tudo mal. A maior parte até correu bem... lá por uma coisinha ou outra... mas não correu mal. Então e isto e isto? Então os miúdos não gostaram tanto? Isso não é para estar descontente e desmotivada.*” “*Oh professora, mas eu esforcei-me tanto...*” “*Oh filha, mas as coisas acontecem. E até na nossa vida particular... Nós às vezes esfolamo-nos a trabalhar e as coisas não resultam. Mas pronto... para a próxima já vai ser melhor.*” (...) (78)
- (...) mas quando eles ficam tristes, eu não fico triste. Digo-lhes essas coisas, para os animar (...). (80)

5.3. PÔR-SE NO LUGAR DO OUTRO

- (...) [*Sobre colocar-se no lugar dos formandos*] recordei-me muitas vezes de quando eu andei no Magistério. (...) E pensava assim: “*Ai, coitados, eu também tive tantas dificuldades... também estava tão longe dos meus pais... também tinha pouco apoio...*” E isto de uma pessoa estar frente a uma turma... e depois lembrava-me da primeira vez que eu me vi frente a uma turma. (...) Mas sim, lembrei-me muitas vezes da minha Prática, do meu primeiro dia de aulas (...). (75)
- (...) Sim, sim, eu ponho-me muito na pele deles. Ponho. Ponho, porque eu também já passei por isso e sei como é que era. (76)
- (...) Não! Quando eles ficam contentes, eu fico contente (...) (79)

5.4. PERCEÇÃO DOS PROBLEMAS PESSOAIS

- (...) Às vezes até digo que também tenho dois filhos da idade deles... e que compreendo muito bem a situação em que estão... a situação de estudo e de tirar um curso em que a nota vale muito para o futuro... ou porque para além disso alguns estão longe da família... e que compreendo que muitas vezes eles até seriam capazes de dar melhor se estivessem noutras circunstâncias (...) (45)

ANEXO 12

Distribuição provisória das unidades de significação

Distribuição provisória das unidades de significação

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	SUJEITOS				
		S6	S8	S20	S21	
Relacionamento com os formandos	Em termos globais	1-2-3-4-5- 6-11-14-15- 16-35	1-2-5-7-22	1-3-4-8-13- 72	10-28	
	No início da P.Ped.	28-29-31	6-8-9-10- 11-12-16	38-39-40- 41-42	1-2-3	
	No fim da P. Ped.	39-40-41- 42-43	13-14-15	46-47-48	5-6	
Características pessoais		9-10-12-13- 18-19-21- 27-32-33- 34-36-37- 50-65	3-4-17-18- 19-20-21- 25	5-6-7-9-10- 11-14-15- 16-17-18- 19-44-49	4-7-8-9-29	
		7-8-17-20- 22-23-24- 25-30-38- 52	23-24-26- 27-28-29- 30-31-33- 34-35-36- 37-38-39- 40-41-42	2-12-20-21- 22-23-24- 25-27-28- 29-30-31- 32-33-34- 35-36-37- 50-63-64- 65-66	11-12-13- 14-15-16- 17-18-19- 20-21-22- 23-24-25- 26-27-33- 34	
		Elogiar	51-55-56	32-49	52	35-36
		Incutir coragem	54	44-45-54	51-54-60	43
		Incutir confiança	44-49-57	50-51-53- 56	26-43-56- 57	30-37-38- 39-40-42- 44
Atitudes de encorajamento	Ajudar	45-47-58- 59		62	31	
	Percepção caracter. pes.	48	46-47-48	53-55		
	Levar à descoberta	26		58	41	
	Recurso à com. n/verbal	46				
	Comp. ped./cient./hum.	53	55-57			
	Opinião das crianças		52			
	Atitudes de empatia	Sensibilidade	61-62-64- 66-69	58-59-61- 66-67-68- 69-70	59-67-68- 69-70-71- 77	45-46-47- 48-52-54- 55-57
Comprensão		60-67-70- 72	62	61-73-74- 78-80	49-50-51- 53	
Pôr-se no lugar do outro		68-71	43-64-65	75-76-79	32-56-58- 59-60	
Percepção problemas pes.		63	60-63	45		

ANEXO 13

Distribuição das unidades de significação por categorias de análise

Distribuição das unidades de significação por categorias de análise

1. RELACIONAMENTO COM OS FORMANDOS

1.1. EM TERMOS GLOBAIS

- (...) o meu relacionamento com os estagiários julgo que é bom (...) (1.S6)
- (...) Sim, penso que sim [*é boa a relação com os formandos*]. (...) (35.S6)
- (...) Olha, eu acho que é boa [*a relação com os formandos, de uma maneira genérica*] (...) (1.S8)
- (...) E eu vejo que as moças têm também boa relação comigo, como eu costume ter com elas. (3.S6)
- (...) Acho que gostam de mim... como eu gosto deles. (...) (11.S6)
- (...) não faço (...) distinção entre os alunos e a professora. (...) (2.S6)
- (...) Não... não me ponho [*num "pedestal"*]. (6.S6)
- (...) acho que as ponho sempre à vontade. (...) (4.S6)
- (...) Quando elas chegam aqui à sala, digo-lhes logo como é que sou ... como é que gosto das coisas ou não gosto... e ponho-as à vontade. (...) (14.S6)
- (...) Digo-lhes também que o que lhes disser, muitas das vezes é sem intenção de magoar.(...) (16.S6)
- (...) ponho-os sempre muito à vontade (...) (2.S8)
- (...) Acho que...eles comigo acabam sempre por estar à vontade. (...) (5.S8)
- (...) mas depois, com a continuação, eu penso que eles ficam à vontade para desabafarem comigo... em dúvidas... em desabafos (...). (7.S8)
- (...) Acho que eles vêm logo isso e se sentem à vontade.(...) acho que isso faz com que eles também não venham depois a fazer cerimónia comigo (...). (22.S8)
- E naquilo que posso ajudar e que posso facilitar, estou sempre pronta. (5.S6)
- (...) E digo-lhes que se também elas tiverem alguma vez alguma coisa da Prática que não gostem... pois que digam. (...) (15.S6)
- (...) Procuo pô-los sempre à vontade (...) (28.S21)
- (...) acho que a minha relação com os formandos é muito positiva. (...) (1.S20)
- (...) pronto, acho que é de facto muito, muito, muito positiva (...). (4.S20)
- (...) e acho que da parte deles também aceitam muito as minhas opiniões, e até certo ponto eu acho que há uma intercomunicação entre os alunos formandos e eu (...) (3.S20)
- (...) tento relacionar-me quase como uma mãe com um filho. Por exemplo, com os três últimos, que eram rapazes de Educação Física, num dos intervalos um até me chegou a dizer que tinha comprado um apartamento... pronto, falar mesmo da vida particular dele. Eu dei-lhe umas receitinhas para ele fazer (...) (8.S20)
- (...) e às vezes até passa além disso... pronto, até chegamos a falar de outras coisas (...) (13.S20)
- (...) De resto, este ano... só me aconteceu aquele que já referi, com problemas de saúde. Aí eu preocupei-me... mandei-o ao médico e disse aos outros para tratarem dele. Nesse aspecto, acho que sou um bocadinho mãe, acho que sou um bocadinho mãe. Mais até com os rapazes... apesar de eu ter um rapaz e uma rapariga. É engraçado... isto é mais com os rapazes. (...) Os rapazes chegavam até a mostrar preocupações com as lides de casa, mas elas nunca mostraram nada disso. E quando eles me mostravam essas preocupações, eu lá lhes dizia como deviam fazer. É por isso que eu digo que a nossa relação foi para além dos aspectos pedagógicos. (72.S20)
- (...) E também... talvez... bem. (...) como tenho filhos, ponho-me no lugar quase de mãe, de maneira a que eles se sintam à vontade. Que me possam fazer perguntas, que me ponham os seus problemas, e por acaso muitos estagiários põem os seus problemas, até familiares (...) (10.S21)

1.2. NO INÍCIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

- (...) [*As condições que cria no princípio da Prática*] Costumo perguntar-lhes o que é que acham da escola... da sala. Se acham que é como no tempo deles... (...) Toda a gente chega à conclusão que a escola parece quase a mesma... a primeira impressão que têm é que a escola ainda é quase como no tempo deles. Depois... a maneira como está o mobiliário, a maneira como se tratam agora os meninos... a maneira como se ensina... eles vêm que aí já é diferente (...). (28.S6)
- (...) mas que dá para ver [*aos formandos*] que as coisas não são assim muito rígidas, que as aulas não serão aulas “túmulo”... que há momentos em que a gente pode brincar, aprendendo, e há momentos em que a gente tem que parar a brincadeira e é mesmo a sério. (11.S8)
- (...) Uma das coisas que costumo também dizer-lhes é que já não tenho paciência para fazer grandes materiais... e que para isso também conto com eles. Em relação ao Estudo do Meio... que são coisas que requerem uma experiência ou uma apresentação diferente... e nisso conto muito com eles... com a ajuda deles e com o trabalho deles. (29.S6)
- (...) e eu também já estou a observar quem é mais perspicaz, quem tem mais cultura geral (...) (10.S8)
- (...) [*Nos primeiros dias de Prática Pedagógica*] Eu julgo que os ponho logo à vontade... (...) (31.S6)
- (...) Logo no primeiro dia [*tenta pô-los à vontade*]. (12.S8)
- (...) e para estarem absolutamente à vontade. (...) (39.S20)
- (...) [*Sobre o modo de relacionamento com os formandos*] eu procuro - é uma coisa que eu costumo fazer logo no princípio - é pô-los à vontade. De maneira a que eles não se sintam diminuídos. (...) (1.S21)
- (...) [*No início da Prática*] (...) faço a minha apresentação... digo-lhes como é que eu sou, (...) (38.S20)
- (...) E digo-lhes também que, sempre que achem necessário, por não entenderem, que me interrompam e perguntem alguma coisa que não compreendam. Pronto, qualquer ajuda minha que precisem, para dizerem. (...) (40.S20)
- (...) E depois faço logo a apresentação do meio circundante, etc. (...) (42. S20)
- (...) E procuro logo... dar-lhes toda a liberdade, na procura dos “processos”, em fazerem as perguntas que quiserem, em tirarem os elementos que quiserem (...) (2.S21)
- (...) Já se sabe, que das primeiras vezes há sempre aquele embate... a pessoa não se conhece... (...) (6.S8)
- (...) no início vêm sempre com um pé atrás, ou pouco à vontade... não me conhecem. (16.S8)
- (...) Para já, costumo normalmente cantar uma cançãozinha com os miúdos, uma cançãozinha de boas vindas. Depois, ponho os miúdos a fazer a tal apresentação... umas vezes através de charadas, outras vezes através de adivinhas, que os põe à vontade (...). (8.S8)
- (...) Depois, mando um dos alunos fazer a apresentação da turma. (...) E depois cada aluno faz a sua apresentação; e mando-lhes fazer perguntas aos estagiários, também. Aquelas perguntas pessoais que os miúdos gostam de saber. E isso quebra logo o primeiro gelo. (...) (41.S20)
- (...) Eles (...) já estão a participar nessa primeira aula (...) (9.S8)
- (...) procuro ajudá-los o máximo possível. (...) (3.S21)

1.2. NO FIM DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

- (...) [*A relação no fim da Prática Pedagógica*] Não... no fim já me apercebi de muitas coisas em relação a eles. Há muitas coisas que já fazem melhor (...). (39.S6)
- (...) [*A relação no fim da Prática Pedagógica*] Tem que ser melhor. (...) (40.S6)
- (...) [*A relação no fim da Prática*] (...) melhorou no aspecto em que há maior conhecimento (...) (46.S20)

- (...) Estão muito mais à vontade. Parece que são eles os professores da turma. Valorizaram-se (42.S6)
- [*Em termos relacionais com a cooperante*] (...) São mais abertos... estão mais soltos. (43.S6)
- (...) no fim da Prática estou muito mais à vontade com eles. (...) (13.S8)
- (...) Tem que ser diferente. (...) (41.S6)
- (...) Até eles mesmos comigo... pois já são eles que desabafam sobre os pontos fracos, ou os pontos mais positivos da Prática toda. (...) (14.S8)
- (...) E no fim eu noto que eles estão muito mais à vontade comigo... são muito mais espontâneos, mais sinceros... (...) (15.S8)
- (...) já há maior intimidade (...) (47.S20)
- (...) Há maior abertura... mesmo no final, a gente já pergunta que média é que esperam... para ver se coincide com aquela que eu penso que eles vão ter (...). Não quer dizer que isso depois vá influenciar (...). (6.S21)
- (...) eles já conhecem melhor o meu feitio e eu já conheço melhor o feitio deles. (...) (48.S20)
- (...) [*Quanto às relações no fim da Prática*] Acho que... vamos aprofundando (...) eles conhecem-me melhor e eu conheço-os também melhor. Há um aprofundamento maior.(...) (5.S21)

2. CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

- (...) Eu acho que sou uma pessoa simples. (...) (9.S6)
- (...) tenho-me por ser uma pessoa simples... sem grandes pretensões (...). (34.S6)
- (...) E simpática... pelo menos acho que sou... ou tento ser. (...) (10.S6)
- (...) também [*sou*] humana... (...) (12.S6)
- (...) tenho muita facilidade em lidar com as pessoas (...) (6.S20)
- (...) eu acho que tenho essa capacidade de me dar bem com as pessoas (...) (9.S20)
- (...) acho que sou muito humana. Preocupo-me muito com os problemas dos outros. (...) (14.S20)
- (...) E até fica uma espécie de... eu pelo menos agarro-me muito, tenho este defeito, agarro-me muito às pessoas (...). (49.S20)
- (...) gosto muito de ajudar os outros. Não é só na escola, mas em toda a parte. Pode não parecer, pelo meu aspecto físico (...) mas de facto eu gosto muito de ajudar os outros. (...) (11.S20)
- (...) e [*sou*] disponível. (...) (13.S6)
- (...) Dentro do possível, estou [*sempre disponível para atender os formandos para a preparação das aulas*]. (...) (18.S6)
- (...) Às vezes, depois de terminada a aula... mas aí é mais difícil (...). O que costumo fazer é, à hora do lanche, tirar um bocadinho para falar com elas. (...) (19.S6)
- (...) Estou sempre disponível [*sempre que me procuram*].... nunca disse que não. (21.S6)
- (...) disponibilizo-me muito... (...) (4.S8)
- (...) Outra característica que ajuda muito é ser disponível; estou sempre muito disponível para ajudar os outros. (...) Tenho mesmo muita disponibilidade para ajudar. (...) (15.S20)
- (...) Estou sempre disponível para essa situação. (...) no início e durante a Prática. (4.S21)
- (...) E também estou sempre disponível. Digo-lhes sempre: "*Se precisarem de qualquer coisa, venham sempre*". Também estou disponível.(...) (9.S21)
- (...) Eu não tenho essa impressão [*que os constranja*]... Acho que não... de maneira nenhuma... Deus me livre! Nunca ponho os formandos com receio disto ou daquilo... Alguma vez? Não! (27.S6)
- (...) Eu penso que não. Penso que não! Não! [*quanto a características que possam influenciar negativamente a sua relação com os formandos*] (25.S8)

- (...) se tenho, não me apercebo [*características que inibam os formandos, sobretudo no início da Prática*]. (...) (18.S20)
- (...) Defeitos... não vejo. (...) (8.S21)
- (...) Depois disso eu também digo quem sou... como é que sou. (...) (32.S6)
- (...) E depois, (...) digo-lhes o que gosto de fazer e como trabalho aqui na sala. (33.S6)
- (...) [*Quanto a características pessoais*] acho que sou uma pessoa muito “terra-a-terra” (...) (5.S20)
- (...) sou muito franca para eles (...) (3.S8)
- (...) Eu acho que através desta minha franqueza, eles apercebem-se que aqui é tudo muito transparente, que nem tudo está bem, que não “faço teatro”... que as coisas ocorrem naturalmente. (...) (20.S8)
- (...) que sou uma pessoa muito aberta, porque sou... eu sinto que sou... embora não pareça. (...) (44.S20)
- (...) e ser aberta com eles. (29.S21)
- (...) Os estagiários vêem logo que para com certas coisas sou benevolente... (...) (36.S6)
- (...) mas que há outras coisas que já não deixo passar. (...) Às vezes não se pode ser permissiva, mas mais exigente. (...) quanto às áreas científicas tenho maior preocupação (...). (37.S6)
- (...) Mas talvez seja um bocadinho exigente. E acho que sou um bocadinho exigente por isto (...) (19.S20)
- (...) nunca sou destrutiva. Isso não sou, porque não gosto. É sempre uma crítica construtiva... (50.S6)
- (...) Sou tolerante; eu sempre fui. (65.S6)
- (...) [*sou uma pessoa*] tolerante.(...) (18.S8)
- (...) E acho que eles vêem logo que sou autêntica... porque às vezes, a propósito de uma coisa qualquer, a gente envereda por outro caminho, sem rodeios (...) ou corta. Se for preciso faço isso, (...) faço como acho mais adequado no momento. É por isso que eu digo que não “faço teatro” e que sou autêntica. (...) (21.S8)
- (...) E tento o máximo ser verdadeira... ser autêntica... real. (...) (16.S20)
- (...) Eu acho que sou uma pessoa compreensiva (...) (17.S8)
- (...) [*Quanto a características pessoais*] acho que sou compreensiva. (...) (7.S21)
- (...) E também sou muito frontal. E mesmo naquela altura em que eles estão a observar a aula, se há um ponto fraco, eu assinalo logo, para eles ouvirem, esse ponto fraco. Digo logo como é e como não é; mesmo determinados desabafos em relação a um aluno... (...) (19.S8)
- (...) acho que também sou frontal. (17.S20)
- (...) não gosto de me pôr acima delas mas sim ao mesmo nível (...) (7.S20)
- (...) porque (...) ponho-me ao mesmo nível, não lhes faço ver que eu sei mais, que eu sou superior. (...) (10.S20)

3. ESTILO RELACIONAL

- (...) Isso [*a igualdade de relacionamento com todos os formandos*] às vezes depende também do feitio deles... (...) (7.S6)
- (...) há uns que... bem... já tive uma que achei assim... muito com... com ares de importante... mas eu... quando tinha que falar com ela e fazer alguma crítica, fazia na mesma. (...) Há outras que... não sei... parece que são mais... como o meu feitio. (8.S6)
- (...) Só que tenho apanhado já alunos que são muito bons e que não precisam tanto das minhas dicas. (...) (35.S8)

- (...) Há alguns formandos com os quais eu acabo por ter muito mais trabalho com as aulas deles do que com outros (...) (36.S8)
- (...) Ao passo que com outros... a pessoa tem que dizer tudo, e acaba depois por ir assistir a uma aula que é nossa, só que está a ser dinamizada por outra pessoa. (...) (38.S8)
- (...) Mas depois, consoante o interesse deles, e a sua maneira de ser, assim os deixo mais ou menos à vontade para se organizarem. (40.S8)
- (...) Exacto [*quanto a dar autonomia*]. Porque há aqueles que a gente vê logo que têm mais *feeling* (...) (41.S8)
- (...) e há aqueles que são menos dotados, que são mais nervosos... que têm características diferentes. (42.S8)
- (...) [*Quanto às características pessoais dos formandos e à necessidade de formas diferentes de encorajamento*] (...) Depende da... da maneira de ser de cada um. (...) (33.S21)
- (...) Alguns até estão tão à vontade que nem precisam. Já tenho tido casos de alunos excepcionais. Mas não quer dizer que não se diga sempre qualquer coisa. Só que nunca me aconteceu ter um estagiário que não aceitasse o que eu lhe digo ou o que eu gostaria que ele fizesse (...). (34.S21)
- (...) [*Quanto à igualdade de tratamento com todos os formandos*] Eu acho que não... No que diz respeito às relações, não. (...) por exemplo, em relação a este último grupo... eu vi que um deles era mais tímido... mais inibido... e então era capaz de me dirigir mais a ele, de estar mais com ele e até de lhe perguntar se estava com algum problema. Ele até se magoou num pé e eu andei preocupada: "Veja lá se vai ao hospital." Havia outro que era muito extrovertido... e esse às vezes assoberbava-me um bocadinho. (50.S20)
- (...) Costumo às vezes meter-me no meio da aula (...). (17.S6)
- (...) às vezes interfiro [*no decurso da acção dos formandos*] (...) (52.S6)
- (...) Às vezes interfiro na altura, quando é assim uma coisa muito grave e tal. (...) (31.S20)
- (...) Se estou a ver que eles estão a ir por aquele caminho e não deveriam, então corto logo. Vou ao pé deles disfarçadamente, nunca é de maneira a que as crianças ouçam, e digo: "Faça assim... olhe que eles já estão a ficar insubordinados... corte já... mude para isto ou para aquilo... está ali um erro..." (...) faço assim e eles entendem muito bem e até gostam desse tipo de ajuda. (...) (23.S21)
- (...) Eu aviso-os logo que em vez de fazer só a crítica no final (...) eu não deixo que eles vão até ao fim a fazer determinados erros (...).(24.S21)
- (...) Ou então já trago um esquemazinho. (20.S6)
- (...) Dou sempre orientações concretas [*aquando da preparação das aulas, em termos de aconselhamento*]. Inclusivamente, dou tópicos sobre estratégias, às vezes até trago material que eles podem basear-se nele ou podem orientar-se ali para concretizarem as aulas (...).(26.S8)
- (...) eu quando dou a planificação, dou logo ideias... quer dizer... faço-lhes muito a "papinha". Dou-lhes várias ideias (...) (20.S20)
- (...) [*Quanto às orientações que dá*] dou uma listagem (...) (27.S20)
- (...) [*Na preparação das aulas*] quando eles vêm saber o que é que têm que dar, geralmente eu digo: "É isto, isto e isto". (...) (11.S21)
- (...) E outra coisa: é que quando estão dando a aula, ou melhor, no princípio, antes de darem as aulas, digo-lhes logo: "Olhem, devem fazer assim ou assim" para não deixar que eles continuem a dar determinados erros. Uma crítica construtiva. (...) (22.S21)
- (...) [*Na preparação das aulas*] Eles não costumam vir mostrar o que prepararam... como eu dou logo muitas dicas... Não! (...) (63.S20)
- (...) E depois, quando me vêm pedir opinião, vejo. E se acho que fica bem, tudo bem. Se vejo que aquilo não me diz muito ou que não está bem dentro daquilo que queria, digo: "Façam assim... ou podem fazer assim..." (14.S21)
- (...) e dou outras [*sugestões*]. (17.S21)

- (...) E vou-lhes também dando dicas sobre os alunos (...) (23.S8)
- (...) Mas depois, por outro lado, procuro sempre dar uma orientação, no sentido de os levar à prática mais correcta. (33.S8)
- (...) Eu julgo que facilito [o trabalho dos formandos]. E às vezes até lhes trago livros. “Tirem ideias daqui...” (22.S6)
- (...) Eu tento ao máximo ajudá-los (...) (2.S20)
- (...) Mas dou uma ajuda. Dou sugestões para que eles próprios façam. E se manifestam que têm um bocadinho de dificuldade digo: “*Olhem, vocês para o conto podem fazer isto... fantoches... ou leitura...*” pronto, dou várias sugestões, mas não imponho. (...) (23.S20)
- (...) Mas os estagiários têm dificuldades nisso, por causa do tempo. (...) E se o assunto se desvia e vejo que não estão tão preparados, dou uma ajudinha (...). (37.S20)
- (...) Se eles me pedem ajuda, então digo: “*Olhem, é assim, e assim e assim...*” (...) (19.S21)
- (...) Se calhar não dou [orientações] muito concretas [na preparação das aulas]... mas acho que não é com má intenção ... é que... segundo os objectivos do programa que tem que se dar... posso não me lembrar logo do que devem fazer (...). (23.S6)
- (...) [Na preparação das aulas] alguns já trazem muitas ideias (...) Mas eu geralmente peço mais para recorrerem à professora Y [a supervisora da Escola]. Por acaso é mais o que eu lhes digo. (24.S6)
- (...) Não [costuma pedir aos alunos que justifiquem opções que tomam]. Só se for uma coisa muito fora... geralmente não acontece, porque eles vêm-me mostrar antes. (25.S6)
- (...) Sim, peço [justificação das opções tomadas pelos formandos], (...) por exemplo, combinamos um determinado tema, e depois eles acabam por ir para outro. Eu pergunto “*Porquê?*” Acho que convém eles darem a sua justificação, isso é muito importante, até em termos da pessoa se aperceber até que ponto é que eles são capazes de improvisar uma aula, e se adaptarem a um ensino ocasional, porque a gente na nossa vida não pode trazer sempre tudo, tudo, programado (...). O que é preciso é ter aquela arte de gerir os imprevistos. (30.S8)
- (...) [Quando fazem o balanço do dia] primeiro, antes de ser eu a falar, eles falam do ponto de vista deles. (...) (31.S8)
- (...) mas eu no fim das aulas faço sempre uma reflexão, tenho sempre a preocupação de dar um *feedback* no fim das aulas. (...) (30.S20)
- (...) Outras vezes, quando não é, digo só no fim, que é para os miúdos também não se aperceberem e não começarem a desautorizar os estagiários. (32.S20)
- (...) Esse *feedback* é precisamente esse aspecto. Digo o que é que correu bem. (...) começo pelos aspectos positivos e depois vou dizendo, em cada um dos aspectos, as falhas que houve. Porque acho que também não os vou desmotivar, não é? (...) (33.S20)
- (...) Mas primeiro pergunto-lhe e aos colegas que viram... são três, de modo que pergunto aos outros dois a opinião deles. (...) Mas primeiro era sempre a auto-avaliação (...). É sempre primeiro a auto-avaliação. Depois são os colegas e depois sou eu. (34.S20)
- (...) Aconteceu-me muitas vezes não fazerem nenhuma daquelas sugestões que eu dei. (...) Às vezes - e aconteceu várias vezes - eles tinham que mudar o plano, eu aceitava... porque foram os próprios miúdos que levaram para aí. (...) às vezes os miúdos, quando são certos temas, começam a puxar... a puxar... e eu acho giro... deixar os miúdos falar (...) (36.S20)
- (...) [Quanto a pedir justificações pelas opções que eles tomam] No fim da aula, quando fazemos uma reflexão, pergunto-lhes o que é que eles acharam. (...) (21.S21)
- (...) [Após as aulas] Eu também costumo ouvi-los. Às vezes, até no final, pergunto-lhes primeiro o que é que eles acharam da aula. Onde é que acham que erraram (...). (25.S21)
- (...) vou beneficiar das coisas deles. Até porque são jovens e... e têm outra maneira... e têm mais vagar para fazer certas coisas do que eu. (30.S6)

- (...) até gosto sempre que sejam eles a dar as sugestões. Eu ouço. E depois, com base nas sugestões deles, eu, que conheço a turma, é que digo: *"Olha, está uma ideia gira, mas nesta turma não resulta, por isto e por isto e por isto. Mas de qualquer maneira é uma ideia a pôr em prática numa turma assim e assim."* (...) (27.S8)
- (...)Eu primeiro ouço-os. Nunca imponho a minha opinião. (...) (28.S8)
- (...) Até porque muitas vezes dou-lhes vários temas, e eles depois escolhem o que quiserem, desde que venha no seguimento daquilo que a gente está a dar. (29.S8)
- (...) e daquelas ideias que eu dou eles escolhem uma. Nunca lhes entrego a planificação: "Olhem, é isto!" (21.S20)
- (...) e eles depois escolhem a melhor, a que mais se adapta à maneira de ser deles e para que eles têm mais capacidade (...).(28.S20)
- (...) [*Quanto a pedir aos formandos para justificarem as opções que tomam*] Essa listagem que eu dou são apenas sugestões, portanto elas podem seguir, ou não. Ai elas estão completamente à vontade. (...) (35.S20)
- (...) Quando dou a tal listagem, dou logo muitas sugestões sobre como tratar os assuntos... as estratégias. (...) E eles ficam à vontade para escolher. Por isso não acho necessário depois virem mostrar. Acho que isso é limitar demais. E tem corrido bem (...). (66.S20)
- (...) E depois deixo eles irem à procura. (12.S21)
- (...) Se vejo que me pedem ajuda e vêm dizendo: *"Vou dar isto assim e assim"*, eu deixo-os à vontade. (20.S21)
- (...) Liberdade de acção, sim. Embora às vezes dê sugestões, mas isso já é depois deles procurarem, de deixá-los primeiro procurar um bocadinho que é para não levarem a "papinha" feita.(...) (13.S21)
- (...) é também nesse sentido [*de lhes dar autonomia*]. Tanto que primeiro deixo eles procurarem, dou-lhes essa liberdade. (15.S21)
- (...) em que dou o tema e eles próprios querem arranjar o material e organizar a aula... e só depois de terem aquilo muito bem cozinhado vêm falar comigo, e eu às vezes quase que nem faço críticas. Só aconselho em pequenos aspectos que se prendem com a condução da aula. (...) (37.S8)
- (...) Eu nisso [*obrigar os formandos a seguirem a "sua" planificação*] não imponho. (...) (22.S20)
- (...) Sim, sim [*quanto a deixá-los tomarem opções*]. Até porque eu acho que eles (...) tentam dar o máximo e fazer o melhor que podem. Porque eu lembro-me de mim, que quando andava na Escola do Magistério esfolava-me por fazer o melhor. (...) (25.S20)
- (...) Muitas vezes aceito as sugestões (...) (16.S21)
- (...) Aceito, sim... [*as opiniões e as sugestões que os formandos trazem*] desde que não seja erro... e mesmo quando é erro (...) (29.S20)
- (...) Trocamos ideias, negociamos o que se vai fazer. (...) (18.S21)
- (...) Sim... às vezes, quando há necessidade disso [*recorre à comunicação não verbal*]... faço um sinal e eles percebem logo... (38.S6)
- (...) Exacto. É isso [*passar a mensagem aos formandos de que estão à vontade e de que é aberta para eles*]. (24.S8)
- (...) Portanto, na relação de aconselhamento, de procura de estratégias, de pesquisa de material, eu procuro, de uma maneira geral, ser igual para todos. (...) (39.S8)
- (...) dou-lhes conselhos, (...) aconselho-os ao nível da nossa vida escolar, da minha experiência (...) (12.S20)
- (...) No aspecto de aconselhamento, de diálogo, de dicas sobre as futuras actuações deles, eu acho que tenho sido sempre igual para todos. E tenho ajudado sempre todos da mesma maneira. (...) (34.S8)

- (...) Sim... eu procuro [ter o mesmo comportamento relacional para com todos]. Há uns mais acanhados que talvez tenham mais dificuldades em dirigir-se, mas eu procuro desbloquear isso e pô-los todos ao mesmo nível. (26.S21)
- (...) Só que depois... pronto, também exijo que eles façam minimamente bem, não é? (24.S20)
- (...) Eu até penso que... ao não exigir isso, estou a dar uma grande liberdade aos alunos. (...) (64.S20)
- (...) e também uma prova de confiança. (...) (65.S20)
- (...) [Quanto a constrangê-los ou inibi-los] Eu acho que não. Em princípio não. (...) (27.S21)

4. ATITUDES DE ENCORAJAMENTO

4.1. ELOGIAR

- (...) Sim... quando gosto das coisas [elogia o trabalho dos formandos] (...). (51.S6)
- (...) quando eu digo que gostei disto... ou gostei daquilo... ou que a aula correu bem...que os alunos se motivaram... participaram bastante... isto... acho que estou a encorajar e a demonstrar que estou satisfeita com o trabalho deles. (...) (55.S6)
- (...) E eles percebem isso... se eu estou satisfeita... realmente acho que se sentem encorajados com isso. E na maneira como lhes digo as coisas... julgo que eles se sentem encorajados. Julgo que sim. (56.S6)
- (...)Elogio muito o que correu melhor (...). (52.S20)
- (...) [Sobre elogiar o trabalho dos formandos] Sim. Digo: "Gostei... sim senhor... gostei... os miúdos estiveram interessados." E não é só quanto à apresentação dos materiais, é quanto à maneira como os aplicam e dão a aula. (35.S21)
- (...) E se, por exemplo, há alguma coisa que eles acharam que correu mal, e se eu sou da mesma opinião, pois evidentemente que não vou dizer que estava bem, mas de qualquer maneira, enalteço sempre qualquer coisa.. (...) Não "enterro" ainda mais a crítica dele. (...) (32.S8)
- (...) Com certeza [quanto a elogiar o trabalho dos formandos]. Até mesmo às vezes, quando eles não foram muito bem, há sempre qualquer coisa de positivo: ou o tom de voz, ou o interesse demonstrado, o empenhamento deles... há sempre qualquer coisa que deve ser elogiada. (49.S8)
- (...) [Ser o elogio uma forma de encorajamento] Sim... porque eles para a próxima vão continuar assim. (36.S21)

4.2. INCUTIR CORAGEM

- (...) Quando é preciso dar assim uma achega... ou intervir nalguma coisa... dá-me ideia que elas depois, a partir dali, já se sentem melhor. (54.S6)
- (...) e nessa altura eu vou dar uma ajudinha. Às vezes até vou ali à frente da turma e falo assim em particular com o estagiário: "Não se preocupe... faça isto..." (...) (60.S20)
- (...) E depois, desmistificar também a situação, pois uma aula não é nenhum bicho de sete cabeças e que a pessoa se estiver bem preparada, bem documentada, é meio caminho andado. (...) (44.S8)
- (...) Pronto, faça-lhes ver que os nervos só atrapalham (...) (45.S8)
- (...) [Face a situações de desmotivação dos formandos] (...) acho que posso transpor isso para os meus alunos - os mais desmotivados, os que têm mais dificuldades - e é com palavras. Digo-lhes: "Deixa lá, não desanimes. Não és capaz de fazer à primeira... fazes à segunda... fazes à terceira". Uma pessoa tem é que se esforçar por melhorar... e tem que mostrar que fez esse esforço. (...) Mas geralmente é: "Tu tiveste dificuldade nisto, mas foi muito positivo este outro aspecto." (51.S20)
- (...) Há o geral, sim, que eu digo para todos: "Trabalhar numa sala de aulas não é um bicho de sete cabeças... e toda a gente erra... e eu às vezes também não faço bem... vamos ver se para a próxima corre melhor..." (...) (54.S20)

- (...) [*Outras formas de encorajamento*] (...) Só aquele género de frases... "Vá... isto vai correr tudo bem... prá frente é que é..." Às vezes digo. E sempre pela positiva e não pela negativa, claro. (...) (43.S21)
- (...) Parto do diálogo [*para encorajar os formandos*]. (...) (54.S8)

4.3. INCUTIR CONFIANÇA

- (...) Isso geralmente acontece no início... ou na primeira semana em que trabalham... ou na primeira aula... quando os vejo nervosos, tento pô-los à vontade ... (...) (44.S6)
- (...) Pois quase sempre [*quanto a incutir confiança quanto ao trabalho a desenvolver*], nas primeiras aulas a tempo inteiro, em que eles vêm sempre muito nervosos, muito receosos, a pessoa faz sempre referência àquelas semanas de trabalho cooperativo e enaltece sempre aspectos positivos; faz também referência aos aspectos negativos, não no sentido de criticar, mas para que nessa semana "a sério" eles já não apareçam. (...) (50.S8)
- (...) E então eu penso que a pessoa acaba por ficar um bocadinho mais à vontade, e se começa nervosa acaba por, aos poucos, se sentir mais à vontade, à medida que vai dominando a turma. Eu acho que isso é muito positivo. (51.S8)
- (...) muitas vezes dou-lhes os tópicos para a semana, mas às vezes a primeira aula correu tão bem... que até lhes digo: "*Olhem, amanhã podem imaginar à vossa maneira...*" Eu acho que isto já é sinal de confiança da minha parte. (...) A planificação é feita para os dias todos, (...) mas às vezes as coisas correm tão bem no primeiro dia que eu digo: "*Se vocês acharem que devem alterar, ou desenvolver mais qualquer coisa...*" E eles às vezes até alteram completamente aquilo que inicialmente tínhamos combinado. Portanto eu acho que isso também é uma forma de confiança no trabalho deles e, portanto, de encorajamento. (53.S8)
- (...) E digo-lhes logo que a minha vontade é que eles se sintam bem comigo (...) (43.S20)
- (...) [*Outras formas de encorajamento*] quando lhes digo isso, eles dizem: "*Ainda bem professora, fiquei tão contente... eu estava com medo...*" Eles respondem-me assim, por isso acho que se sentem encorajados. (...) (57.S20)
- (...) [*Perante um formando inseguro, a carecer de encorajamento*] (...) Nesse aspecto, acho que elas, depois de conversarem comigo, ficavam já mais um bocadinho à vontade. E à medida que iam dando as aulas, iam-se sentindo mais à vontade (...). (30.S21)
- (...) Acho que sim [*que mostra ter confiança nos alunos em formação*]. Muitas vezes, no início da aula, até lhes digo "*Meninas.. mostrem lá como é que ficou o cartaz...? Sim senhor... está muito bem...*" Ora ali, manifesto logo essa confiança... se estou de acordo... se gosto... se vem uma gralha ou outra..." "*Põe lá assim...*" portanto, para encorajar, para ajudar ou para dizer... (...) (49.S6)
- (...) com calma [*forma de encorajar*] ... (...) (57.S6)
- (...) Outras vezes ponho até o dedo no ar quando vejo que estão atrapalhados... e faço como se fosse um aluno: "*Senhora professora, posso fazer uma pergunta?*" E faço uma pergunta que tinha uma resposta mais do que simples e a partir daí dou a informação que notei que não dominavam bem. Isto faço muito naturalmente, como se fosse mais um elemento da aula; quando os vejo atrapalhados faço assim... e acho que eles se sentem encorajados a continuar. (56.S8)
- (...) E acho que não sou uma pessoa com muitas ideias e eles podem trazer ideias novas para a sala, e coisas giras e interessantes (...). (26.S20)
- (...) [*Sobre o mostrar-lhes confiança, no momento da preparação das aulas*] Sim... mas é também conforme. (...) (37.S21)
- (...) Sim, é isso. Sim. Sim [*Quanto a mostrar-lhes confiança*]. Quando acho que eles fazem muito bem, digo sempre que eu não era capaz de fazer tão bem. Lá por eu ser professora e ter 28 anos de serviço, não quer dizer que seja melhor que eles. Não sou. Tenho é mais prática. Sou capaz de dar a volta às coisas mais facilmente e mais rapidamente que eles. Mas que há certas coisas que eu até aprendi com eles, é verdade (...). (56.S20)

- (...) Quando dão a primeira aula... ou a segunda... e os sinto inseguros... não é inseguros por mal preparados. É que às vezes têm pouca bagagem... não dominam bem o que têm que dar... Acontece isso. (...) às vezes digo: “*Logo será melhor para a próxima*”. Quando vejo que as coisas não correm bem... às vezes precisam de ser “picados” (...). (38.S21)
- (...) [*Sobre “picar” e “espevitir”*] É mostrar-lhes que têm às vezes capacidades e que o que é preciso é investir (...). (39.S21)
- (...) é ter gosto por aquilo que se faz. (...) (40.S21)
- (...) É depois transmitirem cá para fora essas potencialidades que têm (...). (42.S21)
- (...) E quando a gente os incentiva e diz que eles têm mais capacidades e que são capazes de as aproveitar... eles esforçam-se por corresponder às nossas expectativas (...). (44.S21)

4.4. AJUDAR

- (...) e se for preciso intervir nalguma coisa e dar uma ajuda, dou. (45.S6)
- (...) ou dou uma dica qualquer [*para encorajar um aluno que “bloqueou”*]... não fico parada. (47.S6)
- (...) não destruindo [*forma de encorajar*] ... (...). (58.S6)
- (...) [*As atitudes para encorajar os formandos*] Assentam no diálogo e digo-lhes: “*Não... isso não vai ser nada; se for preciso eu dou uma ajudinha*”. E faço isso, principalmente para manter a disciplina na sala, quando os estagiários estão a dar a aula e se as crianças não estão sossegadas. É mais difícil, enervam-se. (...) (31.S21)
- (...) e aconselhando a fazer desta ou daquela maneira [*forma de encorajar*]. (59.S6)
- (...) E eu, disfarçadamente, e sem os miúdos se aperceberem, vou ter com eles e dou-lhes esses conselhos. (62.S20)

4.5. PERCEPÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

- (...) Eu acho que não; há uns que gostam mais... outros que precisam mais [*de ser encorajados*]. Isso vai neles. Uns têm mais receios... preocupam-se mais (...). (48.S6)
- (...) Não! Pois com certeza que não! [*quanto a encorajar todos os formandos da mesma maneira*] Há aqueles que... têm gosto, têm jeito... que até parece que vêm já com prática. Esses não... a pessoa dá-lhes um topicozinho, deixa-os falar, e logo na preparação da aula a gente vê que eles estão à vontade. (...) (46.S8)
- (...) Ao passo que aqueles que são nervosos, pois a pessoa tem que ter muito mais cuidado com eles, desmistificar mais a situação, não fazer um papel de observador, disfarçar até a observação, ajudar, colaborar, ser... mais um elemento que anda por ali assim... tentar dar uma ajuda, mesmo a nível do comportamento dos alunos... que às vezes o comportamento tem muita influência... Pronto, a pessoa lá vai... e aconselha, e eles depois acabam por - quando sentem a turma interessada e segura - acabam mesmo por se esquecer que estavam nervosos. (...) (47.S8)
- (...) Agora, acho que também pode haver o caso daqueles que “a competência chegou ali e parou”, que já se acham muito bons. Aí, a pessoa tem que se refrear, e frisar uma vez e outra que ninguém sabe tudo e que aprendemos muito uns com os outros. E que todos juntos sabemos muito mais. Ao longo da nossa vida - aliás faço-lhes ver sempre que tenho aprendido muito com os garotos. Que lhes tenho ensinado muito, mas que também tenho aprendido muito com eles - e faço-lhes ver isso, que o professor não é nenhuma enciclopédia ambulante (...). (48.S8)
- (...) Ah, não! Isso não! [*quanto a serem encorajados do mesmo modo*] Depende da maneira de ser da pessoa... da capacidade que cada um revela. Uns são mais inibidos... outros são mais extrovertidos e até têm um bocadinho a mania que são bons... e não precisam tanto. Eu acho que cada ser é um ser diferente, e há sempre uma maneira de contactar com cada um, que não pode ser precisamente igual... pode ser aproximada, mas... tem de se ir um bocado ao encontro do feito, à maneira de ser,

individualizar até o encorajamento e a relação. Eu acho que nesse aspecto não é uma coisa geral. (...) (53.S20)

- (...) E depois há a parte mais individualizada, que foi o que eu disse há pouco. É mais esse aspecto (...). (55.S20)

4.6. LEVAR À DESCOBERTA

- (...) E mais... pois... às vezes, se durante uma aula vejo que se atrapalham digo: “*Olhe... o (aluno) disse isto... e se fossemos fazer assim... Vamos lá todos pensar...*” (...) E acho que esta intervenção também lhes dá a tal forcinha para continuarem (...). (58.S20)
- (...) [Após a aula, no sentido de levar os alunos a reflectirem sobre determinado aspecto da mesma] Quando são coisas que às vezes não correm assim muito bem, digo-lhes: “Olha lá, o que é que tu achaste? Porque é que estiveste a repetir aquilo tantas vezes?” Geralmente chamo a atenção. Para ver se eles chegam lá e percebem porque é que aquilo não correu bem (...). (26.S6)
- (...) É também fazê-las trabalhar mais um pouco... pesquisar isto ou aquilo. (...) (41.S21)

4.7. RECURSO À COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

- (...) se calhar faço algum gesto... (...) (46.S6)

4.8. COMPETÊNCIA PEDAGÓGICA, CIENTÍFICA E HUMANA

- (...) uma vez que a gente esclarece [*em termos científicos*], elas já ficam mais à vontade e já pegam melhor nas coisas. (...) (53.S6)
- (...) Agora, estou a lembrar-me que às vezes até tomo parte da aula naturalmente, para manter a aula e não deixar que se vejam perante uma situação embaraçosa... quando, por exemplo, não estão muito bem dentro de determinados assuntos. Eu entro no diálogo normalmente. (...) (55.S8)
- (...) Sim, acho que sim [*serve-se da competência científica para encorajar*]... faço isso de modo a que a turma não se aperceba e não deixe os estagiários ficar mal. (57.S8)

4.9. OPINIÃO DOS ALUNOS

(...) [*Ainda quanto a formas de encorajamento*] (...) por exemplo, quando às vezes peço aos miúdos para fazerem o balanço do dia, no final; os miúdos, que são sempre muito francos, falam e dão os seus pontos de vista. Eu acho que aí eles também podem ver - para não pensarem que sou só eu - que também se podem sentir encorajados com a opinião dos miúdos; até porque eu digo-lhes que eles são sempre muito sinceros, muito francos e muito justos nas apreciações, e que portanto também pode servir para os encorajar para prosseguirem - ou não - naquela linha. (...) (52.S8)

6. ATITUDES DE EMPATIA

6.1. SENSIBILIDADE

- (...) [*Percebe que estão*] nervosos. Mais nervosos do que angustiados. Isso é que eu acho que se nota... ou pela maneira de falar; ou qualquer coisa que dizem e ficam indecisos. Às vezes até olham para mim. É mais o nervosismo. Em relação à maneira como vão trabalhar ... ou quando os alunos não reagem bem e eles ficam um bocadinho aflitos (...). (61.S6)
- (...) Sim, sim, é isso [*capta o olhar, o vacilar que traduz o nervosismo, a insegurança...*]. (62.S6)
- (...) Tenho [*sensibilidade*] por elas, mas também tenho por outra pessoa qualquer. Não sou aquele género... “*Ai, tem que se fazer assim...*” E é aquilo e mais nada. (...) (64.S6)
- (...) [*Forma de revelar a sensibilidade*] Sim... e... converso. Se for necessário converso um bocadinho e faço ver, se calhar... que se é mau por um lado... as coisas também são superadas... e o tempo acaba por compor. (66.S6)

- (...) Acho que sim... que é por isso que a gente está aqui com eles... É... para ficar satisfeita quando os vê bem... e pensamos: “*Andaram aqui... isto serviu para alguma coisa... para os despertar... para lhes dar o gosto por trabalhar com crianças...*” (...) (69.S6)
- (...) [*quanto a perceber o alunos em formação*] às vezes eles não saem de perto da secretária e têm até um papelinho, tipo cábula. Isso para mim é indicador dessa insegurança. Vejo logo até que ponto é que eles vêm inseguros, não é? Quando não se libertam da folhinha e não saem de perto da secretária... é como um escudo protector... Outras vezes, pelo tom de voz... começam alto e depois vai diminuindo. E aí intervenho. Participo no diálogo com os alunos, mas sem dar a entender que percebi a insegurança deles. (58.S8)
- (...) Ai sim, sou [*sensível quanto aos problemas pessoais*]. (59.S8)
- (...) Mas só quando vejo que precisam mesmo dessa ajuda... é que às vezes já me parecia a mais e aí... ponto final. (...) (61.S8)
- (...) porque (...) às vezes a pessoa assim não consegue ser tão justa como deveria ser. (66.S8)
- (...) acho que [*essa atitude*] me vai tornar menos isenta, sim. E eu não vou ser tão imparcial como seria se fosse uma pessoa mais dura, que não deixasse exteriorizar os sentimentos (...). E quando se trata de “dar a nota” é uma dor de cabeça. (...) (67.S8)
- (...) Mas apesar disso acho que há maneiras de destrinçar as coisas. A pessoa tem uma fracção de tempo em que vê que tem que ser justa, porque são professores que vão sair daqui e não pode ser só elogios. (...) (68.S8)
- (...) E eu já vou começando a ter mais coragem e apontar também alguns aspectos negativos. Mas dou sempre uma pincelada cor-de-rosa. (69.S8)
- (...) [*Quanto a confundirem boa relação com permissividade*] Isso depende muito da maneira de ser deles e da formação deles. Eu ainda não senti isso. Penso que não. Porque também se sentisse, arrepiava caminho. (70.S8)
- (...) [*Quanto a perceber a insegurança e nervosismo dos formandos*] Eles ficam parados... outras vezes começam a mexer muito nos cabelos... ou a andar um bocado de um lado para o outro. Olham para mim (...) (59.S20)
- (...) [*Sensibilidade quanto aos problemas pessoais dos formandos*] Sou muito sensível! (67.S20)
- (...) [*Formas de lhes mostrar essa sensibilidade*] Indo ter com eles (...) (68.S20)
- (...) falando sobre o assunto (...) (69.S20)
- (...) preocupando-me com eles. (...) (70.S20)
- (...) Dizendo para não se enervarem, porque isso pode prejudicar a aula e não resultar como esperavam (...) (71.S20)
- (...) [*Quanto a sentir os sentimentos dos formandos*] Ah, sim, sim. Sim, sim... eu sinto sempre isso. Da maneira que eu sou, vibro logo. Eu vibro logo. Isso vibro. E vibro mais quando eles fazem bem e ficam alegres, do que quando eles fazem mal e ficam tristes. (...) (77.S20)
- (...) [*Sobre captar sentimentos de insegurança e de nervosismo nos formandos*] às vezes noto isso na repetição... quando começam a mastigar sempre a mesma coisa... em vez de ir para a frente e darem dados novos (...). Pisam e repisam a mesma coisa... isso para mim é um sinal de que estão nervosos. (45.S21)
- (...) [*Sobre o que leva a perceber que o formando está nervoso*] Talvez um bocado de gaguez... sei lá... isso só vendo. Quando a gente vê... percebe nessa atitude. Querem dizer as coisas e parece que não sai nada. (...) (46.S21)
- (...) E até a postura. A maneira como eles comunicam, nota-se na postura e na voz. (47.S21)
- (...) [*Sobre ser sensível relativamente aos problemas pessoais dos formandos*] Olha... eu ouço-os... sou talvez sensível... mas isso não interfere na maneira de classificar. (...) (48.S21)
- (...) Agora se me vêm cá com adulações, já não pega, que eu isso também percebo muito bem. (52.S21)

- (...) Eu acho que jogo muito com a sinceridade. Se eu vejo que o estagiário é sincero... agora se ele diz: "Oh professora... não posso isto... ou aquilo" e depois sei que ele vai para aqui ou vai para acolá, a ajuda... já não a dou. Agora quando eu vejo que é por necessidade... que tem dificuldade... ou que não pode... então... colaboro. Se vejo que é para dar "graxa"... também não. (54.S21)
- (...) Sim... sim... verbal [a ajuda é sempre verbalizada]. (55.S21)
- (...) Mas eu estou aqui... e também não posso estar sempre no papel de quando eu era estagiária... que eu tenho que ser isenta e distanciar-me. (57.S21)

6.2. COMPREENSÃO

- (...) Sou [capaz de perceber as inseguranças e o nervosismo dos formandos]. E dou um desconto a certas coisas ou incorrecções científicas, como dizia há pouco. (60.S6)
- (...) [Necessidade de ajuda por parte dos formandos] Pois se elas chegarem perto de mim e me disserem: "Oh professora, esta noite tive um trabalho para fazer... deitei-me às quatro da manhã... estou aqui... assim..." Eu depois converso com elas... tento saber porquê (...).(67.S6)
- (...) E se não corre bem... se por qualquer motivo não corre bem... tento conversar... (70.S6)
- (...) Digo: "Olha que isso também não é bem assim..." [perante a euforia ou a frustração de um aluno]. Isso também é dito nas reflexões. Correu tudo muito bem... mas vamos ver se passados dias continuam a conseguir pôr em prática aquelas coisas que correram muito bem. Só têm que continuar a investir... (72.S6)
- (...) Mas falo sempre com eles quando apanho essa situação... faço-lhes ver que na vida passamos por muitas etapas e que nem todas são boas... que há etapas melhores e etapas piores. Quer dizer, não apoiava o facto dela estar com problemas, compreendia, evidentemente, mas fazia ver que ao longo da nossa vida, quantas vezes a gente vem para aqui sem estar em condições e com montes de problemas. E a pessoa não se pode entregar aos problemas e cruzar os braços (...). (62.S8)
- (...) Quando olham assim para mim... pronto, vê-se logo. (...) (61.S20)
- (...) [Quando à compreensão da necessidade de ajuda por parte dos formandos] Sim...sim... sim! Quando me contavam essas coisas, eu ouvia sempre e dava a minha opinião. E se eu sentisse que estavam a precisar de ajuda... é que isso vê-se logo. (...) (73.S20)
- (...) Para já, dava abertura suficiente para virem ter comigo e exporem essas preocupações... e lá ia dando os conselhos adequados. Na minha maneira de ser, eles sentiram que podiam contar essas coisas, que tinham essa abertura. (...). (74.S20)
- (...) Aí, eu não fico triste Aí vou logo dizendo: " Qual... cá tristezas, não... isso não correu tudo mal. A maior parte até correu bem... lá por uma coisinha ou outra... mas não correu mal. Então e isto e isto? Então os miúdos não gostaram tanto? Isso não é para estar descontente e desmotivada." " Oh professora, mas eu esforcei-me tanto..." "Oh filha, mas as coisas acontecem. E até na nossa vida particular... Nós às vezes esfolamo-nos a trabalhar e as coisas não resultam. Mas pronto... para a próxima já vai ser melhor." (...) (78.S20)
- (...) mas quando eles ficam tristes, eu não fico triste. Digo-lhes essas coisas, para os animar (...). (80.S20)
- (...) Às vezes compreendo, ou porque está doente... ou porque lhe dói a barriga... ou porque está com uma gripe. Pois a pessoa não pode dar aquilo que daria se estivesse bem. Nessa altura dou um desconto, porque vejo que já fez um esforço enorme para estar a dar a aula. (49.S21)
- (...) [Formas de revelar essa sensibilidade] E dou-lhes a entender que compreendi porque é que não saiu tão bem... nesse aspecto dou-lhes a entender. E depois digo-lhes: "Deixe estar que para a próxima vez já faz melhor". Já lhes tenho dito isso. Porque às vezes quase que era preferível faltarem. Mas não. Vêm fazer esse sacrifício e eu tenho que compreender. É que ninguém se livra dessas situações. (50.S21)
- (...) Sim, sim, eu compreendo [quando necessitam de ajuda]. Não sou uma pessoa que veja assim... só naquela linha. Quando vejo que há verdade, eu compreendo. (...) (51.S21)

- (...) [*A relação construída chega ao ponto dos formandos pedirem ajuda explicitamente*] Às vezes até chega. (...) (53.S21)

5.3. PÔR-SE NO LUGAR DO OUTRO

- (...) Julgo que sim [*ser capaz de se sentir na pele de um formando*], porque a gente já passou por aquilo. E até com um estágio diferente deste... e que tínhamos tanto medo das professoras... (68.S6)
- (...) Se calhar... ali logo na altura... não [*se sente frustrada, perante a frustração dos alunos*] (...). A gente aqui dá a massa humana... dá a experiência. (71.S6)
- (...) Normalmente procuro identificar-me, pôr-me no papel deles, dizer-lhes que toda a gente se sente assim. Identificar-me, pôr-me muito ao nível deles [*para os encorajar*]. (...) (43.S8)
- (...) Eu acho que sim [*quanto a ser capaz de se colocar no lugar deles*]. (64.S8)
- (...) [*E isto*] porque às vezes tenho que fazer uma crítica menos construtiva, e dá-me pena da reacção... tenho medo de os traumatizar, percebes? Acho que isso prova que eu, muitas vezes, me estou a meter no papel deles (...). (65.S8)
- (...) [*Sobre colocar-se no lugar dos formandos*] recordei-me muitas vezes de quando eu andei no Magistério. (...) E pensava assim: "Ai, coitados, eu também tive tantas dificuldades... também estava tão longe dos meus pais... também tinha pouco apoio..." E isto de uma pessoa estar frente a uma turma... e depois lembrava-me da primeira vez que eu me vi frente a uma turma. (...) Mas sim, lembrei-me muitas vezes da minha Prática, do meu primeiro dia de aulas (...). (75.S20)
- (...) Sim, sim, eu ponho-me muito na pele deles. Ponho. Ponho, porque eu também já passei por isso e sei como é que era. (76.S20)
- (...) Não! Quando eles ficam contentes, eu fico contente (...) (79.S20)
- (...) Ora eu, quando dei a minha primeira aula... ponho-me no lugar delas, não é?... (32.S21)
- (...) [*Quanto a colocar-se no lugar deles*] Sim... às vezes, quando faço a reflexão, às vezes entendo... e dá-me para pensar isso. (...) (56.S21)
- (...) [*Sobre sentir-se alegre ou frustrada, conforme os formandos assim se sentem*] É verdade que também sinto. Quando vejo que eles estão tristes... eu às vezes também penso: "Será que a culpa também é minha?" (58.S21)
- (...) Sinto-me [*triste, quando eles estão tristes*]. Porque às vezes tenho outras expectativas em relação àquele aluno, e sinto-me triste porque começo a pensar, quando vejo que é uma pessoa interessada, trabalhadora, e que depois não resulta tão bem, começo a pensar se será porque fui eu que lhe dei as indicações mal dadas. E fico assim um bocadinho triste. (59.S21)
- (...) [*Sobre ficar alegre, quando eles estão alegres*] Sim... confraternizo com eles... realmente... a turma é minha, não é? E o produto tem que estar aqui. (60.S21)

5.4. PERCEPÇÃO DOS PROBLEMAS PESSOAIS

- (...) Quando isso surge, sou [*sensível aos problemas pessoais*]. Sou porque também comigo... às vezes acontece qualquer coisa que uma pessoa traz lá de fora... e ando preocupada... e eu nesse dia também não estou igual (...). Mas em relação às alunas... às formandas... se elas me dizem que tiveram um problema ou que tiveram uma coisa qualquer que não lhes correu bem... por qualquer motivo lá em casa... geralmente é isso... (63.S6)
- (...) como é que revelo [*o ser sensível aos problemas pessoais dos formandos*]... já uma vez aconteceu, com uma aluna, ela ter sempre tantos problemas... que eu chegava aqui e era confrontada com uma moça que não estava em condições de dar as aulas... pois nessa altura começava eu... e à medida que o dia ia decorrendo, os colegas de grupo iam assumindo. (...) (60.S8)
- (...) [*Quanto à percepção da necessidade de ajuda*] às vezes eles são francos e dizem... para além daquilo que já te disse antes. Muitas vezes são eles próprios que dizem... determinados desabafos. É com base nesses desabafos; às vezes não dá para a pessoa saber doutra maneira. (63.S8)

- (...) Às vezes até digo que também tenho dois filhos da idade deles... e que compreendo muito bem a situação em que estão... a situação de estudo e de tirar um curso em que a nota vale muito para o futuro... ou porque para além disso alguns estão longe da família... e que compreendo que muitas vezes eles até seriam capazes de dar melhor se estivessem noutras circunstâncias (...). (45.S20)

